

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Marcos Antônio Maffisoni

**EPICURO:
SABEDORIA E FINITUDE**

Santa Maria, RS
2017

Marcos Antônio Maffisoni

**EPICURO:
SABEDORIA E FINITUDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, na Área de Concentração em Filosofia Teórica e Prática, Linha de Pesquisa: Ética Normativa e Metaética, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Filosofia.**

Orientador: Prof. Dr. Miguel Spinelli

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Maffisoni, Marcos Antônio
Epicuro: sabedoria e finitude / Marcos Antônio
Maffisoni.- 2017.
127 p.; 30 cm

Orientador: Miguel Spinelli
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Filosofia, RS, 2017


1. Epicuro 2. Sabedoria 3. Finitude 4. Atomismo 5.
Hedonismo I. Spinelli, Miguel II. Título.

Marcos Antônio Maffisoni

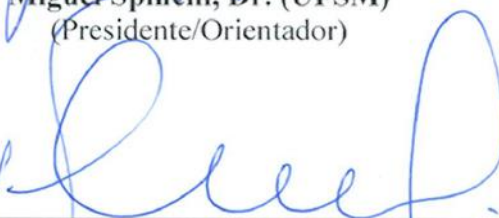
**EPICURO:
SABEDORIA E FINITUDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, na Área de Concentração em Filosofia Teórica e Prática, Linha de Pesquisa: Ética Normativa e Metaética, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Filosofia**.

Aprovado em 17 de março de 2017:



Miguel Spinelli, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Flávio Williges, Dr. (UFSM)



Reginaldo Alicandro Bordin, Dr. (CESUMAR/PUC-PR)

Santa Maria, RS
2017

Para Catarina Maffisoni (*in memoriam*),
por me ensinar que o amor é seu próprio fim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, ao Centro de Ciências Sociais e Humanas e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela oportunidade de cursar o Mestrado e desenvolver este trabalho, pessoalmente caro para mim.

Agradeço ao meu orientador Miguel Spinelli, pela honra que me proporcionou por acolher e orientar minha proposta de pesquisa, por me ensinar a dosar prudentemente o rigor teórico necessário com a ousadia genuína do pensamento filosófico, pelos extensos e impagáveis ensinamentos, pelo incentivo cotidiano, pelas palavras de ânimo nos momentos de dificuldade e, sobretudo, pela alegre amizade.

Agradeço aos professores Flávio Williges, Reginaldo Aliçandro Bordin e Jair Krassuski por aceitarem participar de minha banca, bem como a todos os professores com os quais tive a oportunidade de conviver e aprender nestes dois últimos anos. Em especial, à professora Janyne Sattler, por compartilhar anseios e perspectivas que marcaram profundamente minha forma de conceber e tratar de questões relativas à moralidade.

Agradeço ao grande amigo e incentivador Luciano Jaeger – meu ‘mano’ – pela afetuosa e dedicada amizade, pelos ensinamentos desde o tempo da graduação e pelos auxílios de variadas ordens nos momentos mais necessários e pontuais – inclusive por me levar de Chapecó à Santa Maria na ocasião da prova de seleção do mestrado!

Agradeço à minha mãe Salete e ao meu pai Nilson, por não medirem esforços para que eu pudesse estudar e, mais que qualquer outra coisa, pelo amor fraterno e incondicional que me aconchegou na saudade e na distância destes últimos anos. Também à minha irmã Márcia, por insuflar meu ânimo ao proporcionar-me, no final do mestrado, a chance de ser tio pela primeira vez, e ao meu avô – o ‘nono Alério’ – por sempre me receber com bom ânimo, boas histórias e bons vinhos para recarregar as baterias!

Agradeço à minha namorada Roberta – a mais alegre e amorosa surpresa que Santa Maria me apresentou – pelo carinho, pela parceria, pela compreensão nos tempos de escrita e, sobretudo, pela paciência de ouvir meus monólogos sobre Epicuro.

Agradeço ao grupo GERMINA, pelo convite, pelas reflexões, pelos estudos e práticas desenvolvidas que me ajudaram, certamente, a crescer humana e intelectualmente, além das novas e caras amizades que me proporcionou.

Agradeço, ainda, a todos os amigos e colegas que o espaço não permite nomear, mas que ajudaram de uma forma ou outra na realização deste trabalho e compreenderam as forçadas ausências e os tempos de silêncio.

Por fim, agradeço a CAPES pela bolsa de estudos, e aos governos, democraticamente eleitos, propulsores das políticas educacionais que na última década abriram as portas da universidade pública para tantos, também para mim.

[...] carecemos apenas do orgulho do homem, que é fidelidade a seus limites, amor clarividente de sua condição.

(Albert Camus, *O Verão*)

RESUMO

EPICURO: SABEDORIA E FINITUDE

AUTOR: Marcos Antônio Maffisoni

ORIENTADOR: Miguel Spinelli

Este trabalho apresenta uma interpretação da filosofia de Epicuro a partir do modo de vida que o epicurista assume, marca maior da doutrina. Tendo em vista que a unicidade de um projeto de sabedoria é sua característica fundamental, apresentou-se todo o aporte teórico da doutrina epicurista considerando suas razões e seus fins práticos. Dessa forma, para compreender e expor apropriadamente esse modo de vida, procurou-se tratar das bases teóricas que sustentam o pensamento de Epicuro e que representam a tentativa de compreender a natureza humana em sua realidade material e sensível, a partir dos pressupostos da *física* e do *cânon*, relevando predominantemente suas consequências e conclusões existenciais e morais. Nesse sentido, destacou-se, a partir do atomismo que Epicuro assume, a tese da mortalidade da alma e a derivada ideia da finitude, fundamental para compreender o modo de vida epicurista em sua pretensão de viver prazerosamente o presente. Refletiu-se, também, a partir dos postulados do *cânon*, como Epicuro chega a enunciar o prazer como referência máxima da natureza humana, e, com elevo, tratou-se do hedonismo epicurista, que não intenciona simplesmente prazeres, mas uma vida prazerosa. Na sequência, considerou-se a *ética* epicurista de forma a destacar, primeiramente, a disposição grata que o epicurista assume em relação à vida. Em consequência, analisou-se o desenvolvimento do projeto de sabedoria a partir das considerações acerca dos desejos e do exercício da *phrónêsis*. Por fim, abordou-se o afastamento parcial do epicurista da *pólis*, justificado pela renúncia aos ideias de poder, reconhecimento e riqueza, e concluiu-se, esse trabalho, com a caracterização máxima do modo de vida proposto por Epicuro: a posse da amizade, que é, ao mesmo tempo, o coroamento da ética e a vivência que faz do epicurismo, mais do que um sistema de pensamento, uma sabedoria vivida que se transforma em um movimento.

Palavras-chave: Epicuro. Sabedoria. Finitude. Hedonismo. Atomismo.

ABSTRACT

EPICURUS: WISDOM AND FINITUDE

AUTHOR: Marcos Antônio Maffissoni

ADVISOR: Miguel Spinelli

This work presents an interpretation of Epicurus' philosophy from the way of life that Epicurean assumes, the major mark of the doctrine. Given that the uniqueness of a project of wisdom is its fundamental characteristic, the whole theoretical contribution of the epicurean doctrine was presented considering its reasons and its practical purposes. Thus, in order to appropriately comprehend and expose this way of life, it was sought to deal with the theoretical bases that support the thought of Epicurus and which represent the attempt to understand the human nature in its material and sensible reality, from the presuppositions of the physics and the canon, predominantly accentuating its existential and moral consequences and conclusions. In this way, from the atomism which Epicurus assumes, it was emphasized the thesis of the mortality of the soul and the derivative idea of finitude, fundamental to understand the epicurean way of life in its intention to pleasantly live the present. It was also reflected, from the postulates of the canon, how Epicurus comes to enounce the pleasure as the ultimate reference of human nature and, mainly, it was contemplated the epicurean hedonism, which intended not only pleasures but a pleasant life. In sequence, it was considered the epicurean ethic in a way to highlight, at first, the grateful disposition that the Epicurean assumes in relation to life. In consequence, it was analyzed the wisdom project development starting from the considerations about the desires and the exercise of the *phronesis*. At last, it was approached the partial removal of the Epicurean from the *polis*, justified by the renunciation of the ideals of power, recognition and wealth; and this work was concluded with the ultimate characterization of the way of life proposed by Epicurus: the possession of friendship, which is, at the same time, the crowning of ethics and the experience that makes Epicureanism, more than a system of thought, a lived wisdom that becomes a movement.

Keywords: Epicurus. Wisdom. Finitude. Hedonism. Atomism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: O PROJETO DE SABEDORIA DE EPICURO.....	14
1.1 Uma filosofia vivida.....	14
1.2 A filosofia do que importa.....	19
1.3 A felicidade individual.....	24
1.4 A saúde da alma e o prazer.....	28
1.5 Das perturbações da alma e do princípio de <i>autárkeia</i>	34
1.6 Uma filosofia acessível.....	41
CAPÍTULO II: A FÍSICA E A CANÔNICA: DO ÁTOMO AO PRAZER.....	46
2.1 Dos limites e do possível.....	46
2.2 Do átomo ao infinito e do <i>todo</i> ao humano.....	52
2.3 A mortalidade da alma e a volta ao corpo.....	58
2.4 Nem deus nem destino: o acaso e a escolha.....	65
2.5 Do conhecimento do átomo ao reconhecimento do prazer.....	74
CAPÍTULO III: A ÉTICA: DA AFIRMAÇÃO DA VIDA À AMIZADE.....	82
3.1 Sobre o prazer de viver e a gratidão do sábio.....	82
3.2 Dos fins da natureza e da compreensão dos desejos.....	89
3.3 Das virtudes e da maior delas: a <i>phrónêsis</i>	97
3.4 Dos modos de vida e da vida sábia.....	104
3.5 Da amizade e da vida plena.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126

INTRODUÇÃO

Epicuro nasceu em 341 a. C., na ilha grega de Samos, colônia ateniense para a qual seus pais, uma década antes, a partir do projeto de colonização empreendido por Atenas, foram enviados. De origem humilde, Epicuro foi criado dentro de uma vida simples desde sua tenra idade, e, a bem da verdade, viveu seus setenta e dois anos sem nunca usufruir de muitos luxos ou de grandes riquezas materiais. Por certo, desde cedo compreendeu que a vida, para ser prazerosa, não carece de muitos adornos, não exige grandes fortunas nem luxuosos bens. Foi em vista disso que fez de sua filosofia, antes de tudo, um convite à vida simples e serena, ciente de seus limites, amorosa, mas não resignada, em relação à sua condição. Trata-se de um *convite* que teve em sua extensão o maior de seus méritos: as portas do Jardim estavam abertas a quem quisesse entrar e se apropriar de uma filosofia que era acessível a todos, independente da escolaridade, da origem, do gênero, da condição. Epicuro entendeu e ensinou que todos humanos partilham, na verdade, da mesma origem e condição: são todos feitos da mesma matéria, são igualmente finitos e possuem uma única vida, valiosa em sua finitude, sobretudo, porque pode ser prazerosa e alegremente vivida.

Mais que dar luz a uma filosofia de vida, o filósofo do jardim viveu os ensinamentos de sua doutrina, fez dela uma filosofia vivida e partilhada com os amigos que aceitaram seu convite e, junto dele, fizeram do epicurismo a afirmação de um modo de vida, de um movimento, balizado filosoficamente e vivido efetivamente. A característica maior do epicurista é o modo de vida que ele assume, porque o epicurismo se apresenta não apenas como uma proposta filosófica, como um sistema de pensamento, mas, sobretudo, como um modo de compreender e efetivamente viver a vida. No Jardim de Epicuro não se ensinava apenas os pressupostos da filosofia epicurista, mas se vivia, entre amigos, os ensinamentos da doutrina. Não era uma escola para a formação de filósofos, era uma comunidade para se viver com sabedoria entre outros sábios. Mas o sábio, para o epicurista, não é um ser iluminado, uma inteligência superior: é simplesmente aquele que efetivamente vive o seu saber, que colhe seus dias prazerosamente a partir do conhecimento da própria natureza, da compreensão de sua condição, do respeito a seus limites.

O objetivo deste trabalho, que aqui apresentamos, consiste fundamentalmente na compreensão e exposição do modo de vida que ao epicurista era requerido assumir. Mas esse intento demanda exercícios anteriores. Na base da filosofia epicurista está uma interpretação atomística do universo, que fornece conclusões existenciais fundamentais para o modo de vida epicurista. É a partir dessa interpretação atomística que Epicuro promove, em sua

filosofia, uma libertação dos mitos e superstições, das religiosidades vazias e do temor aos deuses, do medo da morte e, determinantemente, da esperança por outra vida. A compreensão da própria finitude é um dos pilares do modo de vida epicurista. É a partir da tese da mortalidade da alma, escorada nos pressupostos atomistas, que Epicuro, mais do que libertar do medo da morte, chama a atenção para a vida, para o momento vivido, para o dia presente. O epicurista não vive em função de realizações futuras, não orienta sua única vida em prol de outra vida, não vive para o amanhã porque compreende que dispõe de uma vida única, finita e que não lhe permite ser dono senão do seu presente: então anuncia que o bem viver não pode ser adiado.

Para não adiar o bem viver, no entanto, é preciso antes compreender qual é a melhor vida, qual modo de vida é conforme a natureza humana e permite viver bem o presente. A melhor vida, para o epicurista, é a que é vivida prazerosamente. Na base da sabedoria que Epicuro propõe, se encontram, além dos pressupostos atomistas de sua *física*, os postulados de seu *cânon*. A tese fundamental de sua interpretação a respeito do conhecimento humano é a de que as sensações são o critério de verdade. Essa tese é que permite Epicuro anunciar o prazer como o *télos* do humano, e, em decorrência, que a melhor vida é aquela vivida prazerosamente. Mas essa vida prazerosa não é simplesmente a vida que dispõe de um amontoado de prazeres. É uma vida simples, satisfeita com o suficiente, distante dos jogos do poder, da ambição política, da ganância por riquezas que excedem o naturalmente necessário, a vida que o epicurista descobre como a mais prazerosa.

É em função de compreender o modo de vida que o epicurista assume que, neste trabalho, serão apresentadas as bases da *física* e da *canônica*, sobretudo, buscando refletir e sublinhar suas consequências práticas, existenciais e morais que sustentam esse modo de vida. Nesse sentido, o que se almeja é compreender o epicurismo a partir de suas razões. Isso significa dizer que não se procederá de forma a interpretar e apresentar as bases da filosofia epicurista com a ânsia de lhe conferir mérito ou de apontar suas inconsistências, mas de demonstrar como elas funcionam e sustentam a grande razão da filosofia epicurista: o modo de vida que a doutrina propõe. É a partir da exposição das bases da doutrina, com ênfase sobre a ideia de finitude e da compreensão epicurista acerca do prazer que deve ser buscado, que se apresentará, enfim, a *ética* de Epicuro: propriamente, o modo de vida epicurista.

No primeiro capítulo deste trabalho serão tratadas, sobretudo, das razões do epicurismo. É necessário, antes de tudo, expor o que Epicuro entendia por filosofia e o que ambicionava com ela, bem como, ao menos propedeuticamente, reconhecer seu contexto e a influência que exerceu sobre seu pensamento. Também é fundamental compreender os fins

práticos de sua sabedoria, expressos, antes de tudo, pela vida que viveu o próprio Epicuro e que marcam, belamente, a coerência que só uma filosofia efetivamente vivida pode ostentar. De forma geral, o que se pretende neste capítulo é apresentar introdutoriamente o projeto epicurista, o caminho de sua filosofia e o destino sempre individual de sua mensagem, característica necessária de uma sabedoria de vida que pressupõe a compreensão e o cuidado de si como fundamentos da vida prazerosa, expressos pelo exercício da *autárkeia*.

No segundo capítulo serão tratados, detidamente, os pressupostos e as conclusões que a *física* e a *canônica* fornecem para a *ética* de Epicuro, da forma e com os objetivos já mencionados. A decisão por tratar da *física*, da *canônica* e da *ética* em momentos e espaços diferentes reflete uma escolha com fins pedagógicos, mas a intenção deste trabalho é de manter e privilegiar a compreensão da filosofia de Epicuro como um todo inseparável, como só pode ser um projeto de sabedoria. A *física* e a *canônica* serão tratadas no mesmo capítulo porque representam a grande intenção de Epicuro em compreender a *natureza* humana para, então, assumir um modo de vida condizente e que privilegie a realização do humano. Essa compreensão é ampla e se dá em vários aspectos, que vão desde o conhecimento da condição finita e da falta de um fim último para o vivente que transcenda sua vida, ao reconhecimento da sensibilidade como o critério de verdade, que mantém o epicurista distante de qualquer voo metafísico, ao mesmo tempo em que reconhece o prazer como o bem fundamental e inerente à natureza humana. Dito de forma resumida, a grande função da *física* e da *canônica* de Epicuro, é permitir que o vivente se coloque de frente à própria vida, conheça e reconheça sua condição, seus limites e suas possibilidades, para a então poder escolher a vida mais prazerosa.

No terceiro e derradeiro capítulo, enfim, trataremos da *ética*: das escolhas e das renúncias que o epicurista assume e que caracterizam seu modo de vida. A intenção primeira deste capítulo é explicar, a partir do conhecimento que logrou de sua natureza, como Epicuro dá luz ao modo de viver de sua doutrina. A compreensão da própria finitude, da falta de um sentido superior para a existência e da impossibilidade de conceber qualquer valor em si mesmo, distante de qualquer ar pessimista ou desprezo em relação à vida, são assumidos, pelo filósofo do jardim, de forma sóbria e serena. É um fundamental princípio da ética epicurista o reconhecimento da vida como um grande bem, e a disposição amorosa para com a existência, insuflada pela certeza de que a vida é limitada, que não será vivida duas vezes e que, portanto, e por ser única, não pode tardar em sua realização prazerosa. Viver prazerosamente, no entanto, demanda o desenvolvimento da *phrónêsis*, a prudência reflexivamente concebida e que é, para o epicurista, a virtude da qual todas outras derivam e que não pode deixar de ser

tratada, uma vez que representa a sabedoria prática necessária para orientar as escolhas e as renúncias em função da vida prazerosa. Trataremos também, neste capítulo, da compreensão dos desejos e da renúncia aos ideais de poder, de riqueza, de glória e de honra, que marcam o modo de vida do epicurista e que o levam, prudentemente, a se afastar da vida política e dos assuntos da multidão, mas a se cercar de amigos para poder viver plenamente as grandes riquezas da vida. A amizade é, por fim, o último tema de que trataremos porque é a grande realização do modo de vida epicurista e o ponto alto de sua *ética*: uma ética que não anuncia valores ideais, mas que se realiza num modo de vida simples, amorosamente assumido, prudentemente vivido e partilhado nas relações de afeição e de amizade.

Resta dizer, que a proposta de compreender e expor o modo de vida epicurista a partir de suas razões, assumida neste trabalho, é inspirada por intenções que vão além de meramente destacar o epicurismo como um importante movimento filosófico inscrito na história do pensamento. Por tratar de temas universais e, justo por isso, atemporais, como, por exemplo, lidar com a própria finitude, com a busca pela felicidade e pela realização prazerosa, que as reflexões de Epicuro se mantêm atuais. Mais que isso, para muitos dos grandes problemas de nosso tempo, a filosofia de Epicuro fornece reflexões pontuais e importantes, porque muitos dos nossos problemas humanos são frutos da ganância descabida por poder e riqueza, do cultivo por desejos vãos e da falta de cuidado de si no que mais importa para promover bom ânimo, paz e felicidade. São, inclusive, fatores que Epicuro reconheceu como causa de violências, de guerras e de tantas vidas desperdiçadas em seu tempo.

Ao longo do texto propomos algumas breves reflexões que nos pareceram cabíveis, a partir do pensamento de Epicuro, e que consideramos urgentes em nosso tempo, mas, sempre tentando manter o rigor necessário para não desrespeitar a filosofia de que tratamos. Também é importante ressaltar que, por se tratar essencialmente de uma filosofia de vida, acabamos privilegiando, na forma de refletir e expor o pensamento de Epicuro, uma abordagem prioritariamente existencial, sem, no entanto, desconsiderar os aspectos técnicos que julgamos necessários. De resto, o texto que segue é fruto de um encantamento com a simplicidade de uma filosofia que soube se fazer acessível, e, sobretudo, com sua mensagem serena e alegre, que anuncia que a vida vale a pena, mesmo nos tempos mais nefastos e nos dias mais dolorosos.

CAPÍTULO I: O PROJETO DE SABEDORIA DE EPICURO

1.1 UMA FILOSOFIA VIVIDA

Diógenes Laércio, em seu *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, conta que, entre todos os filósofos gregos, Epicuro foi o que mais escreveu: sua obra foi composta e escrita em cerca de trezentos volumes. Todos estes com palavras do próprio Epicuro, sem citações e sem prolixidades: “foi um escritor a tal ponto lúcido que em sua *Retórica* exigia a clareza do estilo como requisito fundamental.”¹ Não é possível saber, no entanto, de todas essas obras, quais chegaram até o tempo em que o referido biógrafo viveu, distante quase 500 anos do filósofo. O certo é que, dos poucos escritos do próprio Epicuro que sobreviveram ao tempo e às vicissitudes das mais variadas ordens, e que chegaram até estes dias, quase que sua totalidade é mérito de Diógenes Laércio. Além da coleção das quarenta máximas principais e das três cartas com os princípios fundamentais sobre a ética, a física e os fenômenos celestes, ele também incorporou ao Livro X, todo dedicado a Epicuro, o testamento do filósofo e outra breve carta, escrita logo antes de se despedir, sem lamentos e pesares, da vida que tanto amou e para a qual fez, de sua filosofia, uma ode.

Neste dia feliz, que é também o último dia de minha vida, escrevo-te esta carta. As dores contínuas resultantes da estrangúria e da disenteria são tão fortes que nada pode aumentá-las. Minha alma, entretanto, resiste a todos esses males, alegre ao relembrar os nossos colóquios passados. Cuida dos filhos de Metrôdoros, de maneira compatível com a generosa disposição espiritual que desde jovem mostrastes em relação a mim e à filosofia.²

Essa carta é endereçada a Idomeneu, um discípulo próximo e provavelmente disposto de certa riqueza, já que ajudava com recursos pecuniários a manutenção do Jardim³. Ela revela, sem sombra de dúvidas, o carinho de Epicuro a seus discípulos, que, antes de seguidores de uma determinada doutrina, compunham, junto com o mestre, uma comunidade de amigos. A preocupação com os filhos de Metrodoros, talvez o mais brilhante e fiel de seus discípulos, que havia falecido cinco anos antes de Epicuro chegar ao ocaso de sua vida, reforça o teor do sentimento de amizade que uniam os que habitavam o jardim. Revela, também, a serenidade que Epicuro cultivou e com a qual viveu sua vida, para suportar as

¹ LAÉRTIOS, 2008, X, 13, p. 286.

² Ibid., X, 22, p. 288.

³ HADOT, 1999, p. 150.

dores físicas que a fragilidade de sua saúde, mesmo que não com a mesma intensidade dos instantes que antecederam sua morte, fez com que estivessem presentes constantemente em sua vida. Revela, ainda, a gratidão com que Epicuro colheu seus dias, de forma a não desprezar e desonrar nenhum dos que viveu, nem o último deles, em que mesmo atribulado por dores insuperáveis não se colocou a lamentar, mas brindou com lembranças felizes. Certamente, não como quem procura se refugiar em tempos idos para esquecer-se das dores do dia presente, mas como quem usa de suas boas lembranças para manter acesa a gratidão pela vida mesmo nos dias mais penosos, para poder vivê-los, também, com a felicidade possível. Por tudo isso, esse breve e belo documento já se faz deveras admirável e de relevada importância entre os escassos textos que nos restam do filósofo dos jardins. Mas é possível ir um pouco além da admiração que a carta suscita pelo homem Epicuro, para observar, nesse último escrito, os princípios fundamentais da filosofia epicurista.

A tradição epicurista reuniu sobre o conceito do *tetrapharmakon* quatro sentenças práticas que se apresentam como um remédio para as principais dores da alma que atrapalham a realização de uma vida feliz. É bem verdade que nos textos do próprio Epicuro de que se tem acesso, o termo *tetrapharmakon* não comparece, mas figura na tradição próxima a ele.⁴ De forma resumida, esse quádruplo remédio apresenta sentenças de sabedoria prática facilmente observáveis na doutrina epicurista, e mais do que isso, compõe o cerne de seus ensinamentos. Não temer nem esperar nada dos deuses, não temer a morte porque ela é a simples ausência de sensação, assumir que a felicidade é possível e as dores são suportáveis: eis as quatro sentenças. Não é necessário muito esforço para reconhecer estes quatro ensinamentos, não simplesmente sustentados, mas vividos, na carta que se transcreveu acima.

Epicuro se anuncia feliz, mesmo suportando dores que não podem ser aumentadas, mesmo sabendo da morte que se avizinha e que lhe faz compreender que aquele é seu derradeiro dia. Não há desespero em sua carta, nem lamento: ele não teme nenhum castigo divino porque compreende que a morte é a destituição de tudo que lhe permite viver e sentir, nem se dobra a vãs esperanças de ser acudido na sua mera condição de mortal por qualquer entidade divina, que lhe ajude a suportar a dor que apenas ele pode fazer por si mesmo. Mais do que uma reafirmação dos princípios de sua doutrina, essa passagem ilustra uma filosofia vivida. Mais do que *dizer* sobre como viver, nesse derradeiro escrito, Epicuro *mostra* uma vida de sabedoria e a serenidade alegre que sua doutrina perseguiu.⁵ Melhor: que perseguiram os que abraçaram a sua doutrina, e em primeira ordem, seu próprio feitor. Há, aqui, um grande

⁴ DUVERNOY, 1993, p. 77.

⁵ GUAL, 2002, p. 56.

fundamento da doutrina de Epicuro: filosofia e vida não se desgrudam, não se separam, porque a filosofia, no epicurismo, é a ferramenta de promoção do bem viver, é o exercício da sabedoria, não apenas mera teoria disposta a prover princípios para o vivente. É, antes de uma teoria, a ferramenta que o epicurista usa para viver sua vida de forma sábia.

No epicurismo, a filosofia só faz sentido se pode proporcionar felicidade, na medida em que aquele que nela se exercita faz-se sábio: não por meramente descobrir bons princípios que sirvam para bem viver, mas, sobretudo, por viver os princípios que lhe permitem sentir felicidade. A filosofia é servil à vida, servil àquele que se usa dela para viver com sabedoria: e viver de forma sábia, para Epicuro, não pode significar outra coisa senão viver de forma feliz. Eis o maior dos bens e eis o objetivo que justifica e orienta a doutrina filosófica epicurista: a felicidade.

Há uma relação profunda e inseparável entre a doutrina e o modo de vida, justamente porque a filosofia não tem valor em si, mas é valiosa tão somente pelos frutos que pode proporcionar. A escolha pela filosofia é fruto do desejo de viver a vida de que se dispõe de forma feliz. E o desejo de bem viver a vida é a consequência de outra escolha anterior: a de viver a vida de que se dispõe. Se o maior dos bens é a vida feliz, o bem primordial, o bem que permite que se trate de qualquer outro bem, não é outro senão a própria vida.

Mas se é a vida o primeiro de todos os bens, como pode, Epicuro, em sua última carta, dizer que se sente feliz, mesmo estando convencido de que aquele é o último dia de sua existência? Justamente ele, que se fez ciente de que a morte é o fim de toda sensibilidade, é o fim eterno do vivente, como pode encontrar felicidade no dia em que a possibilidade de qualquer bem e qualquer mal, para si, será extinta? Se, por um lado, a morte em si não é um mal porque é apenas a insensibilidade, por outro lado, como não se angustiar com a certeza de ter de morrer e abandonar a vida que compõe toda a possibilidade de bem, de felicidade, enfim, de prazer?

“Neste dia feliz, que é também o último dia de minha vida, escrevo-te esta carta”. A beleza desta passagem repousa no espanto que ela provoca tanto quanto na serenidade que suscita.⁶ Epicuro certamente não diz que está feliz *porque* aquele é o último dia de sua vida, o que poderia fazer crer que se alegra pelas dores que em breve deixará de sentir, como quem se livra de um fardo demasiado pesado: mas não há como se alegrar na insensibilidade. Ele também não diz que se sente feliz *apesar* daquele ser o último dia, o que poderia suscitar a idéia de que se felicita ao olhar para a trajetória de sua vida, e concluindo que viveu uma vida

⁶ MELLI, 1922, p. 12.

feliz, se alegrar apesar de ter de morrer. A felicidade não é um mero compreender-se feliz, mas é um estado de ânimo da esfera do sensível, para o epicurismo. A verdade é que são duas sentenças distintas que não se relacionam para além da mera concomitância: é um dia feliz e é *também* o último.

O atomismo que Epicuro assume como base de sua filosofia ética não permite, se levado à última consequência, nenhuma espécie de transcendência. E ele o leva, efetivamente, às suas últimas consequências, sobretudo, existenciais. É o que lhe possibilita afirmar que no momento em que o humano morre, como qualquer outro ser vivo, o complexo todo que compõe sua vida se desvanece, junto com qualquer consciência ou qualquer sensibilidade. A sentença do *tetrapharmakon*, que anuncia que não há o que temer na morte, se escorra fundamentalmente na impossibilidade plena de qualquer transcendência ou continuação da vida quando ela termina. Mas, o mesmo atomismo levado às suas consequências existenciais forçosamente concluirá que não há possibilidade de se enunciar qualquer sentido transcendente para a vida humana. Interpretados, esses pressupostos, em seu caráter estritamente negativo, se, por um lado, livram do medo da morte, por outro, nada podem fazer quanto à angústia promovida pela certeza de ter que inevitavelmente morrer. A via de lamentação, contudo, não é a que escolheu Epicuro.⁷

Ao concluir que para além dessa vida nenhuma outra vida haverá por toda eternidade, o filósofo dos jardins descobre que a única forma de se livrar da angústia da morte é vivendo a vida que há, enquanto ela é, da melhor maneira possível, na única forma em que ela se dá: apenas um dia de cada vez. Se não é possível encontrar um sentido transcendente para esta vida, é no sentido imanente que repousa toda possibilidade de felicidade. A felicidade, logo, não pode estar no fim de uma busca, como acredita aquele que vive para convencer seu Deus de que merece a vida eterna, ou como o outro que gasta a riqueza dos seus dias acreditando que mais rico é quem junta a maior quantidade de moedas ou honrarias ou poder: o que Epicuro descobre é que a felicidade precisa ser, sempre, o prato do dia, para que em cada dia se possa viver de forma agradável, esgotando o sentido daquele dia nele mesmo. Em suma, a consequência existencial e ética que Epicuro retira do caráter efêmero da vida é a necessidade de afirmar a vida enquanto ela é. Mas não é possível afirmá-la senão aceitando-a com a disposição de vivê-la em sua natureza e materialidade, bem como não há modo melhor de afirmá-la do que vivendo da melhor maneira possível. Lamentar-se por ter de morrer não ajuda a viver com alegria a vida que existe. A morte é inevitável e, portanto, não constitui

⁷ DUVERNOY, 1993, p. 68.

nem um bem e nem um mal: apenas é, e tudo que se pode saber dela é que é um fenômeno que põe fim a toda sensibilidade. A vida, essa sim, enquanto a morte não chega, é que pode ser boa, à medida que o vivente se guia nela, assumindo-a amorosamente e moderando-se para não desperdiçá-la, de modo a sentir-se constantemente aprazido.

Se Epicuro se diz feliz, mesmo no último dia de sua vida, é porque, apesar das dores que lhe aflige, aquele era mais um dia em que a vida se dava para ele. E, embora ele soubesse que seria o último, o sentido daquele dia não diminui se ele o assume com o bom ânimo de vivê-lo de modo a encontrar, naquele dia como em qualquer um dos outros que viveu, a felicidade possível. Se não lamenta a morte que lhe bate a porta, não é, sobremaneira, porque despreza a vida, mas sim porque a ama a tal ponto de poder afirmá-la em sua natureza e completude, e, além disso, em não negá-la em nenhuma de suas necessidades: morrer é uma regra inelutável para qualquer ser vivo. Mas a morte não é a negação da vida. Ela é, pelo contrário, parte do que compõe o ciclo do viver. É só assim que a vida pode ser e é apenas desta maneira que ela se dá a qualquer vivente: com começo e fim. Logo, não é possível afirmar a vida em sua totalidade negando a morte: para aprender a bem viver é necessário aprender também a morrer.

Este é o segundo grande fundamento da filosofia epicurista que a última carta de Epicuro, mais do que dizer, mostra: a afirmação da vida em sua natureza, na medida em que se leva às últimas consequências existenciais e éticas os pressupostos do atomismo. Esse fundamento se relaciona e se completa com o primeiro fundamento antes tratado, que apresenta a filosofia como exercício de sabedoria. Se não é possível viver a vida de modo sábio sem afirmá-la em sua natureza e materialidade, também não é possível afirmá-la de modo a garantir um sentido imanente de felicidade sem vivê-la sabiamente. É a partir destes dois fundamentos básicos que se completam mutuamente e que constituem, no argumento que se defende aqui, os pressupostos básicos que dão luz e molde à doutrina epicurista e ao modo de vida que Epicuro propõe, que partiremos, a seguir, para apresentação e reflexão da filosofia epicurista. Primeiro de modo a reconhecê-la em seu tempo e seus propósitos, depois em suas bases físicas e em seus cânones, para, enfim, tratar da ética como um modelo de vida possível, e que embora historicamente distante mais de dois milênios, se mantém, como toda grande filosofia, atual em sua atemporalidade.

1.2. A FILOSOFIA DO QUE IMPORTA

“Todos deixam a vida como se tivessem acabado de nascer”⁸, diz Epicuro em uma de suas sentenças descobertas na biblioteca do Vaticano e publicadas apenas em 1880. A vida é finita, vem com prazo de validade, e, embora ninguém saiba exatamente quando terminará seu tempo, igualmente ninguém duvida que esse tempo, mais hora ou menos hora, se termina. Enfeitem-se e ilustrem-se os humanos como quiserem, no fim das contas a morte termina por igualar a todos em sua condição perecível e mortal. As reações a esta obviedade difícil de ser mastigada são das mais variadas, como se sabe... Há os que se abraçam à fé de que o tempo efêmero desta vida não é senão mera passagem para outro tempo, eterno e perfeito, onde a imprevisibilidade é vencida e as dores da vida justificadas, as boas ações recompensadas com juros pomposos, e as más punidas com a mesma taxa. Doutrinas desse tipo, são tantas quanto a engenhosidade humana para criar ilusões permite! Há, com efeito, dentre os que esperam pela vida eterna, muitos que desperdiçam essa vida provisória digladiando-se ou compreendendo-a como mero teste para a verdadeira vida. Outros preferem empenhar-se em conquistar um bom tanto de coisas, das mais variadas, que lhes exija tanto tempo que não sobre um minuto para lembrar-se de sua finitude e para questionar-se, na ausência de pódios de chegada, se há motivo para correr tanto. Dentre os que não podem deixar de se fazer cientes de tudo que a morte certa representa, há os que se revoltam tanto com a vida, porque dela faz parte também a morte, que não lhes resta alternativa a não ser viver em vales lacrimosos de queixas sucessivas e testemunhar contra a vida, enquanto se mantém bem vivos. Certamente, nenhum desses caminhos é o de Epicuro, embora ele parta exatamente do mesmo lugar.

A lida com a própria finitude e com a morte dos que se ama não é tarefa fácil para humano nenhum, já que nos fazemos conscientes de nossa própria condição mortal e, inclusive, da possibilidade de anulá-la. Quando tratamos de questões dessa profundidade, importa menos o tempo em que as possíveis respostas a elas foram dadas do que a efetividade destas respostas, porque a pergunta segue sendo feita e a própria condição segue perturbando cada vivente que se faz ciente dela. Tem dois mil anos que certa promessa de paraíso ao lado do ‘pai’ faz sucesso e, justo por sua aceitação, ninguém tem coragem de duvidar de sua atualidade, embora os pressupostos que a sustentam tenham sido cientificamente ridicularizados. A reflexão sobre a finitude nunca deixa de ser atual, embora, por vezes,

⁸ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 60, p. 56.

algumas das reflexões que o espírito humano já deu a luz acabem por ficar esquecidas. Talvez, esse seja o caso da filosofia epicurista, sobretudo quando é tratada como ilustração meramente de seu tempo em detrimento das questões atemporais em que toca. De toda forma, não é assim que aqui se procederá.

“Perante tudo que vem de fora podemos obter segurança, mas no que concerne à morte todos os homens moram em uma cidade sem muralhas.”⁹ Embora essa sentença seja atribuída não a Epicuro, mas a Metrodoro, ela pertence à tradição epicurista e a recorrente ideia da finitude que perpassa os textos dessa filosofia. A seu tempo será abordada a doutrina atomística de forma apropriada, que apresenta a conclusão de que a morte significa o fim de qualquer sensação e a mortalidade da alma. Mas, por ora, interessa observar o caráter recorrente da ideia de finitude e a insegurança que ela promove no espírito humano.

No tempo em que viveu Epicuro, envolto em um colapso social, numa Atenas politicamente desfigurada pela disputa extraordinária e violenta pelo poder, a figura da morte comparecia cotidianamente muito mais do que comparece em períodos de relativa paz social. Em tempos muito violentos a perturbação com a ideia da morte é exacerbada. Vide as filosofias existencialistas que tomaram forma e angariaram extenso público na Europa esfacelada pelos horrores das guerras da primeira metade do século XX. Se a insegurança em relação à vida estava acentuada no tempo de Epicuro, há de se observar, como faz Spinelli, que, além disso, o mesmo Epicuro, desde sua infância, acompanhando sua mãe Queréstrata que “oficiava ritos fúnebres, ali também se deparou constantemente com a morte, perante a qual (ainda garoto) administrou temores, e dos quais se propôs libertar.”¹⁰

Desde cedo, descobriu Epicuro, que a insegurança que a morte e a ideia de finitude promovem no espírito humano não pode ser vencida de fora para dentro, visto que não interessa toda segurança que possamos obter quanto ao que vem de fora: a lida com a finitude e o medo da morte precisa ser vencida de dentro para fora, porque são inerentes ao espírito humano. Se a insegurança ao que concerne à morte faz com que todos os homens se sintam em uma cidade sem muralhas, é a partir de dentro de si mesmo que as muralhas precisam ser erguidas. Se a morte é inevitável, o que resta é bem compreendê-la para combater o medo de morrer. Quanto a ter de lidar com a ideia da própria finitude, ao invés do lamento infundado quanto ao que é condição humana, o que Epicuro promove é o gosto de viver: “diante da triste

⁹ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 31, p. 35.

¹⁰ SPINELLI, 2009a, p. 22.

experiência do que *não mais é* (isto é, da morte), tomou para si o propósito de vivenciar intensamente *o que ainda é* (a vida).¹¹

Eis o grande propósito de Epicuro: viver a vida da melhor forma, enquanto ela é! Se, por um lado, um dos princípios do *tetrapharmakon* é o de livrar-se do medo da morte, compreendendo que ela não é senão insensibilidade, por outro, a ideia da finitude da vida é fundamental para dar forma ao modo de vida epicurista: é necessário focar-se sempre na vida enquanto ela é. É, do mesmo modo, necessário viver essa vida da melhor maneira possível em cada instante que se vive: “a ideia de que a morte é o horizonte último da vida, recorrente em Epicuro, incita-nos a não postergar o prazer presente.”¹² Acontece que viver da melhor forma possível o dia presente, se fosse coisa fácil, mesmo sem se tocar tão profundamente do caráter efêmero da vida, todo humano já o faria. Para quem, na vida, já se encontra distante dos temores que atrapalham a existência finita de que dispõe e vive com sabedoria e felicidade, nada mais pode ser acrescentado, nem filosofia alguma lhe é necessária. Mas, para quem precisa aprender a encontrar a felicidade em cada dia para experienciar sua única vida da maneira mais agradável que lhe cabe, há o filosofar. Este é o grande objetivo que a filosofia epicurista assume, e o doce convite que ela faz:

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz¹³.

Essa passagem, que abre a Carta a Meneceu, além da beleza do inclusivo convite e da clareza do estilo de Epicuro, expressa de forma terminante o objetivo e o compromisso da filosofia epicurista. A filosofia serve a um fim: o de prover, ao humano, felicidade. Retirar dela esse compromisso é negar-lhe seu mais intenso sentido. A consequência forçosa desse compromisso é assumir que qualquer saber que não conduza ou que não se relacione diretamente com o necessário para o humano dispor, em sua finita e breve vida, de uma estada prazerosa, carece de sentido. Justamente e resolutamente porque o que garante um sentido imediato para o viver humano é o usufruir de forma agradável o instante em que se vive. De largada, Epicuro se põe fora de uns quantos temas da filosofia clássica e assume, para muito além do seu tempo, uma quantia interminável de querelas filosóficas com os que, preocupados em desmerecê-lo, apontarão a falta de apreço ao estudo estritamente teórico, ou, então, que

¹¹ SPINELLI, 2009a, p. 22.

¹² MORAES *in* EPICURO, 2014, p. 35.

¹³ EPICURO, 2002, p. 21.

desdenham de sua falta de ‘eficiência epistêmica’ – com a qual, ele, realmente, pouco se preocupou. A questão, para Epicuro, reside na sabedoria prática necessária para se guiar, prazerosa e prudentemente, na vida. É com esse fim que ele se aproxima da filosofia, e com este propósito que exclusivamente compõe sua doutrina filosófica. Parece pouco justo, portanto, que se acuse Epicuro por não ter feito aquilo que não pretendeu fazer. Ele está interessado com uma filosofia de que possam servir-se os mais variados sujeitos, dos mais simples aos mais rebuscados, e com a eficiência prática que ela pode proporcionar para suas vidas. Tudo o que não toca diretamente este objetivo é, para Epicuro, uma descuidada perda de tempo numa vida que não goza de tempo ilimitado. E aqui se encontra outra questão peculiar de sua filosofia: seus frutos não podem estar temporalmente distantes de seu exercício, eles precisam ser concomitantes.

“Enquanto em outras atividades, uma vez atingido o termo, o fruto vem com dificuldade, quando se trata de filosofia o contentamento acompanha o conhecimento. A satisfação não vem depois do aprendizado, mas aprendizado e satisfação vem juntos.”¹⁴ É claro que quando Epicuro se refere à filosofia ele o faz a partir daquilo que propõe como o filosofar, e, por filosofia, ele “entende um modo de ser e de portar-se perante o mundo e a vida”¹⁵. Quando se refere ao aprendizado está estritamente fazendo menção ao aprendizado prático que visa, justamente, a satisfação. O filosofar, portanto, não se desgruda do viver: é, antes, o próprio exercício do bem viver. Certamente Epicuro não compreende o filosofar como um exaustivo estudo de pressupostos que sirvam para viver de maneira agradável que, depois de concluídos, são incorporados ao viver. A coisa acontece de outro modo porque o objeto do filosofar é a própria vida, e não se deixa de viver para então filosofar: se faz filosofia vivendo. Aquele que se dedica a estudos mais acurados – como é o caso do próprio Epicuro que, afinal, deu luz a uma doutrina e se empenhou longamente em escrevê-la! – se o faz é porque, fazendo-o, encontra prazer nessa labuta. Como aponta Gual, é inclusive uma exigência de um tempo de estrondoso colapso político que se abandone, em filosofia, a distinção entre a teoria e a vida, e que se considere “a função do filosofar de um modo mais direto, imediato e vital.”¹⁶ De todo modo, é necessário dosar, sempre, o teor da influência que se dá ao contexto que Epicuro viveu sobre a sua obra. Sem dúvida ele existe, mas reduzir a obra às vicissitudes de seu tempo pode acabar por incorrer em desautorizá-la no que ela

¹⁴ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 27, p. 33.

¹⁵ SPINELLI, 2009a, p. 137.

¹⁶ GUAL; ACOSTA, 1974, p. 27, tradução nossa.

apresenta de atemporal, e resguardá-la meramente à história do pensamento, deixando de considerá-la, ainda, como uma filosofia viva.

Quanto à vivacidade da filosofia e a vinculação entre o viver e o filosofar, disse Epicuro que “é preciso rir ao filosofar e também ao administrar a casa e se servir de todas as coisas que nos são próximas, sem nunca cessar de propor as palavras da filosofia correta.”¹⁷ Certamente a imagem de um sujeito compenetrado e sisudo, como em geral se reproduzem as caricaturas dos filósofos, não é a que melhor ilustra o epicurista. O filosofar do epicurista não é uma atividade para a qual ele dedica algumas horas do dia e em seguida se libera para os afazeres cotidianos: é a reflexão sobre a própria vida e as próprias vivências enquanto efetivamente se vive, não na intenção de se enquadrar em um modelo de vida ou se aproximar de determinado ideal de humano, mas tão só de usufruir do momento que vive da melhor maneira possível, a partir de sua própria vida e natureza. Se é de si mesmo que se parte, fazer filosofia, à maneira epicurista, jamais significará aceitar uma quantia de princípios para em seguida tentar inseri-los na vida prática. Esse é, em geral, o trabalho que o religioso se impõe. Aliás, como chama atenção Spinelli, é importante notar que não apenas entre os epicuristas, mas, de modo geral, entre os gregos, a filosofia “sempre foi definida como uma *atividade* (uma *enérgeia*) [que] correspondia a promover em si mesmo uma transformação, mas não no sentido necessariamente valorativo, para melhor ou para pior; *mudar* correspondia a ser o que se é.”¹⁸

Sem dúvidas, esse voltar-se para si mesmo e reconhecer-se em sua natureza, primeiro em sua condição humana e depois peculiarmente individual, é um trabalho *sine qua non* para a felicidade tal como propõe o epicurista, ao assumir que o viver e o filosofar, unidos pela sabedoria prática que é o grande escopo da filosofia, não se desvencilham. Mas esse ‘si mesmo’ para que ele se volta já não tem agregado o conceito de cidadão, no sentido mais político do termo, como ocorria nas filosofias tanto socrático-platônica como na aristotélica. Esse conhecer a si mesmo, no sentido não ainda particular, mas em sua própria e comum condição humana, é, em primeira ordem, um reconhecer-se finito e mortal. É um reconhecer-se sem um sentido teleológico para a própria vida ou para o mundo, sem um fim último. É, em suma, reconhecer-se em sua mais primordial materialidade: a de um complexo e mero agrupamento de átomos, que nega qualquer possibilidade de transcendência nesta ou desta vida. É um reconhecimento que, no entanto, não leva, no epicurismo, a conclusões que assumam um pessimismo em relação à vida. Pelo contrário: faz com que o indivíduo, sem ter

¹⁷ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 41, p. 41.

¹⁸ SPINELLI, 2009a, p. 86.

como contar com qualquer transcendência e sem reconhecer qualquer tipo de ‘missão’ no mundo, admita que o único compromisso que ele pode efetivamente assumir é com a própria vida, é consigo mesmo e com sua felicidade individual que, por sua vez, não pode contar com outro espaço para ser senão nos domínios do presente, fazendo de seu altar o instante vivido. É também, nesse esforço de voltar-se para si e reconhecer-se em sua natureza, que se encontra a radicalidade do princípio da *autárkeia*, desenvolvimento essencial para a sabedoria.

1.3. A FELICIDADE INDIVIDUAL

“É necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.”¹⁹ Essa proposição de que a felicidade aparece como a grande realização humana, como o grande bem a ser perseguido e alcançado, aparece, antes de em Epicuro, em Aristóteles.²⁰ De forma ainda mais geral e dando mais um passo para trás, como lembra Festugière, a busca e a reflexão da felicidade, que é motivado pela constatação primeira da infelicidade, remonta ao velho Homero e à sua reflexão sobre os ‘homens de um dia’, em decorrência da qual “nenhum povo como o grego meditou tanto acerca deste feito.”²¹

No entanto, em Epicuro e de forma similar em todas outras filosofias helenísticas, diferente da tradição, sobretudo, platônica em que “a felicidade do indivíduo depende da ordem social”²², a felicidade passa a depender exclusivamente do indivíduo e da forma como ele se relaciona primeiro com ele próprio e depois com o mundo. Em um contexto de desordem social e caos político, ou o indivíduo safa-se a partir de suas próprias forças de uma vida infeliz, ou se submete às fadigas de seu tempo. Este é um ponto. O segundo ponto que sustenta a busca individual pela felicidade, em Epicuro, é decorrência do próprio atomismo que, levado às suas consequências existenciais, coloca o indivíduo de frente à sua natureza efêmera e à impossibilidade de qualquer sentido transcendente para a existência, em que resta, para o vivente, lamentar-se ou assumir a única vida que tem e terá de forma a fazê-la agradável. A construção filosófica de Epicuro tomou forma, como salienta Spinelli, a partir, justamente, destes dois aspectos: “a aproximação crítica e reflexiva das teses atomísticas de Demócrito e as circunstâncias da época em que viveu.”²³

¹⁹ EPICURO, 2002, p. 22.

²⁰ ARISTÓTELES, 2007, Livro I, 20, p. 19.

²¹ FESTUGIÈRE, 1963, p. 5, tradução nossa.

²² GUAL; ACOSTA, 1974, p. 53, tradução nossa.

²³ SPINELLI, 2009a, p. 10.

Em uma das Sentenças Vaticanas²⁴, Epicuro contrapõe e sobrepõe diretamente o ‘filosofar para si’ ao ‘filosofar para Grécia’. Sem dúvida essa contraposição ilustra bem a correção de rota que as filosofias helenistas, em especial o epicurismo, promoveram ao antepor o cidadão aos interesses da *pólis*. Festugière constatou, nessa posição, “sem dúvida, egoísmo”, o qual tenta justificar dizendo que, “desaparecida a cidade, que até então se oferecia como um ideal ao qual servir, o indivíduo não tem outra coisa que buscar senão seu próprio contentamento”²⁵. Trata-se, como se vê, de uma interpretação um tanto exagerada. Se fosse apenas seu próprio contentamento que Epicuro estava a procurar, certamente não teria se dado ao trabalho de escrever sua doutrina e nem de abrir uma comunidade-escola. É fato que ele recomenda o afastamento da política que, em seu ponto de vista, não confere senão tribulações aos homens, mas disto interpretar que ele, de forma egoísta, não estava preocupado senão consigo mesmo é um salto muito grande e, inclusive, pouco honesto.

O que Epicuro compreende é, de fato, que a organização política tal qual estava disposta pouco favorecia a felicidade do cidadão. O caminho que ele escolhe, ao invés de tentar reformar um sistema no qual não acredita, é o de propor uma nova forma de organização social que efetivamente favorecesse o humano, em sua única e limitada vida, a encontrar e viver com felicidade. Epicuro não enxerga outro caminho a não ser propor uma filosofia que sirva diretamente ao vivente que, com ela, pensa e age a fim de encontrar, a partir de si mesmo e por si mesmo, a paz necessária para bem *viver* e *conviver*. Mais do que propor, Epicuro e seus discípulos efetivamente vivem e convivem nessa nova ordem, na comunidade do Jardim. É muito mais sensata a ponderação que faz Hadot, inclusive, ao criticar interpretações da ordem da de Festugière, afirmando que os filósofos helenistas “jamais renunciaram a esperança de transformar a sociedade, ao menos pelo exemplo de sua vida.”²⁶

É certo que no epicurismo a felicidade individual é a grande busca. Mas ao afirmar que cada humano deve estar em busca de sua própria felicidade, o que Epicuro faz, antes de assumir um egoísmo, é livrar seu discurso e sua filosofia de hipocrisia. É só uma vez que se vive e a vida não tarda a não ser mais: o que mais o vivente pode fazer senão buscar, nessa precária e única existência, a felicidade que faz com que o dia vivido valha a pena?! Afirmar a própria vida não é, de forma alguma, negar a vida alheia: é comprometer-se com a sua e deixar que o outro se comprometa com a dele. O que se pode fazer, que é justamente o que

²⁴ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 76, p.69: “Envelheces tal qual eu te recomendei e assim sabes certamente o que é filosofar por ti e filosofar para a Grécia; regozijo-me contigo.”

²⁵ FESTUGIÈRE, 1963, p. 9, tradução nossa.

²⁶ HADOT, 1999, p. 114.

Epicuro faz, é estender o convite ao outro. Aliás, cabe lembrar que as portas do Jardim estavam abertas para todos e todas: algo intensamente revolucionário para o tempo em que existiu. Preocupar-se com a própria felicidade e estar empenhado em viver a própria vida de modo pleno, digno, em paz e prazerosamente, sem atrapalhar os outros que estão preocupados em fazer a mesma coisa, não é, de forma alguma, nada que se pareça com egoísmo: é, antes, um compromisso e uma forma de vida que somente o indivíduo pode assumir e viver por si mesmo. Não é possível ser feliz no lugar de outra pessoa, da mesma forma que não é possível sentir prazer senão em si mesmo. É oportuno transcrever, aqui, uma passagem bastante sagaz de Melli:

A ética de Epicuro é, toda ela, um tratado da felicidade humana, e não quer ser mais do que isso, uma consideração da vida humana do ponto de vista da felicidade do indivíduo. É inútil, portanto, escandalizar-se e repetir a todo momento a acusação de egoísmo: é como acusar de egoísmo um tratado de higiene. A filosofia, para ele, é precisamente a higiene da alma, a ciência e a arte da vida feliz.²⁷

A ironia comparativa de Melli não poderia ser mais perspicaz: a filosofia epicurista se apresenta como uma espécie de higiene da alma, procurando livrá-la de tudo que atrapalha a felicidade, que impede o indivíduo de bem viver sua vida. No entanto, conhecer um bom tratado de higiene não é o suficiente para garantir limpeza: é preciso, por si mesmo, disposto do conhecimento necessário, higienizar-se. Por certo, Epicuro jamais teve a pretensão de ensinar alguém a ser feliz: tudo que ele fez foi colocar à disposição dos indivíduos um bom tratado da felicidade e apresentar-se, no máximo, como um bom exemplo de uma vida feliz e bem cuidada. Bem cuidar da vida de que se dispõe exige, antes de tudo, um conhecimento de si mesmo. Logo, o bem viver é o tipo de sabedoria que apenas o próprio vivente pode conferir-se. Ao invés de querer ensinar alguém a ser feliz, o que a filosofia epicurista faz é um convite para que cada vivente torne-se sábio de si mesmo e encontre, conhecendo-se, a sabedoria necessária para bem viver. “Se a vida feliz é para nós um desejo imediato, se só ela vale o esforço de viver, então é diante dessa sabedoria que a própria filosofia deverá justificar as suas pretensões. [...] O pensamento filosófico é vassalo: é servidor da felicidade dos homens.”²⁸ Está bem dito isso que escreveu Duvernoy, mas, cabe acrescentar, que a filosofia só serve para a felicidade do homem que se dispõe a servir-se dela e se põe a serviço de si mesmo e de sua realização.

Epicuro, de forma incansável, convidava e estimulava seus discípulos para que se dedicassem à filosofia porque sabia que a felicidade não cabe numa fórmula e que a filosofia

²⁷ MELLI, 1922, p. 70, tradução nossa.

²⁸ DUVERNOY, 1993, p. 75.

só faz sentido quando supera a ordem do discurso e se efetiva na vida prática: “não se deve simular filosofar, mas filosofar efetivamente; pois não precisamos parecer saudáveis, mas ter saúde verdadeira.”²⁹ Esse ‘filosofar efetivamente’ não significa outra coisa senão fazer-se, perseverantemente e cotidianamente, em um sábio de si mesmo, por si mesmo e a partir da própria vida. Certamente, tal como se observa hoje, no tempo de Epicuro não deveriam faltar os vendedores de palavras vazias, munidos de belos discursos e artimanhas retóricas a espalhar nos ares, nos templos, nos ginásios, nas ágoras e nas academias, respostas para as mais variadas perguntas e princípios para todos os gostos. Se a questão da infelicidade e se os problemas éticos, no entanto, se resolvessem com a admissão de bons princípios, certamente já não seria necessária nenhuma filosofia. Ao afirmar que a felicidade do indivíduo é o grande objetivo da filosofia, o que Epicuro está a fazer é, muito antes do que fornecer bons princípios, convidando o indivíduo a abandonar os princípios assumidos da cultura para, com autonomia, buscar a partir da própria vida e em si mesmo a sabedoria daquilo que só se aprende por si mesmo e só se ensina a si mesmo: a viver bem. “A grande questão ética imposta por Epicuro consistia em afirmar a autonomia do homem em favor de si mesmo e em oposição a qualquer soberania externa que a ele se impusesse como autoridade moral.”³⁰

A exortação para ‘filosofar para si’ ao invés de ‘filosofar para a Grécia’, muito antes do que delatar qualquer tipo de egoísmo, expressa uma compreensão acurada de que no centro de qualquer exercício ético quem está é o indivíduo: se este indivíduo puder fazer-se sábio e então efetivamente viver com sabedoria, satisfeito com sua vida e, em primeira ordem, comprometido consigo mesmo, nem a *pólis* nem ninguém precisará se incomodar em lhe dispender cuidados. Ao invés de se colocar a dizer para os outros como estes devem ser e como devem fazer para viver de forma honesta e feliz, Epicuro percebeu que muito mais valioso e efetivo era se reportar para si mesmo e descobrir como se pode, a partir do que se é, viver de forma valiosa e efetivamente fazê-lo. Depois, o que ele fez, foi estender o convite libertador e apontar um caminho, sem descuidar, é claro, de trilhar o seu. Aquele que se dispõe a filosofar para o outro, ou para a Grécia ou para o resto do mundo é que está sendo, na maioria das vezes, antes de um altruísta, o mais perfeito egoísta: porque se preocupa em dizer para o outro, para a Grécia ou para o resto do mundo como estes devem ser e viver. O erro e o egoísmo dessa atitude se encontram no fato de o indivíduo encontrar uma boa desculpa para tirar o holofote de cima da sua cabeça e descuidar de si mesmo.

²⁹ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 51, p. 49.

³⁰ SPINELLI, 2009a, p. 155.

1.4. A SAÚDE DA ALMA E O PRAZER

Segundo Epicuro, “escolhemos as formas de excelência não por si mesmas, e sim pelo prazer, tal como escolhemos a medicina por causa da saúde.”³¹ Essa breve máxima é apenas mais uma, apesar dos poucos textos de Epicuro ou relativos ao epicurismo que nos restaram, que apresenta a insistente metáfora entre a filosofia e a medicina.³² Na Sentença Vaticana 51, já citada antes, Epicuro fala que o fruto do efetivo ato do filosofar é o que confere saúde verdadeira. É a saúde da alma, certamente, a que ele se refere. Essa ilustração da filosofia como uma medicina ou uma terapia da alma remonta, como lembra Gual, a Sócrates: “*therapeía tes psyches*, (cuidado da alma) era para Sócrates a atividade filosófica.”³³ Isso não quer dizer, pelo menos no epicurismo, diferente do que pensa Gual³⁴, que o filósofo se apresenta e ocupa um papel de certo tipo de psiquiatra ou psicanalista. É um exagero levar a metáfora que contém um caráter muito mais pedagógico, na medida em que se apresenta como uma analogia, a conclusões tão rápidas. Certamente Epicuro nunca quis ser e muito menos se apresentou como uma espécie de psicanalista ou um curandeiro de almas, uma vez que ele não convidava à filosofia senão com o intuito de fazer com que aquele que se dispusesse a filosofar cuidasse bem de si mesmo. Como está bem dito no testemunho de Porfírio, a metáfora de uma medicina da alma é uma referência à filosofia, não ao filósofo: “Do mesmo modo que o médico de nada serve se não extirpa as doenças do corpo, assim também a filosofia de nada serve se não expulsa para fora da alma as coisas que a afetam.”³⁵

Essa analogia é útil no sentido de expressar de forma clara e didática os propósitos da filosofia epicurista: o de prover saúde para alma, no sentido de permitir que o filósofo encontre o bom ânimo e a satisfação para bem viver seu dia. Além disso, essa analogia instiga uma reflexão importante sobre o pensamento de Epicuro. Não se busca cuidados médicos a não ser que se esteja doente: o objetivo, obviamente, é restituir a saúde que em algum momento se perdeu. Não existe entre a doença e a saúde um meio termo: quando a primeira está, a segunda falta. Ou se está doente, ou se está saudável. O estado natural é a saúde: o eventual é que é a doença. Se a vida feliz se identifica com a saúde da alma³⁶, e considerando

³¹ LAËRTIOS, 2008, Livro X, 138, p. 315.

³² DUVERNOY, 1993, p. 77, nota 4.

³³ GUAL; ACOSTA, 1974, p. 51, tradução nossa.

³⁴ Ibid, p. 51. “[...] el cuidado medico del alma es el oficio del filósofo, que se transforma así en un psiquiatra ou psicoanalizador.

³⁵ USENER, 2007, Fragmento 221, p. 383, tradução nossa.

³⁶ É importante observar que para o epicurismo tanto a alma como a carne são corpóreos e constituem um organismo composto (*athroisma*) que só é enquanto unidade: logo, não há uma divisão arbitrária entre alma e carne. Disto decorre que a saúde de um depende do bem estar do outro, uma vez que se constituem num

que não existe meio termo entre saúde e doença, forçosamente é necessário concluir que não existe um meio termo entre felicidade e infelicidade. A vida feliz não é, senão, o estado natural do humano. Isso não significa considerar que naturalmente o homem é feliz, mas sim que dispõe em sua natureza de tudo que precisa para realizar sua felicidade. O trabalho da filosofia epicurista, como explica Spinelli, sem levar em conta neste aspecto o acaso, não consiste em prover nenhum tipo de evolução ao humano, muito pelo contrário: consiste em colocar “o homem na rota do homem, numa direção em que lhe favoreça ser a si mesmo, em consonância com sua realidade própria, sem imposições externas, a não ser as decorrentes do livre exercício de seu juízo e da sua deliberação racional.”³⁷ A filosofia, portanto, deve prover as ferramentas para que o indivíduo se liberte de todas as imposições externas e possa, livremente, voltar-se para sua própria natureza e a partir dela reger-se na vida. É esse voltar-se para a própria natureza que encontra no prazer o princípio e o fim da vida feliz.

A tese atomística, por reduzir a explicação do mundo, dos seus fenômenos e do homem à materialidade do átomo, exclui, forçosamente, qualquer possibilidade de reconhecimento de valores em si. Do ponto de vista epicurista, em si mesmo não existe o bem e não existe o mal. É vazio o discurso que trata de qualquer conceito de ordem metafísica, tanto para o epicurismo como qualquer filosofia que se escore em teses que limitem a investigação do mundo à sua realidade material. Bem e mal são meros conceitos que servem, aos humanos, para expressar o que deve ser acolhido e o que deve ser rejeitado. Só faz sentido tratar de um ‘bem’, portanto, se esse ‘bem’ fizer referência direta a uma realidade material. O dito sensualismo que a filosofia epicurista assume é uma consequência dessa interpretação materialista: o que existe é o que se pode perceber a partir dos sentidos e das sensações que são, no caso do humano, uma faculdade decorrente de sua constituição atomística. Como diz Duvernoy, “o sensualismo é, com efeito, uma afirmação materialista-formal: tese filosófica para a qual, em última análise, todo fenômeno é material.”³⁸ Compreendendo isto, sem possibilidade de conhecer qualquer bem senão aquele que pode reconhecer em si mesmo na medida em que o sente, o epicurista anunciará que o bem fundamental é o prazer e que ele é, então, a referência da vida feliz. Disto, é importante que se perceba que o prazer é sempre sensível, já que é a sensibilidade que lhe garante realidade. Essa constatação é sumamente importante para compreender a reflexão epicurista sobre qual prazer deve ser perseguido, que

organismo, numa espécie de microcosmos. No tempo oportuno abordaremos de forma mais dedicada essa questão, por ora, apenas é necessário observar que ao tratarmos da saúde da alma não estamos negligenciando o corpo, apenas encaminhando a questão da forma que convém nesta altura da argumentação.

³⁷ SPINELLI, 2009a, p. 10.

³⁸ DUVERNOY, 1993, p. 85.

não se limita ao simples gozo dos prazeres em movimento, mas que não deixa de ser um prazer sensível.

“Nós o identificamos”, diz Epicuro acerca do prazer, “como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa.”³⁹ Ninguém precisa ser ilustrado filosoficamente para saber que naturalmente acolhemos o que nos apraz e rejeitamos o que nos causa dor. É, certamente, a primeira coisa que a natureza ensina a cada humano. “É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz.”⁴⁰ Afirmar que o prazer, enquanto *arché*, é o que move o humano e que ele é também o *télos* de toda ação, na medida em que é o fim buscado por aquele que se move, não significa mais do que reconhecer o traço fundamental da natureza humana que deve servir de ponto de partida para o estudo da felicidade. Se a intenção é de colocar o humano em seu natural caminho, para que ele possa encontrar na vida finita que possui a felicidade que lhe garanta um sentido imanente ao existir, não é de outro lugar que se deve partir senão de sua mais inerente natureza, privada de qualquer idealização ou construção cultural: é do homem de carne, osso e sangue que parte Epicuro, ao reconhecer no prazer o bem fundamental. E é numa vida prazerosa que ele pretende concluir.

É certo que ninguém precisa ser ensinado a sentir prazer: a natureza se encarregou desta lição. No entanto, se ser capaz de sentir prazer fosse suficiente para garantir felicidade, nada mais precisaria ser dito. Se contemporaneamente não é necessário muito esforço para perceber que o problema da infelicidade continua latente, no tempo de Epicuro, e muito provavelmente em todos os tempos desde que o humano é o humano, não foi diferente. O mestre dos Jardins bem o sabia: “A terra inteira – disse Epicuro – vive em fadigas, e para as fadigas é sua maior capacidade”.⁴¹ Se ninguém duvida que o prazer existe, tampouco alguém ignora a realidade da dor.

Para Epicuro, o que nos distancia de uma vida feliz não é a falta de capacidade em sentir prazer, mas as dores que impedem que o verdadeiro prazer seja sentido. Como uma medicina da alma, libertando-a da doença que lhe aflige, das dores que lhe atrapalham, a saúde é conferida. Uma vida saudável é uma vida feliz e prazerosa. A saúde, como já dito, é por excelência o estado natural do humano, do ponto de vista epicurista. Não se trata, portanto, de ensinar o prazer a alguém, mas de promover o verdadeiro prazer que se sente quando todas as dores evitáveis são suprimidas, quando a saúde é estabelecida. É de suma

³⁹ EPICURO, 2002, p. 37.

⁴⁰ Ibid., p. 37.

⁴¹ FESTUGIÈRE, 1963, p. 5, tradução nossa.

importância notar que, para Epicuro, o prazer que a vida precisa para ser feliz, que a alma precisa para ser saudável, não é simplesmente o prazer da fruição de uma boa refeição, de uma deleitosa bebida ou o do ato sexual, por exemplo. Estes certamente são prazeres, ninguém o há de negar. Mas são efêmeros, duram pouco e tentar mantê-los ininterruptamente é impossível: todo excesso traz a dor a reboque. E onde há dor, não há prazer. Não o prazer de que Epicuro está tratando, pelo menos.

“O limite da amplitude dos prazeres é a supressão de tudo que provoca dor. Onde estiver o prazer e durante o tempo em que ele ali permanecer, não haverá lugar para a dor corporal ou o sofrimento mental, juntos ou separados.”⁴² O que está implícito nessa máxima é que Epicuro considera que o próprio viver, quando não demasiado atribulado pelas dores do corpo ou pelos sofrimentos da alma, constitui-se ele próprio em um prazer. Novamente, há uma questão existencial crucial, aqui: “Epicuro estava supondo que viver é um bem e que, portanto, para ser boa, basta que a vida não seja demasiado perturbada por dores e sofrimentos.”⁴³ Considerar que a vida é naturalmente prazerosa quando livrada dos sofrimentos que lhe atrapalham pode parecer, para alguém demasiado disposto a reparar no que há de perturbador no viver, um tanto otimista, mas se há uma fé que Epicuro abraça é esta: a de que a vida vale a pena de ser vivida. Quanto àquele que se lamenta por ter nascido e gasta seus dias a se queixar da vida única que tem enquanto ela se esvai, há uma sugestiva e jocosa passagem na Carta a Meneceu: “Pior ainda é aquele que diz: bom seria não ter nascido [...] Se ele diz com plena convicção, por que não se vai desta vida? Pois é livre para fazê-lo, se for esse realmente o seu desejo.”⁴⁴

Esse peculiar hedonismo que Epicuro assume rendeu-lhe, além de bons discípulos e uma vida bem vivida, uma série de contendas e calúnias das mais variadas ordens. A julgar pelo que conta Diógenes Laércio⁴⁵, o mestre dos jardins foi caluniado e frequentemente acusado de viver uma vida dissoluta e desregrada. Timócrates, que era irmão de Metrodoro e que também viveu no Jardim por um tempo, teria escrito uma obra intitulada *Delícias* em que fazia uma série de acusações a Epicuro, em geral, de abusar dos prazeres da carne. Ademais, o fato de ser uma escola com princípios éticos hedonistas e que admitia quem quisesse entrar, inclusive mulheres, “ativou o imaginário dos homens gregos do lado de fora”, como comenta Spinelli.⁴⁶ De toda forma, as calúnias desta ordem foram desmentidas por um número muito

⁴² EPICURO, 2013, Máxima Principais III, p. 16.

⁴³ MORAES, 1998, p. 69.

⁴⁴ EPICURO, 2002, p. 32-33.

⁴⁵ LAÉRTIOS, 2008, Livro X, 1-6, p. 283.

⁴⁶ SPINELLI, 2009a, p. 143.

maior de relatos que apresentaram Epicuro como um sujeito de elevada índole e de hábitos muito frugais. Como ele próprio escreve:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas o prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma.⁴⁷

Embora os prazeres dos sentidos não fossem desprezados, eram fruídos, no Jardim, com muita frugalidade e serenidade, na intenção, sobretudo, de evitar as dores que a busca exagerada por prazeres desta ordem não costumam causar. A consideração do prazer que se alcança na ausência de toda ordem de dor, no entanto, rendeu e rende contendas filosóficas até hoje.

Cícero dedicou-se longamente a combater a concepção de prazer como ausência de dor, insistindo na ideia de que o prazer de que Epicuro trata é, antes de ser prazer, uma terceira coisa. “São, portanto, duas coisas distintas [...] uma coisa é estar sem dor, e outra coisa é estar com deleite.”⁴⁸ O argumento de Cícero é que a indolência, por si só, não pode compor um estado de prazer e que chamar de prazer o estado do que não sente dor é um equívoco pueril da filosofia epicurista. “Compreendamos”, diz ele, “que entre alguém que salta de alegria e alguém que está atormentado de dor há um meio-termo que consiste em não estar alegre nem angustiado.”⁴⁹ O que Cícero faz, com certo tom de deboche, é afirmar que aquilo que Epicuro chama de prazer não é senão um estado insensível, uma vez que não contém nem dor e nem a fruição de nenhum sentido. Há um estado em que o sujeito padece de fome, outro em que ele se apraz comendo, e um terceiro onde ele está insensível: sem a dor da fome, sem o prazer de comer. O que falta a Cícero perceber é que Epicuro não está se referindo a um estado de insensibilidade, muito pelo contrário: ele se refere ao prazer da satisfação. Não faria o menor sentido, para alguém, como Epicuro, que deposita na sensação o critério de verdade, imaginar como o estado a ser alcançado é justamente o de insensibilidade. Certamente o prazer a que Epicuro se refere não é aquele em que o indivíduo salta de euforia o tempo todo: quem poderia viver assim? O prazer a que ele se refere é o único que pode ser usufruído constantemente: o prazer em sentir-se satisfeito e grato, necessário para fazer com que o momento em que se vive seja gozado com serenidade e alegria. Não a alegria do

⁴⁷ EPICURO, 2002, p. 43.

⁴⁸ CÍCERO, 2005, Livro Segundo, VII, p. 42.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 38

canguru que vive a saltar, mas o sereno contentamento que encontra o sentido do momento vivido no único lugar em que ele pode ser encontrado: no próprio momento.

James Warren recentemente escreveu, basicamente remontando o argumento de Cícero, embora sem a mesma fineza retórica, que “decerto uma pessoa tem sempre interesse em evitar a dor, mas a duração do prazer catatasmático não tem, em si mesma, nenhum valor intrínseco.”⁵⁰ Catatasmático é como se nomeia na literatura epicurista esse prazer que não consiste no gozo dos sentidos. Quanto ao termo, Duvernoy faz uma boa consideração: “a tradição doxográfica diz que ele é ‘prazer em repouso’, certamente seria mais exato dizer que ele é ‘prazer como estado’, por oposição ao prazer que resultaria de uma ação.”⁵¹ Quanto à peculiar afirmação de que o prazer ‘como estado’ não tem nenhum valor nele mesmo, é muito útil para explicar o que Epicuro ensina a respeito do prazer, desde que se considere exatamente o contrário do que Warren afirma: o prazer de que trata Epicuro é justamente o que faz sentir com que o momento em que se vive é ele próprio um grande valor, mesmo que não esteja adornado de outros prazeres dos sentidos ou de muitas outras coisas.

É necessário lembrar que a consciência de finitude, reiteradamente incentivada nos textos que restaram de Epicuro e da tradição, pretende exatamente fazer com que o indivíduo se aposses de seu instante da melhor maneira possível. Não de um instante com faustosos prazeres, que para serem usufruídos cobram a conta de numerosos e perdidos dias de prolongado empenho, mas de todos os instantes da vida finita e que não demora a chegar a seu termo, e que podem, em sua simplicidade, serem vividos prazerosamente. Das muitas passagens que tangem o prazer a que se refere Epicuro, nenhuma é tão bela e mais sugestiva do que a que Lucrécio compõe na introdução do Livro II, de seu *Da Natureza*:

Ó pobres espíritos humanos, ó cegos corações! Através de que trevas e perigos se passa o pouco tempo de vida! Não sente cada um que a natureza a gritos proclama, que esteja sem dor o corpo, e goze a mente, fora de medo e de cuidado, de um agradável sentimento? Pouco é necessário, naturalmente, pelo que diz respeito ao corpo: tudo o que suprime a dor pode dar-lhe ao mesmo tempo numerosas delícias.⁵²

É necessário ainda comentar, a respeito do prazer, que os prazeres dos sentidos, como trata Epicuro, não são em si mesmos desprezíveis: apenas na medida em que provocam dores ou causam perturbações à alma é que convém evitá-los. O caso é que eles tendem convidar ao excesso. Identificar, esses prazeres, como o caminho para a felicidade, uma vez que não podem prover um prazer durável nem afastar da alma o que a perturba, termina por

⁵⁰ WARREN *in* GIGANDET; MOREL, 2011, p. 163.

⁵¹ DUVERNOY, 1993, p. 97.

⁵² LUCRÉCIO, 1973, Livro II, 15-30, p. 55

insuflar o desejo que faz com que o indivíduo viva sempre numa busca que é, a rigor, insaciável porque procura no lugar errado sua realização. Como na boa metáfora do vaso quebrado⁵³, de Lucrécio, o indivíduo que se guia na vida buscando preencher-se com riquezas materiais, com honrarias ou com poder, é infeliz não porque essas coisas sejam, em si, um mal, mas porque o próprio indivíduo acaba fazendo de si mesmo um vaso quebrado, que não enche nunca porque procura no lugar errado a paz e a serenidade que conferem ao instante vivido a felicidade necessária.

A filosofia epicurista é uma afirmação da vida, não nega nada do que é inerente ao humano, apenas convida a viver de forma serena, a limitar os desejos para não sofrer com a ausência do que não é estritamente necessário e a aprender a livrar a alma das dores da angústia, dos medos e toda sorte de tribulações que atrapalham a simples fruição dos dias e o reconhecimento da riqueza que é estar vivo. O prazer a que o epicurismo convida é a própria saúde da alma que aprendeu a afastar dela mesma as dores. Nada tem a ver, esse prazer, como escreve Melli, com “um mero estado negativo ou de indiferença, mas sim a suprema hedonê, não a felicidade daqueles que dormem, como afirmavam os cirenaicos, mas a própria alegria de viver.”⁵⁴ Em suma, o prazer de que trata Epicuro, e que orienta o modo de viver epicurista, é o prazer da satisfação, fruto da compreensão do que é a vida, e da gratidão que permite vivê-la agradavelmente dispondo apenas do necessário, abandonando tanto quanto possível tudo que atrapalha, posterga ou impede a vida de ser afirmada e vivida prazerosamente enquanto ela é. Não há nada de insensível no prazer a que convida o epicurismo. Há, antes, uma fina apreciação da sensibilidade: não é o prazer do simples repouso ou o prazer do constante gozo da carne que é buscado, mas sim o prazer que há em colher os dias com gosto de viver, sem penhorar o tempo que é sempre presente, limitado e único em função do que não é necessário, para que seja possível desfrutá-lo em sua plenitude.

1.5. DAS PERTURBAÇÕES DA ALMA E DO PRINCÍPIO DA *AUTÁRKEIA*

O *tetrapharmakon* expressa de forma condensada o projeto epicurista: livrar a alma do medo da morte e do temor aos deuses, anunciar que a felicidade pode ser uma realidade e que, quanto às dores inevitáveis, é possível suportar. É claro que não se constitui ele mesmo num remédio, mas tão só num instrumento para não deixar fugir da mente, sobretudo em momentos de apuro, os preceitos básicos da doutrina. No máximo, se quer se insistir com a

⁵³ LUCRÉCIO, 1973, Livro IV, 15, p. 125

⁵⁴ MELLI, 1922, p. 67, tradução nossa.

metáfora médica, serve a fins profiláticos para os já iniciados. Epicuro, na carta a Heródoto, lembra que é necessário “voltar incessantemente à visão unitária e sintética, e memorizá-la de maneira a poder obter dela uma concepção fundamental para a compreensão das coisas.”⁵⁵ Contudo, se o medo da morte fosse superado; se os deuses, preocupados unicamente em viver suas vidas, parassem de causar temor entre os humanos; se o bem reger os próprios apetites e aprender a viver satisfeito com o suficiente; se suportar com serenidade as dores com que a vida volta e meia presenteia o vivente, se aprendesse lendo quatro frases mágicas, o mundo estaria muito mais parecido com o paraíso com que sonham os religiosos – sem Deus, é claro – do que com o inferno de Dante.

As dores físicas Epicuro conhecia muito bem e não duvidava do poder que possuem para perturbar e fatigar a vida. De saúde tão frágil que foi obrigado a viver boa parte de seus dias tendo que se locomover numa espécie de cadeira de rodas⁵⁶, sabia que, a bem da verdade, ao menos uma boa quantia delas inevitavelmente a vida reserva a cada vivente. É um dos exercícios do sábio aprender a suportá-las mantendo a firme impressão de que a vida vale a pena e que, embora as dores da carne não diminuam pela rememoração de prazeres passados, uma vida colhida prazerosamente e serenamente mantém no espírito o bom ânimo para não desprezar a vida mesmo no sofrimento da dor.

Quanto às perturbações da alma, sobretudo, é necessário empenhar-se no estudo da natureza para descobrir que o temor em relação aos deuses não tem fundamento, e que o medo da morte, uma vez que ela se resume na destituição do agrupamento de átomos que constitui tanto o corpo quanto a alma e tão só anuncia a insensibilidade, é vazio. Quanto às angústias que os desejos não realizados e os prazeres dos sentidos, quando mal compreendidos em sua função natural, causam, é necessário voltar-se para a natureza humana para compreender os limites do prazer dos sentidos e o supremo prazer que, como tratado antes, constitui-se numa profunda satisfação.⁵⁷ Finalmente, para que seja possível transformar estes conhecimentos em sabedoria para bem viver a vida, é necessário voltar-se para si mesmo, para sua natureza íntima, e, comprometido consigo, fazer-se livre das amarras internas e externas. Esse voltar-se e comprometer-se consigo mesmo, que proporciona a liberdade individual necessária para realização da felicidade, é um dos fundamentais princípios do epicurismo: a *autárkeia*.

⁵⁵ EPICURO, Carta a Heródoto in LAËRTIOS, 2008, Livro X, 36, p. 291.

⁵⁶ LAËRTIOS, 2008, Livro X, 5, p. 284.

⁵⁷ Todas essas conclusões da doutrina epicurista, como também suas bases e desenvolvimento, serão abordados, neste trabalho, elaboradamente, no segundo capítulo.

Na Sentença Vaticana 77, Epicuro⁵⁸ diz que a liberdade é o principal fruto da *autárkeia*.⁵⁹ Como aponta Duvernoy, etimologicamente a palavra *autárkeia* significa autossuficiência e era, no contexto em que viveu Epicuro, mais comumente utilizada para designar uma característica de independência político-econômica que a cidade – como o fez principalmente Aristóteles ao compor a Cidade perfeita – deveria dispor⁶⁰. Spinelli diz que o princípio da *autárkeia*, em relação ao filosofar, remonta a Hecateu, que o compreendia como a finalidade da filosofia.⁶¹ Em relação ao epicurismo, a *autárkeia* significa ‘bastar-se a si mesmo’ em extensos âmbitos, que vão desde as questões ligadas ao provimento do básico para viver até as conotações éticas mais expressivas. Cabe lembrar que o Jardim de Epicuro, como conta Farrington, era, mais que uma escola, um lugar pra se viver em comunidade e que, no jardim, eram produzidos, inclusive, os alimentos suficientes para a subsistência dos que ali viviam.⁶² Reduzir as necessidades ao mínimo que é naturalmente necessário para viver, certamente dispôs a Epicuro e seus discípulos, no Jardim, um nível de independência econômica muito importante para poder se afastar da cidade e viver os princípios, sobretudo do prazer e da amizade, que a doutrina prega. Mas o controle dos desejos que permite contentar-se com o suficiente – um desenvolvimento determinante da ética epicurista – pressupõe, mais que uma liberdade decorrente de uma independência econômica, uma liberdade de pensamento, em relação à Cidade, a cultura e a si mesmo.

Se a liberdade é um fruto da *autárkeia*, significa, de antemão, que o indivíduo não dispõe dela só por desejá-la. Onde pode forjar sua liberdade, então, senão em si mesmo? Se é a felicidade individual que deve ser perseguida, se o filosofar é um exercício que apenas o indivíduo pode fazer por si mesmo, se o prazer ‘como estado’ é realização da própria natureza do indivíduo, é para sua própria natureza que ele precisa dirigir-se e a partir dela que deve orientar-se. Deve, em primeira ordem, aquele que deseja conquistar a sabedoria, conhecer a si mesmo. E conhecer a si mesmo significa se reportar, por primeiro, à sua condição mais natural: a de um composto de átomos ciente de sua condição que, sem poder acudir-se em nada nem ninguém – nem nos deuses, nem no filósofo, nem no vizinho – precisa acudir-se a si mesmo, precisa comprometer-se com sua própria vida e consigo. Precisa, em segunda

⁵⁸ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 77, p. 70. “Liberdade, da independência o melhor fruto”.

⁵⁹ Na tradução de Quartim de Moraes, utilizada aqui, *autárkeia* é traduzida por ‘independência’. Na tradução da Sentença 44, na mesma edição, ele usa ‘depende de si mesmo’. Em outras traduções para o português, é comum encontrar o termo traduzido por ‘autossuficiência’. Como Quartim mesmo explica no comentário que faz à sentença 44, há uma dificuldade em traduzir o termo por não haver, em português, nenhum equivalente que conserve suficientemente o sentido original. Optamos por usar, então, o próprio termo *autárkeia*.

⁶⁰ DUVERNOY, 1993, p. 93, nota 2.

⁶¹ SPINELLI, 2009a, p. 48.

⁶² FARRINGTON, 1968, p. 27.

ordem, observar que em sua natureza humana dispõe de todo o necessário para encontrar, por si mesmo, sua felicidade. Precisa, enfim, conhecer-se particularmente para, compreendendo-se, aprender a cuidar-se. É apenas dispondo suficientemente de si mesmo que o indivíduo pode, então, conferir-se a liberdade que lhe permite, muito antes de ser o que quiser, a ser, no mais profundo sentido, a si mesmo!

Como bem nota Spinelli: “primeiro, é preciso saber que ninguém liberta ninguém de sua ignorância; segundo, que ninguém é capaz de fazer com que alguém venha a contento saber quem ele próprio é. São tarefas estritamente pessoais.”⁶³ O ‘bastar-se a si mesmo’ de que trata Epicuro nada tem a ver com qualquer tipo de egoísmo: tem a ver com responsabilizar-se e amar-se a si mesmo⁶⁴, coisa que apenas o indivíduo pode fazer por si, para afirmar a própria vida da maneira mais valiosa que pode ser feita: vivendo com serenidade e prazerosamente. Se Epicuro compreende que o estado realmente prazeroso é o que melhor condiz com a realidade humana e que consiste na realização de sua natureza, é de se supor que a recomendação para que o indivíduo volte-se para si mesmo, para aprender a bastar-se, se dá em função dele acreditar “que a Natureza – em particular a *natureza* íntima do humano – muniu a todos do necessário quer para o viver prazeroso, quer para a fuga dos sofrimentos ou dos males da vida.”⁶⁵ Ademais, os sujeitos são irreparavelmente diferentes um dos outros, o que significa que, no que tange a viver eticamente, a conferir-se moderação ou a guiar-se na vida, não é possível depender de manuais nem encontrar uma fórmula que sirva para todos: é o tipo de serviço que remete, inescapavelmente, a cada um. O que Epicuro propõe não é, senão, que cada indivíduo se coloque a serviço de si mesmo, em seu caminho que lhe é próprio, a partir de sua própria natureza.

Esse reportar-se a si mesmo, no entanto, necessita que o indivíduo esvazie-se dos conceitos e preconceitos contidos na cultura em que se insere: “alça tua vela, amigo, e foge de qualquer cultura, seja ela qual for.”⁶⁶ O esforço de libertação que Epicuro propõe, ancorado na ideia de que naturalmente o indivíduo dispõe em si mesmo de tudo que lhe é necessário para guiar-se em direção a sua felicidade, implica em abandonar as crenças e as construções culturais que atrapalham o humano em sua realização prazerosa. Antes de significar um desprezo pela cultura, remete à necessidade de o indivíduo libertar-se dos mitos e da forma de viver que o contexto em que vive inescapavelmente lhe incute: significa, por um lado, não relegar aos deuses, nem a sociedade, nem a ninguém senão a si mesmo a responsabilidade

⁶³ SPINELLI, 2010, p. 126.

⁶⁴ Id., 2009b, p. 178.

⁶⁵ Id., 2009a, p. 84.

⁶⁶ LAËRTIOS, 2008, Livro X, 6, p. 284.

pela própria vida e felicidade, e, por outro lado, a se colocar fora do modo de viver que se orienta pela busca de riquezas, honras, poder ou qualquer outro paradigma que não se harmonize com o prazer que o epicurismo propõe. “Uma vida livre não pode adquirir grandes riquezas, pois não é coisa fácil obtê-las sem servir à multidão.”⁶⁷ Servir à multidão é o que mais se distancia do servir a si mesmo: o *látthe biôsas* – viva recolhido – que é tão famoso quanto polêmico na doutrina epicurista, expressa o caráter externo da *autárkeia*, em que o sábio precisa fazer-se livre das amarras externas que lhe negam a liberdade de que a vida feliz necessita. Como bem observa Spinelli, o *látthe biôsas* “não tinha só um sentido político, mas também existencial.”⁶⁸ É um erro de grandes proporções compreender o esforço de libertação de toda as amarras externas como um ato de egoísmo ou de desprezo pelos próximos.

O afastamento necessário dos assuntos da multidão – a política, a riqueza, o poder, a glória – não contém, no epicurismo, nenhuma significação que possa se assemelhar com a negação do outro ou do comum. O afastamento denota, isso sim, um recolhimento sobre si mesmo no sentido de reconhecer, a partir das próprias condições naturais, que o necessário para a felicidade é bem menos do que os vãos ideais de poder, glória e riqueza, espalhados no ar da cultura, fazem crer. Antes de significar um desprezo ou qualquer tipo de descompromisso com os outros, o fazer-se livre dos condicionantes externos significa afirmar a própria vida, significa colocar-se a serviço de si mesmo, a partir da natureza que lhe é própria, em função de sua própria felicidade – esse é um serviço que só o indivíduo pode fazer por si. Festugière afirma que “quem aspira emancipar-se dos homens e da fortuna deve aprender a bastar-se [...] O que significa que para ser feliz não necessita senão de si mesmo.”⁶⁹ Colocada a *autárkeia* dessa forma, fica difícil de não enxergar um egoísmo latente. Mas o caso é que a aspiração do epicurismo não é propriamente o ‘emancipar-se dos homens’, mas o colocar-se a serviço de si mesmo, reconhecendo que a natureza munuiu a todos com o necessário para a vida feliz: bastar-se é desenvolver a própria potência natural. O afastar-se da multidão é uma necessidade não em si mesmo, mas somente no sentido em que o estar entre a multidão nega as possibilidades de realização desta potência natural para o bem viver.

O desprender-se das amarras externas não significa um emancipar-se dos outros, mas um emancipar a si mesmo: e essa é uma necessidade para quem pretende encontrar na vida que possui a felicidade possível. Tampouco isso significa afirmar que para ser feliz não se necessita senão de si mesmo. Dizer que a natureza munuiu a todos com o necessário para a

⁶⁷ EPICURO, Sentença Vaticana 67, p. 64.

⁶⁸ SPINELLI, 2009a, p. 158.

⁶⁹ FESTUGIÈRE, 1963, p. 7, tradução nossa.

felicidade, significa dizer, no epicurismo, que ela também conferiu ao humano a capacidade de forjar amizades. Disse Epicuro que: “de tudo aquilo que a sabedoria proporciona para a felicidade de toda nossa vida, de longe o mais importante é a posse da amizade.”⁷⁰ Ninguém que acreditasse piamente que para ser feliz necessita apenas de si mesmo, precisaria se colocar entre amigos. O princípio da *autárkeia*, em sentido externo, por fim, não significa um libertasse dos outros, mas convida o vivente a comprometer-se consigo mesmo e realizar-se a si mesmo, afastando-se do que impede sua realização. Significa, de modo simples, não conferir ao outro, aos deuses, à multidão, a responsabilidade daquilo que apenas o indivíduo pode fazer por si mesmo.

Da mesma forma que, no sentido externo, a *autárkeia* não significa um libertar-se dos outros, mas o fazer-se livre *perante* os outros, no sentido interno ela significa fazer-se livre *perante* si mesmo. O sábio é o que na vida prática orienta suas escolhas e seu modo de viver de forma a alcançar a felicidade do instante, sem comprometer o instante seguinte. O sábio é o que escolhe e se confere o prazer como estado, não o que procura, a todo instante, um prazer da carne para preencher-lhe uma carência. Para ser possível viver com sabedoria, no entanto, é necessário aprender a lidar com os desejos, de forma a não ser uma marionete deles! Não significa, de modo algum, que o sábio é o que reprime seus desejos, ou o que tenta negar o que há de mais profundo em sua natureza. Não há, no epicurismo, negação de nada do que faz o humano ser o que ele é: o voltar-se para a própria natureza anuncia exatamente o oposto de qualquer negação, anuncia a afirmação de si mesmo.

Os desejos, as paixões, as afecções e os impulsos são inerentes ao humano e cumprem funções vitais. O que cabe ao sábio, logo, não é negar sua natureza, mas reger-se a partir dela. Não é um fazer-se livre *de* si mesmo, mas um fazer-se livre *perante* si mesmo, para poder *ser* a si mesmo, afirmando a liberdade de sua vontade. Uma vontade livre não é a que se permite a realização de todos os desejos ou impulsos, mas a que, sem os negar, reflete-os e delibera tendo em vista não o prazer mais intenso, que anda sempre no limiar da dor, mas o mais durável, que se encontra na satisfação das necessidades básicas e na ausência de todas as dores que se pode evitar. “O conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz.”⁷¹ Conhecer a finalidade natural dos desejos é essencial, mas a capacidade de transformar em vivência esse conhecimento é o que caracteriza o sábio. Para tanto, é necessário fazer de sua própria vontade um exercício de liberdade: sem negar os desejos e

⁷⁰ EPICURO, 2013, Máxima Principal XXVII, p. 44.

⁷¹ Id., 2002, p. 35.

nem privar-se de refletir e tomar partido em relação a eles, usando-se da capacidade racional que, tanto quanto o são os desejos, é inerente ao humano. É por isso que Duvernoy comenta que “dizer a ‘autarquia do sábio’ ou dizer ‘autarquia’ é a mesma coisa.”⁷² A *autárkeia* é o desenvolvimento *sine qua non* para a vida sábia, não há como ser sábio sem fazer-se, no pouco tempo que é permitido viver, responsável por si mesmo: tomar as rédeas da própria vida significa fazer-se livre das amarras externas, tanto quanto pressupõe a liberdade suficiente para guiar-se frente aos próprios desejos e impulsões.

Dizer que a liberdade é o fruto do exercício da *autárkeia* é afirmar que cabe a cada qual libertar-se do que lhe provoca as dores da alma, sejam os condicionamentos externos, sejam os apetites fora de cuidado que remetem ao íntimo de cada um. Nesse sentido, a *autárkeia* representa, mais do que um ‘bastar-se a si mesmo’, um compromisso profundo e amoroso para consigo mesmo, que liberta das amarras externas e internas, e, sobretudo, que demanda um comprometido cuidado do indivíduo para com ele próprio. Em sentido ético, anuncia que o fundamental compromisso de cada um é consigo mesmo. Em sentido existencial, proporciona ao indivíduo a liberdade necessária para viver seu tempo de vida da melhor forma, conferindo-lhe uma verdadeira posse do instante vivido. Essa liberdade, é necessário dizer, nada tem a ver com o permitir-se qualquer coisa, mas sim com o permitir-se viver a melhor vida.

Enfim, o princípio da *autárkeia* representa, na filosofia epicurista, o próprio *caminho* da felicidade, da paz da alma, do prazer sereno dos dias. É um caminho, de toda forma, que só pode ser aberto por aquele que se propõe caminhar. É um exercício estritamente pessoal porque demanda, do começo ao fim, o debruçar-se sobre si mesmo: para livrar-se das dores da alma é preciso ser livre, e para ser livre, é necessário libertar-se. Como bem resume Spinelli, o que Epicuro procura com sua filosofia é:

[...] fermentar entre os humanos o pressuposto da autonomia, da *ciência* segundo a qual é preciso saber tirar de si mesmo o próprio alimento, ser capaz de se *adestrar*, sem medo de ser *homem*, dentro dos limites e possibilidades de sua própria natureza, a fim de se autopromover como humano.⁷³

Muito antes de anunciar qualquer tipo de desinteresse pelo mundo ou pelos outros, a *autárkeia* é o princípio fundamental da responsabilidade e do cuidado de si que compõe a ética epicurista: é porque a vida é preciosa e única que precisa ser bem cuidada e, então, bem

⁷² DUVERNOY, 1993, p. 92.

⁷³ SPINELLI, 2009a, p. 398.

vivida. Quem cuida suficientemente de si não delega ao outro a necessidade de fazê-lo, mas convida-o, da mesma forma, a responsabilizar-se e cuidar de si mesmo!

1.6. UMA FILOSOFIA ACESSÍVEL

No final da *Carta sobre a felicidade* (a Meneceu), principal documento remanescente a respeito da ética epicurista, Epicuro, ao mesmo tempo em que resume seu projeto de sabedoria, indaga a Meneceu, seu amigo e destinatário da carta, sobre a felicidade do sábio:

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves?⁷⁴

Essa passagem ilustra o projeto de sabedoria que é a filosofia epicurista: a vida livre das perturbações da alma, alegremente disposta e satisfeita com os bens naturalmente necessários é a vida que o sábio vive. A *phrónesis*, mais importante do que a filosofia que reflete e descobre o caminho que a vida feliz deve percorrer, é efetivamente a atitude perante a vida, reflexivamente concebida, que permite bem vivê-la. A vida, para Epicuro, é para ser bem vivida, muito mais do que para ser bem pensada.⁷⁵ Mas ocorre, no entanto, que “a sabedoria que abre a porta da felicidade, exatamente por não constituir um dom da natureza, nem menos ainda da graça divina, só pode ser atingida por um esforço perseverante.”⁷⁶ Um esforço que encontra na filosofia a ferramenta que lhe permite não ser em vão. Mas para quem é a filosofia?

Se a filosofia é a ferramenta que permite acessar a sabedoria, é necessário fazer essa ferramenta acessível. Há, aqui, o compromisso que Epicuro assume para além daquele de viver bem a sua própria vida: o de facultar a todos os humanos a possibilidade de se usarem da doutrina a que ele deu luz. O Jardim de Epicuro, que era um lugar destinado a aprender a filosofia do mestre, e, sobretudo, a viver segundo os preceitos da doutrina, não impunha restrições aos que ali quisessem se achegar, viver e conviver. Bastava que estivessem dispostos a assumir o modo de vida frugal e sereno pregado pela filosofia epicurista. Aliás, como observa Hadot, na Antiguidade, o aderir a uma doutrina significava, muito mais do que assumir uma posição teórica – como, em geral, é hoje – a assumir “o modo de vida que nela se pratica”, e é em função desse modo de vida que “o futuro filósofo passa a assistir a aulas na

⁷⁴ EPICURO, 2002, p. 47.

⁷⁵ SPINELLI, op. cit., p. 33.

⁷⁶ MORAES, 1998, p. 11.

instituição escolar (*skholê*) de sua escolha.”⁷⁷ Sobretudo no epicurismo, em que qualquer elaboração teórica precisa justificar-se em sua utilidade prática para o bem viver, certamente assumir o modo de vida pregado era uma regra. Cabe ponderar, contudo, duas coisas: primeiro que, muito diferente de uma escola aonde se vai para assistir aulas, o Jardim era uma comunidade de amigos na qual efetivamente se podia viver cuidando bem de si mesmo e convivendo em amizade; e, segundo, que o modo de vida pregado pela doutrina epicurista era, sem dúvida, muito mais radical do que o das outras escolas, no que tange, especialmente, ao platonismo e às escolas aristotélicas.

O Jardim, como escreve Spinelli, “acolhia todo e qualquer *ser* humano, independentemente de *ser* isto ou aquilo, no caso das mulheres de *ser* cortesã ou *ser* prostituta, porque esse ‘ser’ não constituía nelas o seu *ser* essencial.”⁷⁸ Especialmente em relação às mulheres, o epicurismo foi tremendamente revolucionário. Festugière conta que Leôntion, uma *hetera* e discípula, chegou, inclusive, a assumir a presidência temporária da escola, que Epicuro conferia rotativamente aos discípulos. “Se imagina facilmente”, comenta ele, “o que deviam sentir essas cortesãs junto a Epicuro, em um país e em uma época em que a *hetera* era a escrava da mulher casada. Alguém, enfim, lhes reconhecia uma alma.”⁷⁹

Liberto dos preconceitos da cultura, Epicuro, que acreditava ser o estado feliz o que melhor condizia com a natureza humana, não deixou de reconhecer essa natureza na sua mais expressiva materialidade: se todos os humanos são agrupamentos de átomos, efêmeros e mortais, nada justifica a exclusão de um ou outro, nada justifica a primazia ou a subordinação de um em relação a outro, seja quanto ao gênero, seja quanto ao lugar onde se nasce, seja quando as posses que se tem. Como bem comenta Moraes:

Assim como a hierarquia das formas dos cosmos aristotélico se expressava numa ética fundada na diferença entre uma maioria de homens imperfeitos e uma minoria capaz de atingir a excelência das virtualidades da espécie, à homogeneidade materialista do Universo de Epicuro correspondia uma ética igualitária.⁸⁰

Para Epicuro, já que a natureza facultou a todos a sabedoria, de maneira que conferiu a todos os humanos o indispensável para a felicidade, a filosofia não poderia excluir nenhum dos que dela quisessem se usar para encontrar o caminho de sua realização, uma vez que ela se apresenta como uma ferramenta para a sabedoria. Não é para formar grandes políticos, nem grandes retóricos, nem grandes filósofos, nem grandes cientistas que a filosofia de Epicuro se

⁷⁷ HADOT, 1999, p. 148.

⁷⁸ SPINELLI, 2009a, p. 142.

⁷⁹ FESTUGIÈRE, 1963, p. 24, tradução nossa.

⁸⁰ MORAES, 1998, p. 10.

destina: é para todo e qualquer humano que pretenda, a partir de si mesmo, livrar-se das perturbações da alma e aprender a viver serena e prazerosamente a vida, da qual precisa se fazer ciente de que é finita e única, para então, comprometido amorosamente consigo mesmo, pleitear a felicidade que garanta um sentido imanente à sua existência.

Mais do que ser facultada a todos, Epicuro empenhou-se em fazer sua doutrina acessível a todos. “A vida melhor que se ensinava no Jardim era acessível à inteligência do homem comum.”⁸¹ As cartas de Epicuro que restaram se destinavam a esse fim: a apresentar de forma acessível e resumida a doutrina. Como escreve na Carta a Heródoto:

Para os incapazes de estudar acuradamente cada um dos meus escritos sobre a natureza ou de percorrer detidamente os tratados mais longos, preparei uma epítome de todo meu sistema a fim de que possam conservar bem gravado na memória o essencial dos princípios mais importantes.⁸²

As máximas, de forma mais resumida e fácil de serem recordadas ainda, destinam-se exatamente a este fim: o de convidar à doutrina e, principalmente, ao modo de vida, de forma acessível mesmo àquele que não foi previamente ilustrado filosoficamente.

Não só ao atomismo – que leva, a partir do reconhecimento da comum materialidade de todos, à conclusão de uma ética igualitária – que se deve o intento do epicurismo de facultar a todos e de tornar tão acessível quanto possível sua doutrina da sabedoria. O próprio Epicuro conheceu a pobreza desde cedo e precisou, como escreve Festugière, aprender a “viver sozinho, a armar-se sozinho para as lutas da existência e para a conquista da sabedoria.” De origem humilde, bastante diferente de Platão, Aristóteles e “todos aqueles jovens afortunados que, no decorrer do século IV, se agruparam na Academia, no Liceu ou em torno de Sócrates, Epicuro é um *self-made man*.”⁸³ Ocorreu-lhe estender a sabedoria que forjou em sua vida para que outros – e nesses outros se incluem inclusive os que não dominam a geometria – pudessem, em suas vidas, a partir de sua natureza humana e peculiarmente individual, fazer-se sábios de si mesmo para bem viver a vida que apenas uma vez se dá a cada vivente.

Ademais, uma filosofia da serenidade, da frugalidade, da vida humilde e satisfeita é, mais que compreensível, passível de ser vivida por todos, inclusive pelos mais humildes que são, também, os que mais sofrem, sobretudo em tempos de maior pobreza e instabilidade social. Basta que cada indivíduo volte-se para si mesmo e, com os ensinamentos da doutrina e a partir da natureza que lhe é própria, aprenda a reger-se na vida em prol de viver da forma

⁸¹ MORAES, 1998, p. 11.

⁸² EPICURO, Carta a Heródoto in LAËRTIOS, 2008, Livro X, 35, p. 291.

⁸³ FESTUGIÈRE, 1963, p. 21.

mais prazerosa e prudente que lhe couber. E para a vida mais prazerosa e prudente não é necessário muito mais do que a natureza já dispõe a cada humano, porque a própria vida e o tempo vivido já se constituem em um bem muito valioso. O princípio da *autárkeia*, que exige esse voltar-se para si mesmo, permite, inclusive, que o epicurismo, como escreveu Melli, seja adaptável aos mais diversos temperamentos e se constitua, mais do que numa doutrina, num efetivo modo de vida.⁸⁴ Os mais de setecentos anos pelos quais se estenderam as comunidades epicuristas, há de se concordar, é uma evidência nada desprezível de uma filosofia de vida, que foi, efetivamente, vivida.

⁸⁴ MELLI, 1922, p. 80. “L’Epicureismo diventa più che una dottrina una maniera di vita adattabile ai temperamenti più diversi, dalle nature voluttuose che amano francamente il piacere a quelle semplicemente prudenti, o miti e rassegnate come il maestro, o le nature contemplative e aliene dalla vita pubblica, che riponevano nel piacere dello spirito, della cultura e dell’arte, il sommo della felicità.”

CAPÍTULO II

A FÍSICA E A CANÔNICA: DO ÁTOMO AO PRAZER

2.1. DOS LIMITES E DO POSSÍVEL

“Não, ó minha alma, vida imortal não queiras, mas do factível exaure os meios.”⁸⁵ O mesmo poeta que conclamou os homens a se tornarem no que são, não se esquivou de olhar para si mesmo e reconhecer o recorrente desejo humano de ultrapassar os limites de sua condição mortal. Para tornar-se o que se é, é necessário, antes, reconhecer-se em sua própria condição, sem fantasiar a superação dos limites que são inerentes à vida e necessários de serem reconhecidos para que se possa bem viver. Píndaro não deixou de notar que o desejo de imortalidade, antes de ser uma expressão de amor pela própria vida, leva o humano a dar as costas ao possível, ao factível, ao real, à vida enquanto ela é, em troca de desejos vãos e promessas vazias de uma vida eterna que não pode ser. Desejando ser mais do que podem, os humanos gastam suas vidas sendo menos do que poderiam. Ansiando a vida imortal, desperdiçam a vida de que dispõem sem dela usufruírem em sua plenitude. O verdadeiro amor à vida é também o amor aos limites que lhe são inerentes, à condição em que a vida se dá: como usufruto, jamais como propriedade⁸⁶, disse outro poeta, Lucrécio, séculos mais tarde, sob influência da filosofia de Epicuro que reconheceu o mesmo problema que Píndaro expressou em versos, e se propôs a resolvê-lo.

Reconhecer os próprios limites, livrar-se das ilusões que os ignoram, abandonar as idealizações que se sobrepõe à vida em sua realidade material e em seu caráter perecível: esse é o critério do amor verdadeiro pela existência, porque a autenticidade de qualquer amor é assegurada ou desmentida pela realidade que pode suportar. É esse amor, ciente dos limites da vida e conseqüentemente de sua preciosidade, que atíça o vivente a esgotar as possibilidades, a exaurir o factível da melhor forma possível: vivendo bem a vida que há, honrando-a nos instantes vividos. Uma vez superados os flertes com os variados mitos que dão gênese a ilusão da vida eterna, o instante se apresenta como o verdadeiro espaço do bem viver, porque é, mais que único, o realmente possível. No entanto, aquele que necessita das crenças que lhe esperanças com uma vida sem fim, que necessita de promessas que negam os limites de sua condição, não pode amar verdadeiramente a vida de que dispõe. Um amor que não se contenta com o real é um amor fracassado porque é o amor pelo que não é: é o amor que despreza o

⁸⁵ PÍNDARO, 1999, Pítica III, ep. 3, p. 191.

⁸⁶ LUCRÉCIO, 1973, Livro III, 970, p.83.

possível idealizando o que não pode ser. O instante vivido deixa de ser a preciosidade da vida para ser mero espaço preenchido com infindáveis preocupações, ocupações e preparações para um depois que nunca chega, para o desejo que nunca sacia, para a vida eterna que a ninguém é facultada seja como prêmio ou castigo. A vida, em sua instantaneidade, é hipotecada em prol de um ideal vazio, de uma esperança tola, de uma promessa impossível, de uma crença vã que termina por desprezar o que é em troca do que não será. Mas a vida é única e não se repetirá para ninguém, não pode ser desprezada e tampouco pode ser bem vivida se o vivente não conhece, reconhece e se guia nela a partir de seus limites e possibilidades.

É no conhecimento e reconhecimento da própria natureza que está o segredo para que o humano se aproprie suficientemente do momento vivido e possa bem viver o maior número de momentos possíveis, livre das ilusões e das necessidades delas provenientes, suficientemente disposto e ciente de si mesmo para colher seus dias com serenidade. Essa ideia, certamente, já estava expressa nos versos de Píndaro, mas é na filosofia de Epicuro que ela encontrará sua realização em uma filosofia vivida, em uma ética do prazer constante de existir, que faz se encontrarem o *sentido do viver* com o *momento vivido*. Tal conhecimento e reconhecimento da própria natureza, dos limites e das possibilidades do humano em geral e do vivente em particular, estão escorados e balizados, respectivamente, por uma concepção radicalmente materialista do universo que se complementa com uma perspectiva dita sensualista do conhecimento.

Esta concepção materialista é expressa por uma física atomista que nega, mais que a imortalidade da alma, qualquer possibilidade de ordenamento determinado, providência e sentido último no universo e, em consequência, no humano. A perspectiva sensualista, por sua vez, ao tomar as sensações como critério, impede idealizações que contradigam a realidade sensível do mundo e encontra, na capacidade inerente ao humano de sentir prazer, a referência com a qual, naturalmente, este deve se guiar na vida. São essas as bases, classicamente referenciadas como a *física* e a *canônica* de Epicuro, que serão apresentadas e refletidas neste capítulo, não com a intenção de serem escrutinadas separadamente e expostas em suas lacunas e inconsistências, como já foi feito, sobretudo, pela tradição de autores que se opuseram ao epicurismo. Mas, isso sim, mirando as conclusões que elas fornecem, que sustentam o modo de vida epicurista e que justificam as escolhas éticas e políticas que a doutrina assumiu. Bases essas que, por tratarem de questões existenciais atemporais inerentes ao humano, mantêm o epicurismo, não obstante o que há eventualmente de caduco nas considerações fisiológicas do mestre dos jardins, atterradoramente atual não apenas em suas

questões, mas em suas críticas aos misticismos, à ganância imponderada, aos projetos de poder e às ilusões coletivas a que se entregam os humanos, como se a vida de cada um não fosse única, breve e imprevisível para ser gasta com tantas ocupações...

“Quem conhece os limites da vida sabe que é fácil conseguir remover o sofrimento proveniente da carência e assim conduzir a vida em seu todo à perfeição. Por isso não precisa empenhar-se em disputas que exigem esforço excessivo.”⁸⁷ Conhecer os limites da vida, no entanto, não é possível sem se dedicar ao estudo da natureza, que como conta Diógenes Laércio, era chamado pelos epicuristas “de ciência do nascimento e da morte”⁸⁸, já que se preocupa em explicar o universo e o existente não com fins meramente científicos mas, prioritariamente, existenciais. O conhecimento pelo conhecimento não tem sentido dentro do modo de proceder epicurista, uma vez que o que realmente está em jogo e o que mira a doutrina não é, senão, proporcionar o conhecimento suficiente para que o humano possa usufruir-se de sua vida com sabedoria. A *physiologia* de Epicuro, portanto, não é uma ciência que encontra em si mesmo os seus fins, mas uma investigação que se destina, toda ela, a prover o conhecimento suficiente para a compreensão da natureza humana com fins exclusivamente práticos. Já na introdução da *Carta a Heródoto* que, dos textos de Epicuro conservados, é o que contém os princípios do estudo na natureza de modo sistematizado e resumido, o filósofo, antes de começar propriamente a exposição de sua teoria atomista, deixa bastante claro quais os reais objetivos do estudo da natureza: “eu, que dedico incessantemente minhas energias à investigação da natureza, e desse modo de viver tiro principalmente a minha calma.”⁸⁹

Essas considerações são importantes para, em primeira ordem, deixar claro quais os fins a que toda investigação epicurista se encaminha, e em consequência, para sustentar a unicidade da obra de Epicuro, uma vez que sua doutrina “era una, e não tríplice como a exigência pedagógica (sistemática) acostumou denominar.”⁹⁰ Se, por um lado, em caráter pedagógico é importante a divisão entre *canônica*, *física* e *ética* para a compreensão da doutrina, perder de vista os fins a que toda investigação se destina é o que de mais desonroso se pode fazer em relação ao epicurismo. A *física* e a *canônica* encontram seu sentido no todo da doutrina, jamais em sua especificidade. Analisar qualquer das partes da filosofia epicurista sem se remeter à unicidade necessária em que a obra de Epicuro foi composta pode ser um caminho interessante para quem deseja desautorizar a filosofia de Epicuro, mas sem nenhum

⁸⁷ EPICURO, 2013, Máxima Principal XXI, p. 28.

⁸⁸ LAÉRTIOS, 2008, Livro X, 30, p. 289.

⁸⁹ EPICURO, *Carta a Heródoto* in LAÉRTIOS, 2008, Livro X, 37, p. 291.

⁹⁰ SPINELLI, 2013a, p. 91.

sentido para o modo de vida que o epicurista mira. O que está em jogo não é outra coisa senão viver da melhor forma que se pode, e, nesse sentido, tanto a *canônica* quanto a *física* se destinam, cada qual em sua especificidade, a este fim: prover o conhecimento necessário para o bem viver.

Hegel, ao analisar a canônica de Epicuro, disse que “dificilmente se poderia conceber outra mais pobre”⁹¹ do que a ‘teoria epicurista do conhecimento’. O que não lhe ocorreu, justamente por se propor à exposição da canônica como uma teoria do conhecimento, é que em nenhum momento foi intenção de Epicuro construir, com fins meramente teóricos, uma teoria do conhecimento, mas tão só de enunciar as bases sensíveis sobre as quais o modo de viver epicurista se assenta. A questão, portanto, se o que se quer é fazer jus aos objetivos da doutrina, não pode ser outra senão compreender como suas partes funcionam em relação a esses objetivos e reconhecer que o que Epicuro pretendia não era, pois, ao desenvolver sua *física* ou sua *canônica*, senão de se servir dos conhecimentos suficientes para balizar um modo de vida específico. Disso, é importante dizer, que julgar Epicuro pelo que ele não se propôs a fazer é tão útil e justo quanto julgar uma bela pintura pela falta de conhecimento matemático do artista. Apontar as incoerências científicas das explicações dos fenômenos celestes que Epicuro incorre na *Carta a Pítocles*, por exemplo, e com estas incoerências buscar desautorizar o pensamento de Epicuro, é deixar escapar o que de realmente importante há em sua filosofia: o caráter libertador dos misticismos, das amarras e temores que a superstição mitológica impõe ao que dela se serve porque não encontra outra possibilidade.

Disto não decorre, contudo, que qualquer explicação dos fenômenos do universo e da natureza humana, desde que se afaste das penas e temores que uma determinada explicação mítica traz a reboque, é válida para o epicurismo, como parece fazer crer Ullmann ao dizer que “Epicuro sempre foi avesso a teorias [e que] sua intenção era resolver os problemas de ordem prática.”⁹² Que a intenção era resolver os problemas de ordem prática não resta dúvidas, mas forçar a ideia de que Epicuro era tão amplamente avesso às teorias é exagerado. Certamente o filósofo dos jardins não estava interessado em teorias que não tivessem uma consequência prática para o bem viver, mas é importante ressaltar que a teoria atomista, embora se justifique pelas conclusões que pode fornecer para a sabedoria da vida, não deixa de ser uma teoria. Mais que isso, não deixa de manifestar a tentativa de escorar as fundamentais conclusões da doutrina sobre teorias cientificamente válidas. Trocar um mito por outro mito menos repressor não é uma opção com a qual o epicurismo se contenta. Dizer

⁹¹ HEGEL, 1985, p. 385.

⁹² ULLMANN, 2006, p. 51.

que o conhecimento científico não é buscado com o fim nele mesmo, mas pela libertação e calma que pode dispor ao que dele se apropria, não é, de forma alguma, desautorizar a ciência por ela mesma, mas tão só de anunciar que, dentro da doutrina epicurista, ela é desejável por seus fins, e, já por isso, jamais preterível.

Como argumenta Spinelli, a real preocupação de Epicuro não foi a de:

[...] formular uma visão científica do mundo, mas apenas (ainda que isto soe aparentemente cômodo) insistir que só uma visão cientificamente válida do mundo (da qual a experiência é a base) seria capaz de afugentar o homem de seus medos e temores, e de iluminá-lo na busca de uma vida prazerosa e feliz.⁹³

Concentrar-se em uma visão cientificamente válida significa negar-se a admitir qualquer explicação que se perca por caminhos que ultrapassem os limites da explicação racional, natural e material do universo e de qualquer fenômeno, e que termine por incorrer em misticismos, em desatinos sobrenaturais e, em consequência, em temores e ocupações desnecessárias ao humano. “Se nunca estivéssemos perturbados pelo temor dos fenômenos celestes e da morte, imaginando que esta pudesse afetar-nos e se não desconhecêssemos os limites próprios aos desejos, não teríamos necessidade de estudar a natureza.”⁹⁴ Uma vez, no entanto, que estes tormentos que atrapalham e perturbam a vida são reconhecidos, é no estudo da natureza – do universo e da que lhe é inerente – em que o sábio epicurista vai procurar o conhecimento necessário para se fazer suficientemente livre de tudo que lhe atrapalha a experiência única de viver.

Desta forma, o conhecimento da natureza, a ciência necessária que o sábio procura, presta contas do que se propõe e de sua validade diretamente à vida do sábio, e esta é a certificação necessária para o epicurismo. É necessário, contudo, que este seja um conhecimento seguro o suficiente para não atribular a alma: “perderíamos a paz de espírito se as certezas teóricas em que a baseamos fossem desmentidas pelos fatos ou por sólidos argumentos.”⁹⁵ E é necessário, sobretudo, que este conhecimento possibilite o humano a se colocar de frente à própria vida, de frente à sua condição material e existencial, para que, a partir de sua realidade, higienizada tanto quanto possível de qualquer idealização, ele possa, seguramente, se guiar a partir de seus limites e possibilidades, para transformar em estado o prazer que dá gosto ao viver. O conhecimento da natureza, enfim, que as bases da filosofia epicurista sustentam e intencionam não é um saber inócuo ou que se contenta em enunciar

⁹³ SPINELLI, 2009a, p. 126.

⁹⁴ EPICURO, 2013, Máxima Principal XII, p. 30.

⁹⁵ MORAES, 1998, p. 28

verdades ou regras sobre o mundo e o humano, mas o saber que tem, prioritariamente, o sentido de ser libertador: “ao menos o conhecimento da realidade permitirá nos desfazermos da pesada massa ideológica que foi se acumulando na sociedade, no duro processo de sua evolução e superação.”⁹⁶

Epicuro reconheceu nos mitos da imortalidade da alma e nas crenças quanto à influência que podem os deuses ter sobre os homens um pesado fardo que atrapalhava determinadamente a felicidade do humano. Um fardo, todavia, que não precisava ser carregado e que certamente poderia ser abandonado com o conhecimento justo da realidade natural do mundo, dos fenômenos e do próprio humano. Sem dúvidas, não deixou de perceber que esses temores cumpriam, sobretudo em relação ao homem comum, um importante controle e domínio. O medo da morte e o temor aos deuses acabam por determinar o modo de viver dos que a estas crenças estão submetidos, e ocorreu-lhe que, como a todos os viventes só uma vida é facultada viver, era urgente que cada um pudesse se libertar dos controles e determinações provocados pelos temores e mitos espalhados no ar da cultura, para que pudessem desfrutar de sua existência sem estar submetidos a nenhuma necessidade além das que lhe são naturais.

Farrington, buscando reconhecer as influências do pensamento de Aristóteles sobre a construção filosófica de Epicuro, termina por concluir que o peripatético, antes de Epicuro, já estava bastante ciente quanto à mortalidade da alma tanto quanto à impotência dos deuses sobre os homens, mas que, “na prática ele não acreditava ser possível abandonar os aterradores mitos pelos quais as massas devem ser controladas”, e conclui dizendo que “aí está a diferença entre ser um filósofo e ser o fundador de um movimento para a emancipação do homem comum.”⁹⁷. Embora sejam discutíveis os atributos que Farrington concede ao que seria propriamente um filósofo, é indiscutível a mensagem libertadora de Epicuro e, com ela, a convicção do filósofo dos jardins quanto ao para quê e para quem deve servir a filosofia, muito devida ao atomismo que coloca todo humano debaixo do mesmo guarda-chuva existencial, sem reconhecer qualquer primazia de um humano sobre o outro. De toda forma, apesar de Farrington afirmar convictamente que a doutrina da mortalidade da alma baseada nas pesquisas biológicas de Aristóteles “tornou-se num dos principais sustentáculos do ensino no Jardim”⁹⁸, condicionando Epicuro a mero divulgador às massas desta constatação, é preciso ir um pouco além da visão de Epicuro como mero divulgador de uma ‘boa nova’.

⁹⁶ LLEDÓ, 1995, p. 67, tradução nossa.

⁹⁷ FARRINGTON, 1968, p. 137.

⁹⁸ Ibid., p. 107.

O que há de mais profundo e radical, em Epicuro, não é a mera aceitação de uma tese como a da mortalidade da alma, que, sem dúvidas, constitui-se mesmo num dos fundamentais sustentáculos do ensino ministrado no Jardim. São as consequências existenciais que Epicuro retira desta verdade irrefutável e assegurada, não pelas pesquisas biológicas de Aristóteles, mas pelo atomismo reformado de Demócrito, que marcam a radicalidade do pensamento de Epicuro e o conseqüente modo de vida que o epicurista assume. Esse atomismo, mais do que a constatação da mortalidade da alma e da enunciação da finitude humana como uma verdade que precisa ser aceita para que se possa bem viver a vida enquanto ela ainda é, permite a Epicuro, também, a negação de qualquer teleologia em relação ao universo e conseqüentemente ao humano, além do abandono das crenças que se sustentam na admissão de que os assuntos humanos tenham alguma relevância para os deuses. Essa tríade, que nega qualquer sentido teleológico para a vida humana, qualquer possibilidade de continuação da existência individual depois da morte, e qualquer interferência dos deuses sobre o mundo, é que leva a filosofia de Epicuro, em sua consequência ética e existencial mais valiosa, como escreve Jean Brun, “a dar ao homem o sentido do imediato e do original de que as opiniões enganosas e as ambições insensatas o desviaram”.⁹⁹ Essa ideia de imediato, por sua vez, conjuga-se perfeitamente com o dito sensualismo de Epicuro, que encontra no prazer a referência natural e máxima do humano. Numa vida finita e única, sem um *télos* transcendente e qualquer sentido superior, é no momento vivido prazerosamente que se encontra, para o epicurismo, todo sentido possível e a realização da própria vida. É então que o epicurismo se anuncia, não meramente como uma filosofia de vida, mas como uma filosofia da afirmação da vida, em sua natureza e imediaticidade.

2.2. DO ÁTOMO AO INFINITO E DO TODO AO HUMANO

É desnecessário uma vez mais sustentar que a intenção da física epicurista não se reduz à especulação teórica, mas que justifica sua utilidade na medida em que serve à sabedoria prática. Mas é necessário referenciar – como Epicuro, a bem da verdade, deixa de fazer – que a teoria atomista que serve de base à ética epicurista é devida, sobretudo, a Demócrito. Cícero, clássico contendor do epicurismo, não se demorou em lembrar da dívida do epicurismo em relação a Demócrito, nem se furtou em dizer que “Epicuro acrescentou algumas coisas à Demócrito, alterando muito poucas, conquanto me pareça que as que

⁹⁹ BRUN, 1959, p. 111.

pretende corrigir ele acaba por pô-las a perder.”¹⁰⁰ Resta apenas dizer, em relação a Cícero, que suas considerações em nenhuma medida visam entender e muito menos explicar qualquer ideia epicurista, restando-lhe, no que tange ao estudo do epicurismo, o papel muito mais do contendor sempre disposto a atacar do que o do erudito empenhado verdadeiramente em compreender algo. Em relação à Epicuro e Demócrito, é válida a analogia de Spinelli que os compara a “dois irmãos que receberam dos pais os mesmos princípios, dos quais entretanto fizeram um aproveitamento bem diferente”¹⁰¹.

Enquanto Demócrito imagina e contempla a infinitude do universo e dela procura destilar as leis físicas para a explicação do mundo e, disposto destas, termina por incorrer em um determinismo fatalista, Epicuro procura compreender a natureza do humano nesse espaço infinito, e destilar um modo de vida sereno e grato à existência fortuita e finita, no entanto preciosa e única, salvando o arbítrio humano da dança infinita dos átomos. Como bem resume Farrington – a partir dos apontamentos de Marx que em seu tempo trataremos – “o atomismo, que foi inventado por Demócrito para dar uma base à física, foi adotado por Epicuro para servir de fundamento à ética.”¹⁰² Cabe, todavia, antes de propriamente nos atermos às conclusões que servem de base à ética de Epicuro, comentar rapidamente como ele chega, primeiro, ao atomismo.

A dúvida, certamente, é uma das mais fabulosas faculdades humanas devidas à racionalidade, e exerce uma função determinante no impulso a novos conhecimentos. Mas a dúvida que prescindir do bom senso e se priva de uma referência na qual depositar confiança, termina por confundir tudo e destruir qualquer possibilidade do conhecer. Para o epicurismo, a referência básica é a sensação: tanto para a formação das opiniões quanto para sua certificação. “Se combates todas tuas sensações, nada disporás de referência para discernir corretamente aquelas que julgas deverem ser rejeitadas.”¹⁰³ Por mais que se duvide, por exemplo, da chaleira quente que chia no fogo alto, não é possível deixar de queimar a mão ao tocá-la. O dito sensualismo epicurista não institui a sensação como a verdade em si, porque sobre as sensações, o epicurista se mostra plenamente ciente, não se infere juízos de verdade ou falsidade: falso e verdadeiro são juízos exclusivos para as opiniões formadas a partir das sensações recebidas. Se ao perceber a chaleira no fogo, alguém duvidar que ela esteja quente, embora veja o fogo que lhe aquece e ouça o som peculiar produzido pelo seu aquecimento, pode tirar a prova queimando a mão ao tocá-la. A opinião quanto a estar ou não estar quente a

¹⁰⁰ CÍCERO, 2005, Livro Primeiro, VI, p. 8.

¹⁰¹ SPINELLI, 2009a, p. 70.

¹⁰² FARRINSTON, 1968, p. 119.

¹⁰³ EPICURO, 2013, Máxima Principal XXIII, p. 39.

chaleira não desmente ou justifica as sensações que serviram para formá-la, simplesmente porque as sensações apenas nos ocorrem e, portanto, são reais: negá-las é negar a via humana de se relacionar com o mundo. Mas é a opinião que precisa se certificar de sua verdade ou falsidade e o faz a partir de uma nova sensação, ao tocar a chaleira. As sensações, no epicurismo, mais que a base de toda elucubração de idéias e opiniões, são o critério que certifica ou desmente a opinião. O que Epicuro faz é antepor a existência à ideia e a exigir que todas as ideias se justifiquem na existência que nos é certificada pelos sentidos: há um instinto anti-metafísico em Epicuro, como comenta Lledó, ao dizer que “qualquer aproximação teórica que antepusesse a ideia à existência, o projeto à simples observação dos sentidos, estava efetivamente edificado no ar.”¹⁰⁴

De toda forma, não é possível ver um átomo, menos ainda certificar, via sensação, que existem infinitos átomos num espaço também infinito. Farrington rejeita, a partir da constatação de que não é possível receber qualquer informação sensorial sobre os átomos, da mesma forma que em nenhuma sensação é possível assegurar sua existência, a capacidade dos cânones epicuristas de “justificar a verdade dos conceitos fundamentais do atomismo.”¹⁰⁵ Há certa razão em sua consideração, mas é necessário ponderar que, para a física contemporânea o átomo é uma realidade – mesmo que não seja propriamente o mesmo átomo de que trata Epicuro – muito embora ainda não haja fotos deles para provar sensorialmente sua existência. “Tudo o que Epicuro nos pode dizer é que estes conceitos são verdadeiros porque não são contestados por nenhuma prova dos sentidos”¹⁰⁶, diz Farrington. Certamente não é imprecisa esta afirmação, apenas incompleta. A teoria atomista, como veremos, não se antepõe à sensação, mas é fruto da observação dos processos de composição e decomposição dos seres que, estes sim, são atestáveis pelos sentidos, e da conseqüente reflexão e inferência sobre tais fatos observáveis.

A primeira tese sustentada por Epicuro na *Carta a Heródoto* é também a fundamental tese da física epicurista: “nada nasce do não-ser.”¹⁰⁷ Na formulação de Lucrécio: “nada se pode criar do nada.”¹⁰⁸ Há, pois, um mundo pressuposto porque é observável e então dado como existente, que se transforma continuamente, se desfaz e se refaz, mas continua sendo o mundo. Transforma-se infinitamente e segue sendo sempre o mesmo, de um jeito diferente. Tudo que cresce ganha corpo e aumenta em matéria: “tudo se desenvolve sobre matéria

¹⁰⁴ LLEDÓ, 1995, p. 112, tradução nossa.

¹⁰⁵ FARRINGTON, 1968, p. 117.

¹⁰⁶ Ibid., p. 117.

¹⁰⁷ EPICURO, *Carta a Heródoto* in LAËRTIOS, 2008, Livro X, 38, p. 29.

¹⁰⁸ LUCRÉCIO, 1973, Livro I, 155, p. 41

própria e dela se alimenta”¹⁰⁹. Mas se tudo que tem vida nasce e cresce e não é necessário mais do que a experiência no mundo para atestar essa tese, é igualmente fato que tudo que um dia teve vida também perece e se desfaz a olhos nus. Se nesse processo de criação e perecimento, de nascimento e de morte, a matéria que compõe os corpos se perdesse, o mundo já teria se desfeito e reduzido ao nada. Mas não é esse o caso e não é necessário mais que os sentidos para constatar esse processo e complementar a primeira tese com outra: “nada pode volver ao nada.”¹¹⁰

De um lado, nada volve ao nada segundo o princípio lógico pelo qual nada se cria do nada, de outro, algo, por mais que se extinga, nunca vem a ser nada, justamente por ter sido algo. Há um algo que se mantém apesar de todas as transformações que podem ser atestadas. Certamente esse algo não pode ser visto, mas pode ser inferido: se os corpos materiais que os sentidos permitem observar acabam por se decompor, e se é também pelos sentidos que se constata que o mundo, apesar de se regenerar constantemente não se degenera, então a matéria de que são feitos esses corpos não se desfaz. “A existência dos corpos é atestada em toda parte pelos próprios sentidos, e é nos sentidos que a razão deve basear-se quando tenta inferir o desconhecido partindo do conhecido”¹¹¹, diz Epicuro. É a partir do conhecido e visível que se infere o desconhecido e invisível, aquilo que se mantém, que não se degenera, que não se resolve no nada e que, se continua a ser, é porque sempre foi e não deixará de ser: a matéria. A porção de matéria mínima que não se destrói, que é eterna e indivisível, não é outra coisa senão o *átomo*.

É importante notar que “Epicuro coloca este princípio não como verdade intuitiva ou a priori, mas como juízo fundado sobre a experiência sensível, como hipótese legítima de um número incalculável de fatos.”¹¹² E é sobre esta primeira constatação que todas as outras serão erigidas. É possível constatar que os corpos se movem e para moverem-se é necessário que exista espaço, logo, há, além da matéria, outra coisa que compõe o *todo*: o vazio. Tudo que é real, com exceção do vazio, é material. O *todo* é composto por átomos e vazio. Esse *todo*, por uma exigência da razão que não pode conceber um fora do que existe porque não teria com o que compará-lo, precisa ser infinito. Como é composto por átomos que são eternos, logo, é infinito e eterno. Em um *todo* de espaço infinito, para que os átomos não se percam vagando infinitamente, é necessário também que a quantia de átomos não seja limitada: os átomos também são eternos e em infinito número.

¹⁰⁹ LUCRÉCIO, 1973, Livro I, 190, p. 41.

¹¹⁰ Ibid., Livro I, 215, p. 41.

¹¹¹ EPICURO, Carta a Heródoto in LAËRTIOS, 2008, Livro X, 39, p. 292.

¹¹² MELLI, 1922, p. 30, tradução nossa.

A noção de infinito é aterradora: este mundo em que vivem os humanos é apenas mais um dos infinitos mundos possíveis, de infinitos mundos diferentes deste e de outros infinitos mundos iguais a este. O mundo dos humanos não é o centro do *todo* porque no infinito não há um centro. Nem é único e de nenhum privilégio em relação ao *todo* gozam os humanos ou o mundo em que vivem. Esse *todo*, dirá Epicuro, “sempre foi exatamente como é agora, e sempre será assim”¹¹³. Se sempre foi e sempre será significa que não foi criado e em nada se realizará: seguirá apenas sendo o que é, eternamente. Como comenta Gual, “o peculiar do atomismo frente a outros sistemas de explicação do universo físico é a falta de teleologia.”¹¹⁴ Se não há um *télos* no universo, tampouco o há para o humano. Não é a questão de responder, ante a pergunta sobre qual é o sentido do *todo* e, em decorrência, qual o sentido do humano, que não há um sentido superior. A própria pergunta por um sentido superior é vazia: não faz sentido. No entanto, os humanos reclamam um sentido para si. Contentam-se, em geral, em se imaginar frutos queridos de um criador benevolente, contentam-se em imaginar que estão no mundo para desempenhar um nobre sentido: uma missão, alguns crêem. Para o epicurismo, qualquer destas ideias é absolutamente vazia, delirante, carente de senso de realidade. Se a intenção é viver bem a vida de que se dispõe, primeiro, há que se livrar de todas as idéias vazias e para tanto é imprescindível conhecer a própria natureza, a inerente condição: não é em prol de uma mera contemplação que se busca conhecer o *todo* e sua natureza, é para conhecer-se e reconhecer-se enquanto tal, parar libertar-se das idéias vazias que a ignorância respaldada pelo orgulho não cansa de fabricar.

“Lembra-te de que, sendo mortal por natureza e dispondo de tempo limitado, tu te elevaste pelos raciocínios sobre a natureza até o ilimitado e o eterno e contempleste a teus pés ‘o que é, o que será e o que já foi’.”¹¹⁵ Manter firmemente a ciência do que se é e do que é o *todo* é um exercício de humildade, mas é também maravilhoso poder fazê-lo. Longe de qualquer pessimismo em relação à condição humana, Epicuro não a concebe tragicamente, mas, muito pelo contrário, compreende a vida como uma grande sorte, como uma oportunidade única de estar no mundo e de experimentar o que é viver, sentir e ter ciência do que é o universo. “A atitude epicurista se afasta de toda tragédia individual. É de modo calmo [...] que a tragédia do não-sentido cósmico é assumida.”¹¹⁶ É oportuna e importante a afirmação de Duvernoy, exceto pelo fato de que o não-sentido cósmico não é tomado como

¹¹³ EPICURO, Carta a Heródoto in LAËRTIOS, 2008, Livro X, 39, p. 292.

¹¹⁴ GUAL; ACOSTA, 1974, p. 32, tradução nossa.

¹¹⁵ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana X, p. 20.

¹¹⁶ DUVERNOY, 1993, p. 69.

uma tragédia. A intenção do epicurismo é justamente a oposta: o conhecimento da natureza não visa instalar perturbações, mas justamente livrar-se delas.

Se o universo simplesmente é, não carrega consigo nenhum adjetivo positivo nem negativo: da mesma forma que não reside nele nenhuma benevolência também não repousa nenhuma tragédia. A sobriedade e a serenidade com as quais o epicurista compreende sua condição, não encontram no fato do não-sentido cósmico algo digno de ser lamentado, mas a realidade material e inelutável que precisa ser compreendida e aceita. É deste esforço sóbrio e sereno que lhe resulta a libertação das amarras de idéias vazias e das ilusões que exigem hipotecar a vida em prol de algum sentido, missão, ideia ou qualquer outra determinação que não seja a de viver, por si mesmo e para si mesmo, a vida de que fortuitamente a casualidade dos infinitos choques atômicos lhe permitiu dispor.

A insignificância da vida humana em relação ao universo não pode deixar de ser percebida porque é justamente na profundidade desta ideia que o princípio da *autárkeia* encontra sua justificação. Como escreveu Duvernoy:

Minha própria vida não dá ao todo um acréscimo de valor, o universo não está orientado para minha existência. Nenhum dos momentos que me precederam preparou minha chegada, e nenhum dos que me seguirão acertará as contas deixadas pelos momentos que me serviram de tempo vivido.¹¹⁷

Se para o *todo* a vida humana é insignificante, se em relação ao universo nada há que o humano possa fazer para alterá-lo ou agregar-lhe qualquer valor, se a vida individual não encontra qualquer sentido que transcenda a si própria e nada existe a realizar para além de seus bastante claros limites, ou o vivente se põe a lamentar sua precária condição, ou se agarra a ela e compromete-se, em primeira e derradeira ordem, consigo mesmo. Se, para o universo, a vida individual pouco ou nada significa, para o vivente sua própria vida é, obviamente, o que de mais importante pode haver.

Não é egoísta esta postura: é óbvia. A postura do egoísta é justamente a contrária: é a postura daquele que, ignorando a realidade do universo e a sua própria, acredita gozar de um nível de importância e valor que transcenda a si mesmo, e espera que um deus, que um sentido transcendente, que os aplausos dos que o rodeiam, que as coisas que pode possuir, que o poder que pode conquistar, lhe confirmem a importância que julga ter. Gual comenta que “a teoria materialista dos átomos se adequava magnificamente com a perspectiva moral e social de filósofo [Epicuro], que antepunha sempre o indivíduo à sociedade.”¹¹⁸ É certa sua

¹¹⁷ DUVERNOY, 1993, p. 104.

¹¹⁸ GUAL; ACOSTA, 1974, p. 34, tradução nossa.

colocação porque é justamente o atomismo de Epicuro, levado às suas conclusões existenciais e éticas, que assegura a postura ética e política a que Gual se refere. O compromisso com a própria vida, no epicurismo, é fruto da humilde constatação da própria insignificância frente ao *todo*, e, certamente, do amor pela vida que resolutamente precisa ser assumida – e só pode ser assumida – por si mesmo.

Nada consta de desprezo pelo mundo ou pelos outros nesta postura. Embora, em relação ao universo, este mundo também seja insignificante porque simplesmente há outros infinitos iguais a este, o sábio é consciente de que este é o único mundo possível para ele: se para o universo é insignificante, para o sábio este mundo é absolutamente valioso porque lhe dispôs e dispõe da possibilidade de viver. E em relação aos outros humanos, basta dizer que é no reconhecimento da própria insignificância cósmica que o sábio vê-se compelido a responsabilizar-se por si mesmo e pela única vida que dispõe e disporá: não o faz por se sentir superior, nem se coloca num nível de importância maior do que qualquer outro. O atomismo achata os egos humanos e certifica que nada, seja o que for, faz ou justifica pensar que qualquer humano seja superior ou inferior, mais ou menos digno de vida, do que qualquer outro. Esta é, sem medo de errar, a consequência ética mais importante para o modo de se portar frente ao mundo e aos outros que a filosofia epicurista assume: o comprometimento com a própria vida e o desejo de mantê-la tem como consequência básica o reconhecimento do direito do outro sobre sua própria existência.

2.3. A MORTALIDADE DA ALMA E A VOLTA AO CORPO

A constatação da mortalidade da alma, como já dito acima, constitui-se num dos fundamentais pilares do pensamento de Epicuro. É fora de dúvida que viver atribulado pelo medo de morrer atrapalha a vida. Mas, à exceção de eventuais casos patológicos, poucas são as pessoas que se mantêm constantemente atribuladas e angustiadas pelo medo de morrer. Isto não se deve ao fato de que duvidem que a vida do corpo venha a ter um fim, mas, em geral, porque acreditam em alguma das muitas crenças que sustentam a ideia de que a morte do corpo não implica a supressão da vida da alma. A facilidade com que essas crenças são aceitas é apenas mais uma prova do quão a questão da efemeridade da vida é penosa para qualquer vivente. Ante a pergunta sobre o que procede com o indivíduo quando a morte lhe ocorre, as respostas mais comumente aceitas, é necessário observar, não são as mais plausíveis ou cientificamente válidas ou o simples ‘absolutamente nada’, mas as respostas que

proporcionam o maior conforto imediato e que livram o indivíduo de ter de pensar, ante a ideia da morte, na vida que leva.

O que deseja Epicuro, ao afirmar que nada há que temer na morte, não é propriamente livrar alguém do medo que lhe mantém constantemente atribulado pelo terror de ter que morrer. Mas combater, justamente, as fáceis e dogmáticas respostas supersticiosas e religiosas que impedem o indivíduo de defrontar-se livremente com a certeza mais radical de sua existência. O medo que Epicuro está atacando é o de pensar sobre a morte. É este medo, para o epicurismo, que precisa ser vencido para que o vivente se coloque de frente para a própria vida e, ciente de que ela é única e breve, possa livremente escolher a vida que é melhor de viver: “a consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade”¹¹⁹. Não se trata, em última instância, apenas de afirmar que a alma, tal e qual o corpo, também morre e, portanto, não é necessário temer a morte quando ela enfim chegar. Realmente necessário é que o indivíduo se faça ciente nos atos e escolhas de sua vida desta condição elementar de sua natureza, porque a compreensão e aceitação da própria mortalidade determinam a forma como se vive. O sábio vive consciente da própria finitude para não desperdiçar a vida enquanto ela existe, porque não existirá duas vezes.

Uma vez que ninguém pode duvidar da morte do corpo, a questão toda está em demonstrar como e porque a alma também morre quando o corpo deixa de viver. Observa Acosta que “todos os argumentos utilizados por Epicuro para conseguir com que o homem adote uma consciência prática de sua mortalidade giram em torno do princípio fundamental da corporeidade da alma.”¹²⁰ Se tudo que compõe o universo se resume em átomos e vazio é elementar que a alma também seja composta por átomos e, obviamente, corpórea: “ora: não é possível conceber o incorpóreo como existente por si mesmo, à exceção do vazio [...] aqueles que afirmam que a alma é incorpórea falam palavras vãs”¹²¹. A alma (*psyché*) não é mais do que um composto finito de átomos tal e qual é o corpo, que Epicuro prefere chamar, observa Gual¹²², de carne (*sarx*), uma vez que ambos são corpóreos. O que difere a alma da carne é que a alma é formada por um tipo diferente de átomos, mas ela não existe senão enquanto ligada ao corpo, da mesma forma que o corpo só se mantém vivo enquanto ligado à alma. Corpo e alma formam um único organismo material e são mutuamente dependentes um do

¹¹⁹ EPICURO, 2002, p. 27.

¹²⁰ GUAL; ACOSTA, 1974, p. 202, tradução nossa.

¹²¹ EPICURO, Carta a Heródoto in LAÉRTIOS, 2008, Livro X, 67, p. 298.

¹²² GUAL, 2002, p. 93.

outro. Melhor dizendo, só existem, ambos, enquanto conjunto, enquanto organismo, que Epicuro chama de *athroisma*.

O que convém observar é que Epicuro está efetivamente implicado em demonstrar que a alma não é mais do que matéria e não há nada de sobrenatural nela que transcenda os limites de sua materialidade. A alma é apenas mais uma parte do que compõe o humano, parte tão finita quanto o corpo: “uma parte do homem, tal como as mãos, os pés, os olhos fazem parte do conjunto do ser vivo.”¹²³ Corpo e alma nascem, crescem, envelhecem e perecem juntos, dirá Lucrecio.¹²⁴ Para Epicuro, a capacidade de sentir e de pensar são faculdades da alma, mas é o corpo quem fornece a causa da sensação. Se a faculdade de enxergar é necessária para poder ver, os olhos igualmente o são. O corpo, ao fornecer para a alma a causa da sensação, participa junto com ela do sensível. A conclusão decorrente destas afirmações é que nem a alma pode sentir sem o corpo nem o corpo sem a alma. É isto que permite Epicuro afirmar que a alma morre junto com corpo e que a morte é a ausência de toda sensação: “acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações e a morte é justamente a privação das sensações.”¹²⁵ Quando a morte chega, os átomos que compõem o corpo tanto quanto os que compõem a alma se desagregam e está findada toda e qualquer experiência sensível daquilo que foi um vivente.

Para a filosofia epicurista, mais do que a necessária constatação da mortalidade da alma, a ideia de alma e corpo mutuamente dependentes formando um todo material, congêntos, inseparáveis enquanto organismo vivo e percíveis concomitantemente, representa uma revalorização do corpo: “a perspectiva epicurista se volta para aquilo que constitui o centro real da existência humana: a corporeidade.”¹²⁶ Na definição desse organismo que Epicuro nomeia *athroisma*, Lucrecio, no terceiro livro *Da Natureza*, propõe a divisão entre corpo, espírito (*animus*) e alma (*anima*). Ao espírito competem as faculdades do pensar e do sentir (do qual fazem partes as sensações e os sentimentos) e, desde já, é importante perceber que não há, no epicurismo, uma divisão arbitrária entre sentir e o pensar: tanto os pensamentos influenciam no que é sentido, quanto os sentimentos influenciam o pensar. Esta noção é cara para o desenvolvimento dos cânones epicuristas e, sobretudo, para a noção de prazer que a doutrina mira, uma vez que é a partir da serena reflexão que o epicurista busca orientar a vida em função do prazer constante de viver que é, por definição, um sentimento. A alma, segundo Lucrecio, está como que espalhada pelo corpo todo e lhe

¹²³ LUCRÉCIO, 1973, Livro III, 95, p. 72.

¹²⁴ Ibid., Livro III, 450, p. 77.

¹²⁵ EPICURO, 2002, p. 27.

¹²⁶ LLEDÓ, 1995, p. 83.

compete, em resumo, fazer às vezes de ‘canal de comunicação’ entre a carne e o espírito. É um canal, certamente, recíproco: o que se passa na carne não deixa de tocar o espírito e o que se passa no espírito reverbera pelo corpo todo. Fortes sentimentos de medo ou de alegria são percebidos na carne, da mesma forma que o corpo, quando embebido de vinho, influencia o espírito.¹²⁷

Sem entrar com maior acuidade nos exemplos e pormenorizadas definições de Lucrécio, o que é importante perceber é que, abandonando brevemente os termos ‘espírito’, ‘alma’ e ‘carne’, o que resta é a ideia de um organismo corpóreo que funciona apenas enquanto unidade. A tentativa, tanto de Epicuro quanto de Lucrécio, é a da superação de qualquer dualismo que arbitrariamente cinda este organismo: porque seu valor – a possibilidade de viver – existe unicamente enquanto conjunto. “Uma das características essenciais do pensamento epicurista é, precisamente, a negação de atribuir existência real aos dualismos que haviam dado a filosofia anterior uma particular fissura: alma-corpo, sensação-intelecção, dóxa-epistême.”¹²⁸ É à corporeidade que o epicurismo se volta, à realidade material do humano: é por isso que pretende explicar como materialmente se dão as afecções, os pensamentos, os sentimentos, as sensações e, enfim, livrar-se de qualquer noção, crença ou filosofia que escape dos limites da materialidade e, conseqüentemente, da realidade. A ideia de uma ‘alma’ espalhada pelo corpo todo, que tem a competência de levar ao espírito as afecções que a carne sofre, a partir dos órgãos sensoriais, e trazer de volta a ela os sentimentos que se passam no espírito, talvez fique mais clara – não propriamente em sua definição, mas na intenção de sua definição – se pensarmos, a partir do que a ciência médica contemporânea logrou esclarecer, nos neurotransmissores que ligam as faculdades da consciência, sentimentos e pensamentos ao corpo, não constituindo um mera relação, mas um organismo.

A compreensão de que a corpo e a alma não são senão arranjos de átomos, ambos conseqüentemente corpóreos, que compõe um organismo, um *athroisma*, finito e existente somente enquanto unidade, faz o vivente voltar-se à sua realidade imediata: a da corporeidade, que é onde a vida acontece, no aqui e agora, e que é onde é possível viver sentindo-se aprazido. É por isso que, como comenta Spinelli, “era regra canônica do epicurismo não distinguir os cuidados da alma dos cuidados do corpo, como se fossem duas coisas distintas: a saúde da alma correspondia à do corpo e vice-versa.”¹²⁹ Todo o esforço da reflexão epicurista destina-se exatamente à vivência prazerosa do momento em que se vive.

¹²⁷ LUCRÉCIO, 1973, Livro III, 480, p. 77.

¹²⁸ LLEDÓ, 1995, p. 84, tradução nossa.

¹²⁹ SPINELLI, 2009a, p. 110.

Não é possível sentir-se aprazido com a vida senão no momento em que se está. O prazer é sempre imediato: é do domínio do instante, “está inteiro no momento em que é experimentado.”¹³⁰

A volta à corporeidade não pretende, em suma, outra coisa que não seja permitir, livremente, em sua realidade material, que o vivente experimente o quão pode ser prazeroso viver. Se a realização é desfrutar cada momento prazerosamente, uma vez que o prazer só existe enquanto é experimentado, não é vivendo em busca de sempre renovados e intensos prazeres da carne que o epicurista orientará sua vida, porque o prazer não é a busca: é o desfrute. É o prazer durável que é mirado justamente porque é o único que pode estar presente mesmo quando estímulos prazerosos externos não o estão – e é impossível que estejam o tempo todo! “Nesse sentido”, comenta Spinelli, “o prazer, fecundado pela temporalidade do viver [...] transforma-se em uma experiência existencial, deixa de ser um ou mais instantes, mera procura, para se transformar numa situação.”¹³¹ Mas para tal realização prazerosa é necessário que o indivíduo se aproprie de seu próprio tempo, de seus instantes, libertando-se de qualquer condicionante desnecessário que comprometa seu tempo com obrigações que não se harmonizam com a realidade de sua condição e natureza, para que, enfim, estabeleça um cosmos dentro do qual possa viver (inserido no universo de suas relações amigáveis) satisfeito e feliz.

Eis onde se justifica a necessidade de fazer presente constantemente a ideia de que a vida é efêmera, sempre reforçada e insistida no epicurismo, e a necessidade de refletir, livre de qualquer crença que se sobreponha a natureza, sobre a morte: “Refleta sobre a morte: quem diz isto exorta a refletir sobre a liberdade. Quem aprendeu a morrer, desaprendeu a servir.”¹³² A reflexão que conduz à consciência prática da própria morte jamais tem qualquer contorno de pessimismo ou de angústia, no epicurismo. É libertador compreender que a vida é limitada e única porque esta é a chave que permite se livrar de tudo que atrapalha a vida de ser vivida em sua plenitude, compreendida em sua verdade mais absoluta: o tempo que se desperdiça não volta, a vida desperdiçada não pode ser compensada. O tempo de vida, que é sempre o tempo presente, é de longe a maior de todas as riquezas da qual o sábio deve se apropriar, ou, melhor, se reapropriar: eis a realização mirada pelo exercício da *autárkeia*.

O compromisso consigo mesmo, a exigência do cuidado de si, o libertar-se de toda as amarras externas e internas que condicionam o vivente a estar sempre vivendo em função de

¹³⁰ DUVERNOY, 1993, p. 105.

¹³¹ SPINELLI, 2009a, p. 139.

¹³² USENER, 2007, fragmento 205, p. 369, tradução nossa.

um algo não necessário nem natural, ambiciona e desemboca na reapropriação do tempo de vida, do próprio corpo, do instante presente. Bastar-se a si mesmo, no sentido de valer-se suficientemente de si e de estar comprometido com a própria vida, é necessário para que se possa dispor suficientemente de si mesmo, e já que não se pode ser senão no presente, é dele que é necessário se apropriar. Todo esforço libertador é, no fim das contas, um esforço para se apropriar daquilo que por natureza já é do vivente: seu tempo, que se dá sempre na imediaticidade. Um tempo, no entanto, que vive a ser hipotecado, gasto, vendido, desperdiçado, vivido em função de outro tempo, de um sentido que não se encontra no presente, de um ideal que não se justifica dada a realidade do *todo*. Se o que de mais valioso o sábio pode ter é sua vida, que se dá apenas no instante vivido, é necessário libertar-se de tudo que lhe rouba essa preciosidade, sejam condicionantes internos ou externos, e apropriar-se novamente de seus instantes. Esta libertação se dá justamente voltando-se para a própria natureza, reconhecendo seus limites e abandonando, pelas próprias forças, tudo aquilo que acaba por negar ao ser o que de mais valioso ele possui. Mas para deixar de servir é necessário aprender a morrer, não no sentido de fazer da vida uma preparação para a morte, mas justamente o contrário: de reconhecer na certeza que a morte é inevitável e que anuncia o fim eterno do vivente, a urgência em viver bem a vida enquanto ela ainda é.

Os homens, perdidos em seus afazeres tediosos, em suas vidas vividas em função de um depois que nunca chega, terminam por desperdiçar o tempo presente que, por pura obviedade, é o único que existe. Então, um dia, se termina a vida e todos os momentos que não foram vividos com o fim em si mesmo se perderam para sempre. Aprender a morrer nada tem a ver com olhar com desdém para a vida, tem a ver com aceitar a natureza que lhe é própria. Tem a ver com não querer ser mais do que se pode ser e não ficar a se lamentar por isto. Aceitar-se como um ser finito é um dos trabalhos fundamentais do sábio epicurista porque, quando ele o realiza, aprende a não servir a mais nada senão ao desejo de viver bem todos os instantes que experimenta. Não faz sentido servir aos interesses da nação, nem aos interesses do poder, aos da riqueza material ou aos interesses de seus próprios desejos descabidos. É para servir-se de sua vida que ele vive, não mais para servir.

A radicalidade com que os epicuristas assumem o preceito de ‘aprender a morrer’ é atestada pelo desinteresse aos jogos de poder, à acumulação de riquezas, e, sobretudo, pelo afastamento conveniente dos assuntos multidão. Mas nada simboliza melhor a força que este preceito exerceu sobre a vida dos que seguiram a doutrina do que as inscrições encontradas

nos túmulos dos epicuristas da latinidade: “não era, fui, não sou, não me importo.”¹³³ Certamente ninguém pode escolher seu epitáfio depois de morrer, mas, escolhendo-o em vida, pode deixar nele o testemunho de como colheu seus dias. Aos epicuristas, nada mais apropriado do que deixar para a posteridade a mensagem de que é possível viver a vida sem abraçar-se a nenhuma esperança ‘além-túmulo’ e sem, também, lamentar-se de sua condição mortal. Compreender a própria natureza é compreender que a natureza vence qualquer pretensão que não se harmonize com ela ou pretenda, insanamente, sobrepor seus limites. Ninguém há de duvidar que a terra consome os reis do mesmo jeito que consome os simples e tudo o mais que teve, tem ou terá vida um dia. “É preciso que haja material de que se desenvolvam as gerações futuras; estas também te seguirão depois de terem gozado da vida; cairão como caíram as que vieram antes de ti”¹³⁴, escreveu, poeticamente, Lucrécio. Rebelar-se contra a necessidade de ter de morrer é rebelar-se contra a própria a vida. Que não é fácil lidar com a ideia da própria morte não resta dúvida, mas é justamente para não desperdiçar a vida enquanto ela é que se faz necessário compreender a natureza. O ‘*non curo*’ (não me importo) é a expressão desta compreensão e do medo da morte enfim vencido, de quem aprendeu a morrer para aprender a viver seus dias preocupados em bem vivê-los: “suprimindo as esperanças de imortalidade, o epicurismo facilitava ao homem o pleno gozo da vida presente”¹³⁵, escreveu Acosta. Fora de dúvida, esta é a mais importante conclusão existencial das teses físicas epicuristas destinadas a sustentar a mortalidade da alma.

Apenas nas Sentenças Vaticanas são sete as máximas¹³⁶ que tratam da efemeridade da vida e da necessidade de não desperdiçá-la com afazeres e preocupações desnecessárias. Na de número 14, uma das mais belas entre os textos, máximas e sentenças que nos restaram de Epicuro, o mestre do Jardim chama a atenção, com a peculiar clareza de quem escreve para realmente ser compreendido, para a necessidade de manter acesa a consciência de que a vida é apenas uma e que não deve ser desperdiçada com ocupações vazias: “Nascemos só uma vez, não é possível nascer duas vezes, teremos de não nascer por toda a eternidade. Tu, porém, que não és de amanhã, postergas tua alegria; mas a vida se desperdiça com a demora e cada um de nós morre envolvido em seus afazeres.”¹³⁷

Não é com nenhum desespero que Epicuro assume tanto a constatação de não haver para o humano um fim último quanto a certeza de que a vida é finita e não será outra vez. Se a

¹³³ DUVERNOY, 1993, p. 105, nota 14. Originalmente em Latim: “Non ero, fui, non sum, non curo”, tradução nossa.

¹³⁴ LUCRÉCIO, 2008, Livro III, 965, p. 83.

¹³⁵ GUAL; ACOSTA, 1974, p. 205, tradução nossa.

¹³⁶ As Sentenças Vaticanas referidas são: 2, 10, 14, 30, 31, 47 e 60.

¹³⁷ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 14, p. 23.

certeza de que a alma se desvanece junto com o corpo, por um lado, permite a tranquilidade de saber que não haverá outro mundo onde pagar penas, por outro, anuncia que a vida eterna não é uma possibilidade para a condição humana e ninguém será recompensado depois de morrer. Não há recompensa de que se esperar da vida: nasce-se por acaso, sem um especial por que, e morre-se irremediavelmente, apenas porque é assim que é. Não há nada, no entanto, com o que se desesperar ou lamentar no fato da vida ser única. Não é com o orgulho ferido de quem se desejava eterno e se descobre efêmero que o epicurista olha para a vida, mas com a gratidão que só pode ter aquele que percebe que, justamente por ser única e finita, é que a vida é uma grande preciosidade. Uma preciosidade que se dá apenas um dia por vez e que não pode ser desperdiçada. “O sábio”, escreve Epicuro na Carta a Meneceu, “nem desdenha viver, nem teme deixar de viver, para ele, viver não é um fardo e não viver não é um mal.”¹³⁸ O sábio, enfim, não teme deixar a vida porque não espera o dia de amanhã para viver com alegria, e não lamenta o fato de não ser eterno porque descobriu que, apesar de finita, a vida pode ser bem vivida.

2.4. NEM DEUS NEM DESTINO: O ACASO E A ESCOLHA

A filosofia epicurista é essencialmente uma filosofia propositiva. Propõe um modo de vida sereno, livre de todas as ilusões e idéias vazias que condicionem o vivente a modos de vida que não se harmonizem com sua natureza. O conhecimento da física, como longamente se vem argumentando, é instrumental: serve para que cada um possa assumir sua vida livremente, compreendendo-a em sua natureza e balizando-se por um conhecimento seguro do *todo* e suficiente de si mesmo. Se toda a descrição do universo e dos limites da vida humana se encaminha para conclusões que intencionam a escolha de um modo de vida diferente daquele assumido por quem está a serviço dos ideais de poder, riqueza e glória, ou por aquele que deixa orientar-se nesta vida por ilusões de uma vida eterna, é desnecessário dizer que há um pressuposto fundamental que orienta a proposta de Epicuro: o que assegura que existe a possibilidade de escolher um modo de vida. Sem a admissão deste pressuposto toda a filosofia epicurista, justamente pelo fato de ser essencialmente propositiva, queda-se, de uma vez, reduzida a um discurso inerte e esvaziado de sentido. É necessário, portanto, negar a ideia de *destino*, porque o determinismo necessário implícito na ideia de que o destino existe nega ao

¹³⁸ EPICURO, 2002, p. 31

homem a possibilidade de ser o feitor de qualquer coisa, seja da sua própria ruína ou da vida serena que o epicurista almeja.

O sábio, diz Epicuro na *Carta a Meneceu*, é feliz, dentre outras coisas, porque nega que o *destino* seja senhor de tudo.¹³⁹ Há, certamente, os azares e as fortunas da vida que independem de qualquer esforço ou escolha, e não é necessário mais do que estar vivo para perceber que a vida reserva uma quantia de imprevisibilidades e acontecimentos que determinam ou, pelo menos, fortemente influenciam a estada de cada um no mundo. Epicuro, não despreza nem desconsidera a existência do acaso e a influência que ele pode exercer sobre a vida:

O acaso pode apresentar-se adverso e causar-nos danos, mas em limitados momentos [...] O caso é que Epicuro, pensando nestes casos, não quis eliminar o acaso das nossas coisas. Porque lhe resultava forçoso e impróprio à serenidade de um filósofo mentir abertamente sobre um assunto tão evidente.¹⁴⁰

O acaso existe porque é evidente e pode ser frutífero tanto quanto destrutivo. Mas a própria definição de acaso nega a causalidade, nega um destino determinado. Se, por um lado, convém observar que em diversas situações o vivente é arrastado por acontecimentos dos quais ele próprio não foi a causa, por outro lado é necessário negar que exista um destino que arraste irreparavelmente o humano por um caminho determinado: “entendendo que a sorte não é uma divindade [...] o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males.”¹⁴¹ Negar que exista um destino é negar que exista alguma divindade que gaste seu tempo a escrever os caminhos de cada humano. É também se contrapor às filosofias que terminam por instituir um universo mecânico e inescapavelmente causal onde a possibilidade de escolher um modo de viver acaba por ser negada, uma vez que, se tudo ocorre por causas determinadas, resta ao humano ser mera consequência destas causas e, portanto, jamais ser causa da própria serenidade.

Ainda na *Carta a Meneceu*, Epicuro diz que “as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa, e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre.”¹⁴² Para cada dia uma noite, para cada vida uma morte, para cada humano apenas uma chance de existir: a necessidade existe, há coisas – talvez a maior parte delas – que são terminantemente necessárias e, portanto, intangíveis. Quanto ao que é

¹³⁹ EPICURO, 2002, p. 47.

¹⁴⁰ ENOANDA in GUAL, 2016, p. 67, tradução nossa.

¹⁴¹ EPICURO, 2002, p. 49.

¹⁴² Ibid., p. 49.

determinado pela necessidade, pode-se, no máximo, compreender e não lamentar: a morte, por exemplo, é uma necessidade inescapável a todo ser que possui vida. Em relação ao acaso, pouco se pode fazer senão aceitar sua realidade e guiar-se, quando resta possível, a partir do que casualmente ocorreu sem que se pudesse ter previsto ou evitado. Que o acaso e a necessidade tem, cada qual, sua realidade atestada por evidências facilmente reconhecíveis, Epicuro não deixa de observar. Mas lhe é necessário salvar a possibilidade humana, reconhecidos os limites impostos pelas necessidades da natureza e sem desprezar os acasos possíveis, de ser causa da própria serenidade, de ser causa não causada de um modo de vida sereno e prazeroso. Sem admitir uma espontaneidade, uma liberdade que se expresse em uma vontade livre, um algo inerente ao humano que lhe permita ser senhor das próprias ações, é sem sentido qualquer filosofia que vá além da mera constatação para se fazer em proposição. E é neste ponto que a física de Epicuro precisou se contrapor a de Demócrito.

Ao admitir que o *todo* sempre foi e será tal e qual é agora, e que nada nasce do nada nem ao nada volta, Epicuro fecha as portas para os mitos de criação do universo que recorrem a qualquer causa que não seja inerente a natureza da própria matéria. O *todo* não foi criado, simplesmente o *todo* é. “Não existiu”, comenta Gual, “um estado prévio de caos ao qual se seguiu um cosmos, um ordenamento imposto por algum agente externo ao processo da matéria mesma.”¹⁴³ Se tudo é composto de átomo e vazio, então a causa de tudo não pode, por lógica, estar alheia ao movimento dos átomos pelo vazio porque, precisamente, nada existe além da matéria e do espaço que permite esta matéria se deslocar. “Não há um início para tudo isso, porque os átomos e o vazio existem eternamente.”¹⁴⁴ Admitido o limite até onde a especulação pode chegar enunciando que o átomo é eterno e, portanto, não criado, resta explicar como estes átomos acabam por se aglomerar e formar os corpos compostos, que, estes sim, são percebidos pelos sentidos e dos quais não é possível duvidar da existência. Estes átomos, dirá Epicuro, “estão em movimento contínuo por toda a eternidade”¹⁴⁵, e este movimento é devido ao seu peso inerente: não tendo no que se apoiar e sujeitos à determinação de seu próprio peso, os átomos simplesmente caem e percorrem inimagináveis distâncias pelo espaço infinito. No entanto, se os átomos são *absolutamente* determinados por seu peso a se moverem e se é neste movimento que *casualmente* se chocam e ocasionam uma série infinita de choques decorrentes, então, apesar de não haver nenhum motor externo ao próprio átomo que lhe empurre a mover-se, o *todo* acaba refém da *necessidade*.

¹⁴³ GUAL, 2002, p. 116, tradução nossa.

¹⁴⁴ EPICURO, Carta a Heródoto in LAÉRTIOS, 2008, Livro X, 44, p. 293.

¹⁴⁵ Ibid., Livro X, 43, p. 293.

A *necessidade* é a consequência básica da física de Demócrito, mas Epicuro não pode admiti-la, pelo menos, não em absoluto, porque, senão, vê os propósitos de sua filosofia impossibilitados. “Quanto a Demócrito”, explica Melli, “os testemunhos dos antigos não estão de acordo: alguns dizem que Demócrito considerava o movimento como uma consequência do peso dos átomos, outros, ao invés, que ele admitia este movimento como original e eterno sem procurar a causa.”¹⁴⁶ Moraes diz que Demócrito não admitia peso aos átomos e como causa dos choques recorria à hipótese de turbilhões cósmicos.¹⁴⁷ O caso é que em qualquer uma destas admissões o motivo do choque dos átomos e, portanto, da existência de corpos compostos se deve, sempre, à necessidade, porque nada, no próprio átomo, pode lhe garantir qualquer coisa de espontâneo. Se não há nada de espontâneo no átomo, logo, tudo que existe é fruto de uma cadeia de acontecimentos mecanicamente encadeados que acaba por concluir que tudo é necessariamente como é. Se tudo é apenas como pode ser, não há espaço para uma filosofia propositiva para o homem, porque ele também está condenado a viver em absoluto a consequência da determinação cósmica. O fatalismo da física de Demócrito termina, não propriamente por justificar qualquer modo de vida, mas por naturalizá-lo. Se tudo é meramente decorrência de um eterno movimento determinado, então é necessário excluir qualquer discurso sobre a possibilidade das coisas serem de qualquer outro modo que não seja exatamente aquele em que se encontram.

Ora, Epicuro se dedica ao estudo da natureza para compreender as causas naturais e os limites do humano justamente para reconhecer as possibilidades e sobre elas erigir sua filosofia ética. Se o estudo da natureza liberta o homem das amarras dos mitos, mas lhe acorrenta à implacável necessidade, então é inútil. “Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses [...] ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.”¹⁴⁸ Se nada resta ao humano senão ser arrastado por um destino severo e inflexível, então a filosofia como reflexão de um modo de vida prazeroso a ser assumido e vivido queda-se impossibilitada. Mas acontece que “o homem experimenta em si mesmo qualquer coisa de espontâneo no fato da vontade: nós sentimos que o movimento voluntário é qualquer coisa de diverso daqueles que são determinados pelo impulso e pelo peso.”¹⁴⁹ É a evidência sensível que testemunha que há algo além de mero movimento determinado pelo peso ou por choques diversos que impulsiona o humano. Se realmente há no humano este algo espontâneo, e uma vez que todos

¹⁴⁶ MELLI, 1922, p. 37, tradução nossa.

¹⁴⁷ MORAES, 1998, p. 49.

¹⁴⁸ EPICURO, 2002, p. 49.

¹⁴⁹ MELLI, 1922, p. 39, tradução nossa.

os seres são compostos exclusivamente por átomos, então no próprio átomo deve haver algo de espontâneo além das meras determinações de estar em movimento em decorrência de seu peso: o átomo pode desviar de sua trajetória retilínea, o átomo pode escapar da determinação absoluta porque há algo de espontâneo em sua própria natureza.

Esse desvio autônomo e espontâneo do átomo, que Lucrecio traduz por *clinámen* e que é conhecido na tradição próxima a Epicuro como *parénclisis*, foi e é fruto de retomadas controversias e repetidas críticas à filosofia epicurista. Cícero, depois de anotar que este desvio do átomo não passa de “ficção pueril”, comentou que não existe “nada mais inepto para um físico que imaginar um fenômeno sem causa”.¹⁵⁰ O fato do termo *parénclisis* não comparecer nos escassos escritos remanescentes de Epicuro, por outro lado, mantém sempre acesa a discussão quanto a se efetivamente o argumento do desvio dos átomos estava nos textos de Epicuro ou se foi desenvolvido mais tarde. Quartim de Moraes, por exemplo, considera a questão de segunda ordem porque os átomos simplesmente movidos por seu peso já são suficientes para explicar os compostos corporais¹⁵¹, logo, não teria sido necessário que constasse em Epicuro o ‘desvio espontâneo’.

O caso é que, tanto no argumento de Lucrecio quanto no Diógenes de Enoanda que justificam o desvio, o objetivo não é explicar simplesmente porque os átomos se chocam e formam os seres compostos, mas sustentar a liberdade do indivíduo em escolher sua própria vida. Indaga Lucrecio:

Se todo movimento é solidário de outro e sempre um novo sai de um antigo, segundo uma ordem determinada, se os elementos não fazem, pela sua declinação, qualquer princípio de movimento que quebre as leis do destino, [...] donde vem esta liberdade que tem os seres os vivos?¹⁵²

Diógenes de Enoanda insiste na necessidade do *parénclisis* para as conclusões morais da doutrina: “Se alguém crê na fatalidade, eliminará consigo qualquer acusação ou prêmio e nem sequer poderia castigar com justiça aos malvados, posto que não seriam responsáveis por seus delitos.”¹⁵³

Reforçando a necessidade moral da ideia do desvio dos átomos, o argumento de Marx é sem dúvida o mais engenhoso. Para ele, é no próprio conceito de átomo que um desvio espontâneo está implícito. “Os átomos são corpos puramente autônomos [...] o movimento da

¹⁵⁰ CÍCERO, 2005, Livro Primeiro, VI, p. 9.

¹⁵¹ MORAES, 1998, p. 49.

¹⁵² LUCRÉCIO, 1973, Livro II, 255, p. 58.

¹⁵³ ENOANDA in GUAL, 2016, p. 61, tradução nossa.

queda é o movimento da não-autonomia.”¹⁵⁴ Para conceber o átomo é necessário concebê-lo, na argumentação de Marx, como um ser para-si, senão, o átomo não é o átomo mesmo, mas apenas uma parte do *todo*. Logo, não é possível concebê-lo em sua singularidade se ele não pode, de alguma forma, desviar, mesmo que brevemente, da linha reta imposta pelas determinações de seu peso e pelo decorrente movimento. O algo que garante o átomo enquanto átomo é propriamente o desvio espontâneo. Analogamente ao humano, que embora sujeito a uma série de determinações de sua natureza e da natureza do universo, afirma-se enquanto humano por poder, não apesar, mas a partir de suas determinações, escolher dentre as possibilidades uma ação possível e assim, mais que mero ser causado, vir a ser um causador, o átomo só é átomo porque pode desviar espontaneamente.

A grande questão da declinação dos átomos na física de Epicuro não é, em suma, explicar como o universo veio a ser o universo, primeiro porque o *todo* simplesmente é, e segundo porque a questão que efetivamente importava a Epicuro “não era saber o que é o mundo, mas como nele podemos viver bem e ser felizes tendo em conta nossos limites e nossas possibilidades.”¹⁵⁵ Tendo em vista o que realmente importa para a física de Epicuro, parece pouco plausível o argumento que atribui não a ele, mas à tradição epicurista próxima, a ideia do *parénclisis*: a grande reforma que Epicuro promove nas idéias físicas de Demócrito, justamente por pretendê-la como uma base segura de conhecimentos sobre a condição humana que sirvam para sustentar um modo de vida sereno, é a consideração da liberdade possível e necessária para se guiar na vida. É no rechaço ao fatalismo de Demócrito que a física de Epicuro encontra sua originalidade, e, mais que isso, a viabilidade para servir de base a uma filosofia essencialmente propositiva.

Não é da ideia de declinação do átomo que Epicuro retira a convicção de que é possível escolher viver de uma forma prazerosa, mas justamente da constatação de que há um algo de espontâneo no humano que lhe permite ser a livre causa de suas ações que Epicuro infere que, nos átomos de que são feitos os homens, há de ter um princípio que extrapole a mera determinação. Terminantemente, então, Epicuro pode rechaçar qualquer aspecto teleológico no universo. Como também exclui qualquer possibilidade de sua causa encontrar-se fora dele próprio: “nem um Primeiro Motor, nem a Necessidade, nem os modelos das ideais, nem a Providência, são aceitáveis na teoria de Epicuro, o *cosmos* é fortuito e autônomo.”¹⁵⁶

¹⁵⁴ MARX, 1972, p. 170.

¹⁵⁵ SPINELLI, 2009a, p. 367.

¹⁵⁶ GUAL, 2002, p. 120, tradução nossa.

No lugar do claustro que a ideia de destino impõe, Epicuro constata a natureza indeterminada do acaso. Se o acaso apresenta-se, por definição, imprevisível, pelo menos não exclui a possibilidade da ação livre, que o destino, em absoluto, nega. Frente à ideia de um mundo sem *télos*, de uma vida individual sem sentido transcendente e efêmera, o epicurista não se rebela ou faz de suas vivências um antro de lamurio, mas abraça-se à constatação de que, bem conhecidos os limites, o que sobra é a liberdade que permite usufruir-se prazerosamente da vida enquanto ela é. O humano, para Epicuro, não é arrastado inelutavelmente pelas mãos do destino, nem está sujeito aos caprichos de um Deus ou implicado com o devir da Providência, nem está condenado a ser mera engrenagem no universo mecânico instituído pela necessidade. O homem dispõe de sua vida para si, e é por isso que ele *pode* assumir o compromisso consigo mesmo de viver a vida de que dispõe da melhor maneira que puder: a conta de sua felicidade ele só presta para si mesmo, mas disso não decorre que seja irresponsável em relação aos outros. É somente porque o vivente é responsável por suas ações, uma vez que é livre perante si mesmo, que ele pode responsabilizar-se por si mesmo na relação que estabelece com os outros, mesmo sem ter um Deus que lhe obrigue a ser justo ou bondoso.

No universo epicurista, Deus ou os Deuses não participam de nenhuma forma ativa. Um *todo* que sempre foi e sempre será dispensa um criador da mesma forma que não necessita de qualquer ordenamento alheio à realidade material. Um átomo que se desvia espontaneamente sem a necessidade de nenhuma força externa a si mesmo instaura o acaso e desautoriza qualquer ideia de um Deus ativo. Na negação de qualquer teleologia para a vida humana está negado, conseqüentemente, qualquer compromisso com um possível ser superior, divino. O esforço de Epicuro em explicar os fenômenos celestes – vide a *Carta a Pítocles*¹⁵⁷ – recorrendo a variadas e criativas explicações que se resumem, sempre, a causas materiais, não visa outro fim senão negar qualquer tipo de influência divina sobre o mundo e desfazer os temores que são frutos de vãs idéias. Os deuses existem, dirá Epicuro, mas estão exclusivamente preocupados consigo. Melhor: por serem perfeitos, tal e qual a crença popular primariamente os imagina, não estão sequer preocupados. Os deuses são, por definição, despreocupados: se não for assim, não são deuses porque não faz sentido imaginar um Deus que não seja perfeito.

Dito isso, é dispensável comentar sobre a recepção que as ideias epicuristas a respeito do cosmos e dos deuses terão nas religiões, sobretudo, monoteístas. “Desde a Antiguidade,

¹⁵⁷ EPICURO, Carta a Pítocles in LAËRTIOS, 2008, Livro X, 84-121, p. 302-311.

por exemplo, a tradição rabínica não se enganou: ela designa pela palavra *apikoros* (o epicurista) o homem cujo pensamento é diametralmente oposto à santa religião”.¹⁵⁸ E a definição não poderia ser mais justa: não é contra a ideia de Deus, necessariamente, que Epicuro se contrapõe, mas contra as ideias religiosas e os poderes nefastos das religiões. É contra qualquer forma de domínio do livre pensamento e contra qualquer tentativa de semear temores e promessas para colher rebanhos e devotos que o epicurismo se contraporá diretamente.

Não obstante, há entre os comentadores de Epicuro uns vários que enxergam uma ‘religião’ no epicurismo. É o caso de Festugière, por exemplo, mas como comenta jocosa a acertadamente Duvernoy: “a menos que se compreenda a palavra “religião” num sentido tão vago que ela seria intelectualmente inutilizável, não há nenhuma proposição, entre todas as que exprimem a consciência religiosa, que não seja diametralmente contrária ao pensamento epicurista.”¹⁵⁹ Em sentido religioso, as ideias sobre Deus ou os Deuses do epicurismo representam, fora de dúvida, um ateísmo prático: porque excluem qualquer possibilidade de castigos ou qualquer socorro prestados pelos entes divinos em relação aos humanos. Os deuses servem, no máximo, como um exemplo de perfeição para o humano. Não, ainda, como um exemplo propriamente a ser seguido, porque o que compete ao humano é voltar-se e reger-se a partir de sua natureza humana, mas como mera ideia de perfeição.

“Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe. [...] Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria.”¹⁶⁰ Ora, se os deuses de fato são imortais e bem-aventurados, então, não podem necessitar de nada que venha dos humanos e muito menos é admissível que se perturbem com os disparates e erros da humanidade. Em resumo, os deuses não participam do mundo: “aquele que é plenamente feliz e imortal não tem preocupações, nem perturba os outros; não é afetado pela cólera ou pelo favor.”¹⁶¹ Os deuses não precisam dos louvores humanos da mesma forma que não se prestam a fazer favores: “é inútil pedir aos deuses o que temos capacidade de conseguir por nós mesmos”¹⁶². O essencial, para Epicuro, não era que os homens se livrassem da ideia de Deus: ela é válida e inclusive verdadeira, posto que a percepção comum sugere a ideia de um ser perfeito e imortal, para o epicurismo. O erro contra o qual Epicuro se rebela é o de

¹⁵⁸ DUVERNOY, 1993, p. 71

¹⁵⁹ Ibid., p. 67.

¹⁶⁰ EPICURO, 2002, p. 25.

¹⁶¹ Id., 2013, Máxima Principal I, p. 13.

¹⁶² Id., 2014, Sentença Vaticana 65, p. 63.

conferir aos deuses ideias vazias e de consequências nefastas. O erro é imaginar que os deuses estão preocupados com a vida dos humanos: em suma, errado é viver uma vida temendo aos deuses e descuidando dos assuntos humanos.

Epicuro recomendava aos seus discípulos, inclusive, que prestassem os cultos que as leis da *pólis* instituíam em relação aos deuses. Há um aspecto de conveniência nesta postura: o destino abreviado de Anaxágoras e de Sócrates seguramente era um bom exemplo do quanto era inconveniente contrapor-se aos ritos e os deuses da *pólis*. Como comenta Melli, no entanto, não convém imaginar que era hipocrisia a crença de Epicuro nos deuses, era “quase uma concessão à opinião popular.”¹⁶³ Epicuro não estava disposto a combater necessariamente a crença nos deuses, mas a crença vazia que instala o temor e perturba a vida. O que efetivamente o preocupava era o poder que as vãs ideias a respeito dos deuses exerciam sobre a vida do simples religioso e conferia àqueles a frente das instituições religiosas. Diógenes de Enoanda, ao rebater as acusações de que uma doutrina que liberte os homens dos temores aos deuses termina por construir um ambiente de injustiça, não se furtou de observar que, não apenas os mais tementes aos deuses não são os mais justos como, em geral, são os mais cruéis: “um testemunho claro de que nada valem os deuses para rechaçar os atos de injustiça são os povos dos judeus e dos egípcios, porque, sendo eles desde sempre os mais temerosos aos deuses, resultam ser os mais abomináveis de todos.”¹⁶⁴

Tristemente, o hábito de matar em nome da justiça divina, de discriminar em nome do amor de Deus, de subjugar, submeter e controlar em nome dos credos religiosos não deixou de ser uma constante nos mais de dois mil e trezentos anos que separam o tempo de Epicuro destes dias. Mais do que atestar que a filosofia epicurista se mantém atual, eles escancaram o quanto o temor e amor a uma ideia vazia de Deus é um bom motivo para odiar e fazer temer a todos os que não se submetem ao mesmo credo, à mesma infundada ideia. Certamente não foi por motivos menos graves que Epicuro propôs sua filosofia como uma ferramenta de libertação ante a tudo que afasta o humano de si mesmo e compromete sua efêmera vida com afazeres e preocupações que não se justificam na realidade das coisas, muito menos na natureza humana. O objetivo da física epicurista não foi outro senão o de proporcionar a libertação necessária do humano em relação a tudo que lhe aprisiona a vida. Uma libertação que só se faz possível com o conhecimento dos próprios limites, com a tomada de consciência da própria condição não transcendente e efêmera, com o abandono dos temores doentios, dos

¹⁶³ MELLI, 1922, p. 54, tradução nossa.

¹⁶⁴ ENOANDA in GUAL, 2016, p. 41, tradução nossa.

misticismos vazios, das crenças infundadas que impedem o vivente de se colocar de frente para a própria vida e de abraçá-la com o amor real e necessário para bem vivê-la.

2.5. DO CONHECIMENTO DO ÁTOMO AO RECONHECIMENTO DO PRAZER

O conhecimento da realidade atômica, não determinada, não teleológica e eterna do *todo*, e da condição material, finita, carente de um sentido transcendente e sem um destino determinado do humano, é o que proporciona, para o sábio epicurista, a superação das ilusões e dos temores e lhe devolve a liberdade necessária para que possa guiar-se na única vida que possui, desamarrando-se de tudo que lhe rouba inutilmente seu tempo. O caráter libertador, característico da doutrina de Epicuro, encontra no conhecimento da *física* as chaves dos cadeados que precisam ser abertos. Mas não basta abrir o cadeado, é necessário ter critérios sobre os quais, seguramente, depois de liberto, pode o humano guiar-se em sua vida. Estes critérios, uma vez que não existe um fim último no cosmos e, portanto, nada que seja externo à realidade humana, à sua materialidade, à sua corporeidade no que se basear, não podem estar em outro lugar senão na própria natureza humana. Não há outra forma de conhecer o que é possível para o humano senão reconhecendo, em primeira ordem, o que lhe é próprio: e é a isto que se presta a *canônica* de Epicuro. Não a “impor critérios” como explica Spinelli, mas “a reconhecer tudo o que a natureza em nós dispõe e que intervém no exercício do discernimento ou do juízo.”¹⁶⁵

Diógenes Laércio conta que os epicuristas chamavam “a canônica de ciência do critério de verdade e do primeiro princípio”¹⁶⁶, e também que, dentre os trezentos volumes que Epicuro teria escrito, apenas um deles foi dedicado a esta ciência do critério. Epicuro certamente não estava interessado em compor uma teoria do conhecimento e o fato de chamar seu *reconhecimento* dos critérios de *cânon* o indica já de forma suficiente. O que ele efetivamente faz é explicitar os critérios básicos pelos quais naturalmente o processo do conhecer acontece e que devem ser mantidos em mente, como também reconhecer qual o princípio que leva o humano a acolher ou rejeitar algo, voltando-se para o que efetivamente a natureza humana tende e sobre o que deve, em consequência, o humano orientar-se na vida. Como comenta Lledó:

Não se trata de levantar uma maquinaria intelectual que assinale os passos que vão da sensação às complexas idéias”, mas, sim, “de insistir na *naturalidade* de um

¹⁶⁵ SPINELLI, 2013a, p. 133.

¹⁶⁶ LAËRTIOS, 2008, Livro X, 29, p. 289.

processo que, em lugar de projetarmos até um horizonte além de nossa realidade corporal, nos comprime precisamente sobre ela.¹⁶⁷

O esforço da canônica de Epicuro é justamente o de não afastar-se da realidade sensível para não perder o *senso de realidade*. Disto, no entanto, não decorre que o conhecimento se reduza ao recolhimento de informações fenomênicas, ou que a razão não desempenhe um papel fundamental no conhecimento. Dirigir-se à natureza do ser humano, à sua corporeidade, significa, também, não negar nada do que a compõe: o humano sente e pensa, percebe e raciocina, enxerga e infere, experimenta e escolhe.

“No *Cânon*, Epicuro afirma que os critérios de verdade são as sensações, as antecipações e os sentimentos.”¹⁶⁸ As sensações (*aisthesis*) são os simples dados recebidos dos sentidos, e, portanto, carentes de razão e inclusive de memória: é o mundo externo naturalmente se apresentando ao humano através dos sentidos que naturalmente permitem se relacionar com o mundo. As antecipações (*prólêpsis*) são uma necessidade da compreensão, a memorização dos dados recebidos pelos sentidos e sua preliminar organização que permite a criação de uma imagem mental necessária para que se possa em seguida nomear as coisas. De um modo simples, as antecipações é que fazem a ponte entre os dados sensoriais e a atribuição de símbolos a estes dados que a razão precisa para que seja possível operar racionalmente: “logo que alguém pronuncia a palavra ‘homem’, sua figura se apresenta imediatamente ao nosso pensamento por via de antecipação.”¹⁶⁹ São pelas antecipações que não se faz necessário, assim que alguém pronuncie a palavra ‘homem’, imediatamente apontar para um homem para que possa ser compreendido. É a imagem mental genérica que permite a nomeação e conseqüentemente a comunicação e a operação racional via conceitos. As *prólêpsis*, no entanto, dependem da qualidade das experiências sensoriais ininterruptas a que o humano está submetido, e é necessário que sejam claras e precisas “posto que são a base dos juízos que podem ser verdadeiros ou falsos.”¹⁷⁰ Por sentimentos ou afecções (*pathe*), enfim, Epicuro compreende o prazer e a dor, que são responsáveis por orientar naturalmente o acolhimento e a recusa, e que lhe permitem a fundamental conclusão que o *cânon* fornece para a ética. A saber, que é o prazer o bem ao qual a natureza humana tende, e que é a volta a esta natureza, a volta do sujeito sobre ele mesmo, sobre sua corporeidade, que o leva a compreender que o bem não é uma verdade *metafísica* somente acessível pela razão: mas é

¹⁶⁷ LLEDÓ, 1995, p. 92, tradução nossa.

¹⁶⁸ LAÉRTIOS, op. cit., p. 290

¹⁶⁹ LAÉRTIOS, 2008, Livro X, 33, p. 290

¹⁷⁰ GUAL, 2002, p. 85, tradução nossa.

um sentimento reconhecível por cada um, em si mesmo, a partir da capacidade inerente de experienciar sensivelmente.

Tudo o que pode impressionar os sentidos, dirá Lucrecio, é de natureza material: “nada pode tocar e ser tocado se não é corpo material.”¹⁷¹ A base atomista da *física*, como já visto, conclui que, com exceção do vazio, tudo é matéria, tudo é corpo material. Ora, as sensações são sempre fiéis expressões do que existe, são bases seguras quanto à realidade material do mundo: ou admite-se isto ou é necessário prescindir exatamente do único meio de comunicação com o mundo que naturalmente o humano dispõe. “A mera constatação do fenômeno é um feito dos sentidos, para os quais os fenômenos são sempre verdadeiros, mas a sua descrição ou explicação é tarefa da razão.”¹⁷² A razão, tal e qual os sentidos que permitem as sensações e os sentimentos, é uma inerência do humano. É tão necessária quanto os sentidos o são para que algum conhecimento possa existir. É a razão que permite a compreensão dos dados dos sentidos e nunca ocorreu a Epicuro reduzir o processo do conhecimento humano ao simples perceber ou sentir, fosse assim, a própria filosofia seria inútil. “É nos sentidos que a razão deve basear-se”¹⁷³, diz Epicuro na *Carta a Heródoto*, mas em nenhum momento ele diz que se pode prescindir da capacidade racional. Ullmann diz que o “mestre do Jardim priva o homem das asas que o levam a vôos metafísicos”, e isto está bem dito, mas complementa dizendo que o “sensualismo nada mais exprime do que uma antropovisão truncada, mutilada.”¹⁷⁴ Ora, nada do que Epicuro propõe e executa em sua filosofia remete a qualquer tipo de mutilação do humano. Se o que se compreende por sensualismo é a afirmação de que as sensações e os sentimentos são o lugar de onde se parte para o conhecimento, e para onde as ideias e os conceitos precisam voltar-se para se justificarem e não se perderem em vôos metafísicos que não se conjugam com a realidade material do mundo, não é possível enxergar nisso nenhum tipo de mutilação, porque em nenhum momento o trabalho racional é preterido em função do mero sentir e experienciar. Há um processo no conhecimento e é apenas considerando o humano em sua realidade natural *inteira*, senciante e pensante, que é possível compreendê-lo, do ponto de vista epicurista.

Ao afirmar que o critério de verdade é a sensação (*aisthesis*) e as afecções ou sentimentos (*pathe*) Epicuro não está inventando a roda ou se dispondo a criar uma nova forma de conhecer que sirva para o humano se relacionar com o mundo. Está apenas reconhecendo uma realidade óbvia da nossa natureza. Como comenta Spinelli “critério, para

¹⁷¹ LUCRÉCIO, 1973, Livro I, 300, p. 43.

¹⁷² SPINELLI, 2013a, p. 31.

¹⁷³ EPICURO, *Carta a Heródoto in LAËRTIOS*, 2008, Livro X, 39, p. 292.

¹⁷⁴ ULLMANN, 2006, p. 63.

Epicuro, em seu primordial sentido, diz respeito a uma imposição (que ele denomina de *epibolê*) natural ou involuntária.”¹⁷⁵ As sensações e os sentimentos são os critérios porque “não há evidência mais forte do que aquilo que sinto e percebo. Não há argumento, não há dialética que me faça não ter sentido o que senti, não ter visto o que vi.”¹⁷⁶ Como deixa bastante claro a *Máxima Principal XXIII*¹⁷⁷, se não se parte das sensações, dos dados que naturalmente são recebidos dos sentidos, não haverá do que partir. Mas as sensações são o ponto de partida, são irracionais: é necessário racionalizá-las para se ter o entendimento de qualquer coisa. Como este processo ocorre não é o trabalho que Epicuro se propõe a realizar, lhe basta, para os fins que almeja, apenas reconhecê-lo e chamar a atenção para um ponto indispensável: as opiniões, as ideias, as racionalizações consequentes aos dados recebidos dos sentidos não podem contradizer as sensações. Como escreve Diógenes Laércio: “uma opinião é verdadeira se a evidência dos sentidos a confirma ou não a contradiz, é falsa se a evidência dos sentidos não a confirma ou a contradiz.”¹⁷⁸ Logo, a razão não pode se sobrepor às sensações, porque então a noção decorrente se torna vazia e carente de realidade: o juízo e a atribuição de verdade e falsidade são exclusivos das opiniões, e o fruto de todo engano reside na opinião que não parte e não se certifica na sensação. “Efetivamente, nada é mais difícil do que distinguir as coisas verdadeiras das duvidosas que o nosso espírito por si mesmo junta”¹⁷⁹, diz Lucrécio, e é por isso que é necessário manter em mente que opinião nenhuma pode sobrepor-se à realidade material do mundo.

Epicuro está detidamente preocupado com as opiniões vazias que influenciam, geram temores, instauram ilusões, escapam à realidade material e que são tomadas como verdadeiras. “A verdade jamais pode ser restrita à verdade do arranjo do discurso”¹⁸⁰, é o discurso que precisa se justificar ante a realidade material do mundo, e é apenas quando esta realidade, que naturalmente através dos sentidos se tem acesso, não o contradiz ou certifica que ele pode ser verdadeiro. Como escreveu Epicuro: “devemos compatibilizar todas as nossas investigações com nossas sensações, e particularmente com as impressões imediatas, sejam elas da mente ou de qualquer outro instrumento do juízo, e compatibilizá-las igualmente com os sentimentos existentes em nós.”¹⁸¹

¹⁷⁵ SPINELLI, 2013a, p. 132.

¹⁷⁶ MORAES, 1998, p. 29.

¹⁷⁷ EPICURO, 2013, *Máxima Principal XXIII*, p. 39: “Se combate todas tuas sensações, nada disporás de referência nem mesmo para discernir corretamente aquelas que julgas deverem ser rejeitadas.

¹⁷⁸ LAËRTIOS, 2008, Livro X, 34, p. 290

¹⁷⁹ LUCRÉCIO, 1973, Livro IV, 465, p. 93.

¹⁸⁰ SPINELLI, 2013a, p. 35.

¹⁸¹ EPICURO, Carta a Heródoto in LAËRTIOS, 2008, Livro X, 38, p. 291.

O convite da *canônica* epicurista, portanto, é para que o humano se volte para sua natureza mais básica e elementar, que a sobreposição de idéias vazias à sua realidade material, física, corporal, acabou por afastá-lo. Os cânones não estão assegurados em um mundo de idéias puras e que existem por si mesmas, mas são reconhecíveis por cada um em sua própria natureza material, em sua constituição corpórea, em suma, na *natureza* que lhe é própria. Qualquer ideia que se sobreponha, que não parta ou que contradiga as sensações e afecções, termina por afastar o vivente dele próprio: logo, não pode servir de base para uma vida que só pode se realizar prazerosa se for *conforme* a natureza. É por isso que, como comenta Spinelli, “a canônica de Epicuro faz anteceder o conhecimento de si mesmo ao conhecimento das coisas.”¹⁸² É deste conhecimento de si mesmo, deste reconhecimento da própria natureza que depende a compreensão do princípio fundamental que orienta o modo de vida do epicurista: o *prazer*. É na volta sistemática à realidade do mundo que o projeto de vida do epicurista é erigido, é a partir da realidade natural do humano que a ética de Epicuro assenta suas bases. Não para instituir um ‘dever ser’ ou para construir um modo *ideal* de vida ao qual precisa o indivíduo acomodar-se, mas para, pelo contrário, reconhecer o que se *pode* ser, e, sem idealizações que se sobreponham à natureza humana e à singularidade de cada um, propor uma vida onde os fins da inteligência e os fins da natureza coincidam¹⁸³ e se concluam no usufruto de uma vida prazerosa.

Plutarco, em seus comentários acerca da *canônica* de Epicuro, polemiza o caráter subjetivo e conseqüentemente relativo que o conceito de ‘verdade’ acaba adquirindo, uma vez que a sensação e os sentimentos são sempre de ordem individual. Argumenta ele que “se uma pessoa diz que o vinho é seco e outra diz que é doce e nenhuma delas erra em sua sensação, como pode ser o vinho mais seco do que doce?”¹⁸⁴ Ora, dificilmente alguém será convencido a admitir que um vinho que seu paladar lhe atesta doce é, na verdade, seco. Mas é impossível que mesmo que fosse assim convencido deixasse de sentir o doce ao provar novamente do mesmo vinho. No entanto, essa não é a questão de Epicuro: não é a verdade do vinho que ele está preocupado em averiguar. O objetivo de seu *cânon*, como o próprio nome bem explicita, não é o de incorrer em especulações morosamente detalhadas de modo a construir uma teoria do conhecimento, mas tão só de explicitar os critérios sobre os quais o epicurista deve se orientar em sua busca por serenidade. Não são critérios dos quais alguém precisa ser convencido: são critérios que precisam ser reconhecidos na natureza de cada um, ao recorrer a

¹⁸² SPINELLI, op. cit., p.73.

¹⁸³ GUAL; ACOSTA, 1974, p. 209, tradução nossa.

¹⁸⁴ PLUTARCO, 2004, p. 50, tradução nossa.

mera observação atenta de si mesmo. “A questão primordial da canônica de Epicuro”, explica Spinelli, “não consistiria, pois, em investigar o *ser* das coisas em sua realidade própria, mas, sim, em explicitar o ser epicurista em sua realidade conveniente.”¹⁸⁵ E conveniente, para Epicuro, era viver de acordo com a própria natureza e de forma prazerosa a única vida que é facultada ao humano experimentar. Como toda a filosofia de Epicuro, também sua *canônica* não tem um fim que seja outro senão aprender a viver serenamente. O objetivo do *cânon*, tal qual é o da *física*, é profundamente ético, prático, existencial. É assim, como comenta Jean Brun, que a “tentativa de dar ao homem a medida de si mesmo e das coisas que lhe pertencem propriamente, vai desembocar num individualismo hedonista.”¹⁸⁶

A *física* que atesta que a realidade do mundo é material e, portanto, nega a existência, à exceção do vazio que é inerte, de qualquer coisa que não seja átomo ou composto atômico é complementada pela *canônica* que reduz o dizer ao ser e que, conseqüentemente, nega a validade de qualquer ideia ou noção que não faça alusão direta à realidade material do mundo percebida pelos sentidos ou inferida a partir de claras evidências. Logo, não é possível tratar de nenhum bem ou de nenhum mal, ou mesmo de justiça, liberdade ou de qualquer outro conceito caro para a moralidade se este não fizer referência direta a algo materialmente existente e puder ser atestado pela evidência sensível individual. Ninguém pode ver o bem, ele não é uma entidade metafísica que pode existir em si mesmo, e, enquanto ideia, caso não possa ser atestada, percebida, sentida, é absolutamente vazia, sem um conteúdo objetivo a ser comunicado. Em todo caso, embora ninguém possa ver o bem, é possível sentir-se bem. O bem, então, é algo que pode ser atestado, percebido, enunciado apenas enquanto sensação. A consequência básica da *física* e da *canônica* que Epicuro assume como base para sua ética, para o modo de vida epicurista, é a conclusão de que não é possível falar de bem se não se faz referência direta ao *prazer*. Complementando esta ideia, nenhum mal existe em si mesmo senão referenciado igualmente às sensações: a *dor* é o mal, por natureza.

Essas conclusões não precisam mais que ser reconhecidas na natureza do humano, e não podem ser feitas senão individualmente. Naturalmente o humano é equipado de sensibilidade: o prazer e a dor são as afecções básicas e cumprem funções vitais. Ora, de que outro lugar deve partir o humano para bem guiar-se na vida senão da natureza que lhe é própria? O que Epicuro está promovendo é uma volta à natureza mais elementar do humano, na ânsia de livrar a vida de todas as idéias que terminaram por se sobrepor a naturalidade material da existência. A crença básica de Epicuro é que naturalmente o humano é disposto de

¹⁸⁵ SPINELLI, 2013a, p. 73.

¹⁸⁶ BRUN, 1959, p. 97.

tudo aquilo que é necessário para viver uma vida feliz. Mas acontece que, quando aprisionado por um sem fim de idéias que não correspondem às necessidades de sua natureza, o vivente termina por se fazer estranho a si mesmo, termina por se colocar fora dos propósitos de sua natureza. “Eu cuspo em todo belo moral e em todos que de forma vã o admiram se ele não causa nenhum prazer.”¹⁸⁷ A força com que Epicuro se coloca contra toda ideia que não se deixe deduzir da realidade do mundo e da que é própria ao humano, sobrepondo-se à natureza e afastando o homem de seu natural caminho, então, é justificada. Porque estas ideias são a causa de toda vida que é desperdiçada cumprindo obrigações e ocupações que não se harmonizam com os fins da natureza e que impedem o simples ato de viver sem estar perturbado. “Nossa vida”, diz Epicuro na *Carta a Pítocles*, “não necessita de irracionalidades nem de opiniões vãs, e sim de que vivamos sem perturbações.”¹⁸⁸ O que Epicuro termina por fazer em sua canônica, comenta Lledó, é uma “interpretação do homem como corpo que se integra a natureza, por meio do efervescente e delicado domínio da sensibilidade e dos sentidos”, e é nos limites, então, deste corpo mesmo, que ele deve encontrar um princípio real “que lhe fale de sua fusão com a natureza nos inequívocos termos do prazer e do gozo.”¹⁸⁹

Não é em outro lugar senão em si mesmo, senão em sua natureza que é corpórea e sensível, que o vivente descobre qual a referência máxima, qual o critério absoluto, qual o primeiro princípio sobre o qual deve orientar sua vida, suas escolhas e suas recusas. “É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa.”¹⁹⁰ Para a filosofia epicurista não faz absolutamente nenhum sentido tratar de qualquer bem moral que não faça diretas referências ao prazer que, por óbvia definição, só pode ser sentido, experimentado, vivido individualmente. A conclusão à que a canônica se encaminha coloca no centro de qualquer discussão ética o homem particular e obriga que, forçosamente, como comenta Spinelli, qualquer princípio universal deva ser “deduzido por e em benefício do homem particular, e por ele exercido em suas peculiaridades humanas.”¹⁹¹ É para o humano em particular que uma filosofia de vida que se pretenda vivida necessita, inescapavelmente, dirigir-se, e é este, em absoluto, o grande objetivo de toda doutrina epicurista.

¹⁸⁷ USENER, 2007, fragmento 512, p. 675, tradução nossa.

¹⁸⁸ EPICURO, *Carta a Pítocles* in LAËRTIOS, 2008, Livro X, 87, p. 303.

¹⁸⁹ LLEDÓ, 1995, p. 103, tradução nossa.

¹⁹⁰ EPICURO, 2002, p. 37.

¹⁹¹ SPINELLI, 2013a, p. 216.

O conhecimento da condição material e finita que a *física* proporciona e o reconhecimento do que é naturalmente próprio ao humano que a *canônica* intenciona, desembocam, enfim, na base hedonista sobre a qual Epicuro desenvolverá a filosofia da vida serena, o modo de vida coerente com a natureza que precisa ser assumido para viver a vida – que só é em sua imediaticidade – de forma que seja possível encontrar no momento vivido todo o sentido que a existência humana, em nada transcendente, pode facultar para si, e no qual se realiza plenamente. Que escolhas e que recusas o sábio deve fazer; que modo de vida ele deve assumir para que possa viver, não apenas com prazeres, mas prazerosamente; em suma, a partir das conclusões existenciais que a física e que a canônica fornecem para a doutrina da serenidade de Epicuro, como se constrói e se apresenta o modo de viver que é a marca maior do epicurismo, são as fundamentais questões que a *ética*, vértice para o qual tudo se dirige na filosofia de Epicuro, se propõe a responder.

CAPÍTULO III

A ÉTICA: DA AFIRMAÇÃO DA VIDA À AMIZADE

3.1. SOBRE O PRAZER DE VIVER E A GRATIDÃO DO SÁBIO

Em seu *O Mito de Sísifo*, um dos mais belos ensaios filosóficos do século XX, Albert Camus diz que “julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder a pergunta fundamental da filosofia.”¹⁹² O argumento que sustenta a afirmação é bastante evidente, uma vez que a resposta dessa pergunta precede um ato definitivo. Aquele que responde que a vida não vale a pena, se quiser ser levado a sério, precisa comprometer-se com sua decisão e sobre ela edificar seu último ato de vivente. Responder, no entanto, que viver vale a pena, é comprometer-se com a vida e com o seu inerente valor – se vale a pena é porque é valiosa! Filosoficamente, por este ponto de vista, se a vida não vale a pena, então, não há sentido algum para o filosofar senão constatar sua inocuidade. Mas, se ela vale a pena, é necessário reconhecer que todo o sentido possível se encontra na própria vida, e, então, é desta afirmação que toda construção filosófica deve partir. Apesar dos dois milênios que separam Camus de Epicuro, há algo em comum entre os dois pensadores, que vai além dos contextos de colapso social e das infâncias humildes que ambos experimentaram: há a preocupação em chamar atenção para a necessidade, tanto do vivente quanto da filosofia, em primeira e fundamental ordem, de dizer sim à vida e assumir verdadeiramente as consequências desta afirmação.

Na *Carta a Meneceu*, ao se referir àquele que desdenha de sua vida lamentando-se por ter nascido, Epicuro severamente interroga: “se ele diz isso com convicção, por que não se vai desta vida? Pois é livre para fazê-lo, se for esse realmente seu desejo.”¹⁹³ Há algo profundamente valioso nesta passagem, que vai além da constatação da liberdade que o vivente tem de abdicar da própria vida. Se Epicuro se revolta com posturas desdenhosas em relação à existência, é porque reconhece nela um valor, porque reconhece que viver vale a pena e porque, em relação a filosofia, considera que este pressuposto é o ponto de onde forçosamente se deve partir, já que o objetivo do filosofar, para o epicurismo, é o de proporcionar uma vida prazerosa. Ora, já se disse que o epicurista tem como base fundamental de seu modo de vida a certeza de sua finitude e o caráter não transcendente de sua existência. Também já se argumentou que o reconhecimento da própria vida como finita e sem nenhum sentido transcendente a ela própria não tem como consequência, na filosofia de

¹⁹² CAMUS, 2007, p. 17.

¹⁹³ EPICURO, 2002, p. 33.

Epicuro, qualquer postura de desprezo em relação à vida ou de lamentação da condição em que ela se dá. O caminho do epicurista é o oposto ao da negação, do desprezo ou do desespero em relação à própria condição: é o caminho da afirmação da vida e de seus limites, que se expressa no usufruto sóbrio, prudente, sereno e prazeroso de seu tempo limitado.

O sim à vida, do epicurista, não se caracteriza simplesmente pela enunciação de que a vida vale a pena, mas se expressa determinadamente pela afirmação de um modo de vida no qual, além da constatação dos limites e da efemeridade da existência, está o conseqüente reconhecimento da preciosidade da vida, e, sobretudo, o compromisso amoroso consigo mesmo. Na base de todo desenvolvimento ético de Epicuro e, conseqüentemente, no modo de vida que o epicurista assume, está o necessário reconhecimento da preciosidade que é viver. O bem primeiro – e também o maior deles justamente por ser o bem que permite que qualquer outro possa existir – é a vida, e é preciso sempre manter em mente, para o epicurista, que ela é finita e que para ninguém é permitido viver duas vezes. Muito antes de algo a ser lamentado, a finitude e a imprevisibilidade da vida é que temperam cada momento vivido com o sabor de ser único e que anunciam que a preciosidade da vida está no seu enquanto, no seu agora.

Disse Epicuro que “é pequeno, em todos os aspectos, aquele para o qual há muitos motivos convincentes para deixar a vida”¹⁹⁴, porque “o maior bem, ou valor”, comenta Spinelli, “consiste justamente no da vida”¹⁹⁵. Para o vivente, nada pode ser maior e mais valioso do que sua possibilidade única e limitada de *ser* e *estar* no mundo, e é a compreensão da preciosidade que é poder viver que inspira o sim à vida do epicurista e fundamenta o desejo de viver sua vida, compreendida, admitida e amada em sua natureza finita, da maneira mais agradável que ele pode desejar: sóbria e prazerosamente. Se há, na filosofia de Epicuro, uma profissão de fé, é a afirmação de que vida vale a pena, não obstante seus revezes, mesmo que não se possa viver sem se deparar com, pelos menos, alguns inevitáveis momentos de dor e sofrimento. A vida vale a pena porque ela é única e porque não é necessário mais do que estar vivo sem sofrer de demasiadas dores físicas ou perturbações mentais para que ela seja agradável de ser colhida, prazerosa de ser vivida.

Reconhecer essa preciosidade consiste em não desejar da natureza, que proporciona e enseja essa vida, mais do que ela pode dar, e se aprazer com a possibilidade de poder viver e usufruir prazerosamente de seu tempo, sem que seja necessário se adornar com luxo, com honrarias, com um poder ilusório que não pode conquistar mais vida do que a que existe, e que, no entanto, pode desperdiçá-la. É necessário, dirá Lucrecio, não repetir o mito de Sísifo,

¹⁹⁴ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 38, p. 39.

¹⁹⁵ SPINELLI, 2009a, p. 229.

não ser mais um Sísifo, não orientar a vida em busca de um poder que “é sempre vão e jamais nos é dado, e nisto sofrer sempre um duro trabalho”, porque isto “é o mesmo que fazer subir com esforço, por um monte acima, um rochedo que, mal no alto, logo rola e rapidamente busca os plainos de um campo aberto”¹⁹⁶. Diferente de Sísifo, a nenhum humano é facultada a eternidade, e o tempo gasto imitando o mito, perseguindo ilusões e alimentando desejos que não correspondem a nenhuma necessidade natural, se perde para sempre. É por ser prazerosa em sua simplicidade, e, sobretudo, por ser limitada, única e imprevisível, que a vida não pode ser desperdiçada e que o bem viver não precisa e não deve ser adiado. Não há pecado contra a vida, no epicurismo, senão desperdiçá-la com ocupações que não lhe fazem mais preciosa, mas apenas comprometem seu tempo limitado, sem nada lhe acrescentar além de renovadas perturbações. Sem a compreensão de que na base de toda proposta epicurista se encontra um sentimento amoroso pela preciosidade da vida e a conseqüente gratidão por estar vivo, é difícil compreender a radicalidade do modo de viver que a doutrina assume e suas considerações acerca do que vem a ser efetivamente uma existência prazerosa – não meramente cheia de fugazes prazeres – que caracteriza o peculiar hedonismo de Epicuro. Como escreve Hirschberger, para o epicurista, “a existência, na sua totalidade, é fonte de prazer vital, de encanto e dita. E porque a existência pode nos proporcionar tais coisas, e só ela, vale a pena então viver e ‘colher’ o dia.”¹⁹⁷

A disposição alegre e grata com que o epicurista assume sua vida, porque reconhece nela o maior valor, o maior bem que naturalmente possui, é a base do prazer que a doutrina prega. “Não exigem os corpos grandes bens”, escreveu Lucrecio, “desde que estejam deitados sobre a branda relva, perto de um rio de água corrente, à sombra de uma alta árvore, sobretudo quando o tempo sorri e a estação do ano adorna de flores as ervas verdejantes”¹⁹⁸. Poucas passagens da literatura epicurista, que chegaram até estes dias, são mais belas e mais claras do que essa elaboração poética para compreender o que está na base do prazer que a doutrina prega. A poesia conta com a enorme vantagem de mostrar o que a elaboração argumentativa apenas consegue dizer. É claro que Lucrecio não está enunciando a necessidade de uma árvore de sombra, perto de um rio, com condições climáticas propensas ao repouso em determinada estação, para que seja possível sentir prazer. O que a passagem suscita é a alegria gratuita por estar no mundo que sente aquele que aprendeu a olhar para o valor da existência, a manter os olhos fixos sob sua beleza, e que, então, não necessita de bens

¹⁹⁶ LUCRÉCIO, 1973, Livro III, 1000-1005, p. 83.

¹⁹⁷ HIRSCHBERGER, 1965, p. 295.

¹⁹⁸ LUCRÉCIO, op. cit., Livro II, 30-35, p. 55.

maiores para viver grato e aprazido. O prazer de estar sob a sombra da árvore, de estar entre aqueles por quem se sente afeto, de sentir-se satisfeito com a vida no momento em que ela acontece; o prazer que existe em poder viver o momento sem necessitar do depois, que faz sentir que o momento vivido contém nele próprio seu fim: é este o prazer do epicurista. É o prazer que se sente quando a gratidão pelo momento permite aquietar o espírito e não desejar nada além do que se está vivendo. É, em suma, o prazer que permite reparar a sorte que há em estar vivo, que permite sentir a alegria de estar no mundo.

Quando Epicuro diz que a finalidade da vida feliz consiste na saúde do corpo e na serenidade do espírito¹⁹⁹, e que, portanto, o ápice do prazer é quando toda dor e perturbação estão ausentes, muito distante das interpretações que acusam o prazer epicurista de ser um estado não de prazer, mas de mera indolência, o que Epicuro está realmente dizendo é que é prazeroso viver, basta que não se esteja demasiado perturbado por sofrimentos da carne ou da mente. E não é necessário mais que isso para que se compreenda o prazer a que Epicuro está convidando se de fato se deseja compreendê-lo. Epicuro não está inventando um prazer, tampouco está tentando ensinar alguém a sentir determinado tipo de prazer. Está apenas se referindo a um prazer que a todos é facultado sentir e que não precisa de maiores explicações, porque de certo todos em algum momento já se sentiram aprazidos com a vida, mesmo sem estar usufruindo de um ‘prazer em movimento’, de um prazer decorrente de uma ação específica. O prazer catastemático, desvirtuado de seu sentido quando compreendido como *prazer em repouso*, como explica Duvernoy²⁰⁰, é o *prazer como estado*. O trabalho da filosofia epicurista não consiste em ensinar a sentir este tipo de prazer, mas apenas em reconhecê-lo e orientar prudentemente a vida de forma a fazer com que o prazer de estar vivo sem estar perturbado seja a referência, seja o *télos* que orienta as escolhas e possa, então, vir a ser constante. Como comenta Gual, “a *hedoné* catastemática de Epicuro corresponde ao que em francês se chama de *la joie de vivre*: a alegria de viver”.²⁰¹

Esta definição é suficiente para marcar determinantemente a distinção do modo de vida epicurista para o hedonismo de Aristipo, tanto quanto para o ascetismo dos cínicos ou a *ataraxia* em termos estóicos. Ullmann, na tentativa de explicar a sabedoria epicurista, diz que ela “consiste em livrar-se dos afetos e refugiar-se num estado de indiferença, de imperturbabilidade.”²⁰² Se, por um lado, o hedonismo de Epicuro é bastante distante do de Aristipo, que deposita sobre o prazer decorrente de uma ação a referência do que deve ser

¹⁹⁹ EPICURO, 2002, p. 35.

²⁰⁰ DUVERNOY, 1993, p. 97.

²⁰¹ GUAL, 2002, p. 162, tradução nossa.

²⁰² ULLMANN, 2006, p. 55.

buscado na vida, por outro, a alegria constante de viver que o epicurismo propõe nada tem a ver com indiferença: o estado de indiferença não é o estado do alegre e nem do triste, nem do aprazido nem o do dolorido, é o estado do insensível. A indiferença como fruto da insensibilidade, fruto do esforço daquele que se prepara para não sofrer, e, então, tenta anular em si a natureza sensível de que dispõe para não se encontrar suscetível aos afetos e às dores da vida, se assemelha tanto ao projeto estóico quanto ao modo ascético de viver, mas é absolutamente incompatível com o projeto epicurista. Guardadas suas peculiaridades, tanto o ascetismo do cínico quanto a indiferença do estóico buscam se resguardar do sofrimento da vida preparando a alma e enrijecendo o corpo para bem suportar os reveses que o tempo futuro pode trazer. Embora a renúncia epicurista aos ideais sociais possa se assemelhar, em uma primeira mirada, sobretudo no que tange à escolha de uma vida frugal, à postura do cínico, o que um e outro objetivam é completamente oposto. Para o epicurismo, é a natureza sensível do humano que lhe permite sentir o prazer de viver. Logo, buscar a anulação ou a sobreposição desta natureza sensível é anular a possibilidade de gosto pela vida, e, em decorrência, todo o sentido imanente que a vida pode ter – que é o único tangível para uma filosofia de base atomista.

“Um derradeiro aspecto do epicurismo”, comenta Spinelli, “diz respeito ao cariz da doutrina de Epicuro enquanto filosofia da não anulação”²⁰³. Essa não anulação, que em primeira ordem significa uma adequação inteligente ao que é próprio da natureza humana e íntima do ser, sem negá-la nem dela se fazer escravo, em segunda ordem marca uma característica determinante do modo de compreender e viver a vida: o epicurista não se submete a ideais de anulação, de indiferença frente à vida e de insensibilidade frente aos sentimentos e os afetos, simplesmente porque não considera que a vida seja um fardo. É aquele que compreende a vida como algo a ser suportado, como um grande peso a ser administrado, como uma cruz a ser carregada que precisa se preparar para não sofrer. O epicurista, por outro lado, por compreender a vida com um grande bem, não pode se preparar para outra coisa senão para vivê-la prazerosamente. A vida não é sina, é sorte para o epicurista; não é um fardo, é uma oportunidade de sentir-se agradavelmente satisfeito a que ele não pode renunciar, não pode desperdiçar porque a reconhece finita. Aliás, é justamente por aceitá-la em sua condição e natureza que ele pode verdadeiramente amá-la. A frugalidade do epicurista tem menos a ver com a preparação para o não padecimento do que com a certeza

²⁰³ SPINELLI, 2009a, p. 397.

de que a vida, por ser ela própria um grande bem, não precisa ser demasiado adornada para ser prazerosa.

Nietzsche, em seu *A Gaia Ciência*, disposto de seu característico estilo ácido, marca de forma áspera, no entanto plástica, a diferença determinante que existe, especificamente, entre o estóico e o epicurista, no que tange a compreensão e preparação para a vida. Ele descreve o estóico como aquele que “treina-se em engolir pedras e vermes, cacos de vidro e escorpiões, e desconhecer a repugnância nisso”, porque para o estóico “é preciso que seu estômago acabe por ser indiferente a tudo que o acaso da existência aí possa despejar”, e termina dizendo que para o epicurista a pior das perdas seria “trocar sua sensibilidade sutil pelo couro de porco-espinho dos estóicos.”²⁰⁴ Guardados os exageros de Nietzsche, há algo sumamente importante que esta passagem suscita: enquanto para o estóico a melhor forma de preparar-se para os acasos da vida é vestir a couraça, para o epicurista é viver prazerosamente o dia, sob a fino trato de sua sensibilidade.

Não cabe, ao propósito deste texto, marcar profundamente a diferença das duas doutrinas, mas, na intenção de melhor compreender o que está na base do epicurismo, essa contraposição oferece uma conclusão importante: diferente do estóico, o epicurista não se prepara para defender-se da vida, mas para vivê-la de forma prazerosa e grata. Enquanto o estóico se prepara para suportar a vida, sustentado por seu *amor fati*, o epicurista não adia o momento de brindá-la, mesmo que apenas com água fresca, em alguma sombra do jardim, acompanhado dos amigos, disposto de um sentimento determinante para sua serena alegria: o de gratidão.

“Demos graça à natureza abençoada, porque ela fez os bens necessários fáceis de alcançar, e aqueles que são difíceis os fez desnecessários.”²⁰⁵ A gratidão de que trata o Epicuro nada tem a ver com render graças a qualquer ente superior e não se conjuga com qualquer ideal religioso: há que lembrar que o universo infinito e indeterminado que o atomismo epicurista anuncia pretende, predominantemente, dar ao humano a ciência de sua natureza e condição. Reconhecer-se finito e fruto dos entrechoques não determinados dos átomos, num universo que é em si e para si mesmo e, portanto, de forma alguma teleológico, liberta o humano de render graças ao divino ou de esperar qualquer interferência dos deuses, como também nega um fim último para a natureza tanto quanto para o vivente. É esse entrechoque aleatório, submetido ao acaso e carente de um sentido superior, que deu ao vivente a oportunidade de viver. Ante ao ‘ter de morrer’ e ao viver sem um sentido superior,

²⁰⁴ NIETZSCHE, 2013, 306, p. 159.

²⁰⁵ USENER, 2007, fragmento 469, p. 645, tradução nossa.

Epicuro não se rende a qualquer tipo de lamentação. O que ele faz é dar forma a uma ética calcada no reconhecimento da preciosidade da vida. É preciosa porque quanto melhor se conhece sua fugaz condição mais ela se apresenta como única e rica. É preciosa porque é possível viver prazerosamente e não é de muito que se precisa para isso. Dar graça à Natureza é dar graça a própria vida que participa dela. Não no sentido de prestar homenagens a algo ou a alguém, e sim no sentido de pôr-se satisfeito com a vida tal e qual ela é, tal e qual a natureza permite que seja, porque não será permitida outra vez. “O prazer de que fala Epicuro não é a indiferença do cadáver [...] é uma participação direta no que é oferecido pela natureza. [...] é um prazer natural que nos põe em harmonia com a Natureza”, diz Jean Brun.²⁰⁶ Colocar-se em harmonia com a natureza é, de um lado, o grande projeto da doutrina, e, de outro, a mais clara expressão da gratidão pela vida que se desenvolve, no modo de vida epicurista, numa das mais importantes premissas éticas: a de contentar-se, no que implica em bastar-se, com o suficiente.

“A ingratidão da alma torna o vivente ilimitadamente ávido de variações no modo de vida.”²⁰⁷ Ser ingrato com a natureza é exigir dela mais do que ela pode dar, é desejar mais do que é necessário, é desonrar a vida orientado-a na busca do que é dispensável, enquanto os dias passam sem que se viva prazerosamente com o suficiente. Ser grato, para o epicurista, não é discursar apaixonadamente sobre a vida, não é escrever odes à natureza: é harmonizar-se com ela e não desejar para a vida mais do que ela precisa. É essa gratidão que financia o prazer de viver sem ter de se ocupar com aquilo que não agrega nada à vida, que só lhe ocupa inutilmente. A ingratidão, por sua vez, é a mãe da ganância, mãe dos desejos vazios que nunca saciam porque simplesmente não podem ser saciados, uma vez que não podem dar o sossego necessário para o vivente: “nada é suficiente para quem o suficiente é pouco”²⁰⁸, diz Epicuro.

É a partir da preciosidade que o epicurista reconhece na vida e na gratidão que lhe inspira a harmonizar-se com sua natureza, que a busca pelo prazer de viver, pela *joie de vivre*, dá luz a uma ética da moderação, da compreensão dos desejos, da prudência e da amizade afetuosa. De um modo amplo, dá luz ao modo de vida que o epicurista assume. Aliás, é exatamente o modo de vida que o epicurista assume que faz da doutrina muito mais do que uma ode à vida: faz do epicurismo uma *afirmação da vida*. Afirmção porque o que caracteriza verdadeiramente o epicurista não é seu discurso, é a forma como ele efetivamente

²⁰⁶ BRUN, 1959, p. 101.

²⁰⁷ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 69, p. 65.

²⁰⁸ Ibid., Sentença Vaticana 68, p. 65.

vive, como ele de fato colhe seus dias, orientado pelo conhecimento da natureza e pela compreensão dos limites da vida. Comenta Hirschberger, que é porque o epicurista tem “os olhos bem abertos para a riqueza e a beleza do mundo [que ele] afirma a vida na sua plenitude, na sua pujança, na sua força vitoriosa.”²⁰⁹ Afirmar a vida em sua plenitude, para o epicurista, significa compreendê-la em sua natureza e viver segundo esta compreensão, ciente dos limites que lhe são inerentes, livre das ilusões que os ignoram, grato pela bondade e beleza que há na vida quando ela é regulada por uma razão sóbria que não deseja dela mais do que pode dar²¹⁰, e, finalmente, sereno o suficiente para “colher os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve.”²¹¹

3.2. DOS FINS DA NATUREZA E DA COMPREENSÃO DOS DESEJOS

O desejo é o motor do humano. Ele é a força que move o vivente, cuja energia vital se destina, em sua função natural mais básica, a manter a vida. A fome e a sede são as mais cotidianas e claras expressões do quão o desejo é inerente e necessário para a vida se manter: o desejo é constituição fundamental da natureza humana, é condição da vida. Até o monge asceta mais eficiente em seu projeto de anulação dos desejos precisa se alimentar se quiser manter vivo seu desejo de não desejar. Para anular verdadeiramente o desejo é preciso deixar de viver. No entanto, se, por um lado, é absurda a tentativa de manter-se vivo sem desejar, por outro, deixar-se levar por todo e qualquer desejo é abdicar da liberdade de escolher minimamente a vida que se quer viver, e assumir o papel de coadjuvante de si mesmo, até mesmo no feitiço da própria ruína.

Jamais ocorreu a Epicuro, ao tratar dos desejos, a intenção de tentar anulá-los, porque isso seria o mesmo que anular a própria vida, que amordaçar a existência no que ela tem de mais inerente, seria *negar* a natureza. Mas, o mestre dos jardins, sabia também que uma vida abandonada ao sabor dos ventos dos desejos que sopram de todos os lados pouco se assemelha a uma vida feliz. Entre a mordaza repressiva do asceta e o exagero desatinado do libertino, o caminho do epicurista é o da virtude maior: da *phrónêsis*, da prudência que é a fundamental característica do sábio. A vida prudente, para o epicurista, é a que compreende a natureza dos desejos, que sabe harmonizá-los com as necessidades da natureza e que age, enfim, de forma a não anular nem prejudicar a vida prazerosa, mas a alcançá-la e mantê-la. “A

²⁰⁹ HIRSCHBERGER, 1965, p. 294.

²¹⁰ MELLI, 1922, p. 70.

²¹¹ EPICURO, 2002, p. 31.

plena realização do humano”, comentou a esse respeito Spinelli, “só se dá efetivando, ou seja, levando a efeito as disposições da natureza humana e não conceitos ou preceitos de valor ou de virtude impostos.”²¹²

Epicuro, de fato, nunca se preocupou em compor uma teoria moral no sentido de prescrever como o indivíduo deve ou não deve agir, a anunciar o certo ou errado, a impor um modo ideal de viver. A preocupação da filosofia epicurista sempre foi a de fomentar a reflexão – a partir, é claro, de certos princípios – do vivente sobre sua própria natureza, uma vez que é a apenas a partir do que ele é que pode viver. Os humanos comungam da mesma condição finita e de determinadas características naturais, mas são peculiares em suas naturezas particulares. Se a realização prazerosa do vivente se dá quando ele aprende a colocar-se em consonância com a natureza que lhe é própria, de pouca serventia lhe serão os manuais que anunciam um modo ideal de viver. Isso não quer dizer, cabe lembrar, que o epicurista não se guie por certos princípios ou respeite determinadas regras dentro do convívio do jardim, da comunidade epicurista e do meio social do qual se afasta apenas parcialmente. Isso quer dizer que ao sábio cabe primordialmente ser sábio de si mesmo, porque só ele próprio é que pode vir a contento compreender-se e orientar-se na vida, de modo a equalizar os desejos que tem com as necessidades da natureza que lhe é própria, em função da vida prazerosa.

Se a realização está em viver de acordo com as disposições naturais que são inerentes ao vivente, ele precisa refletir e limitar seus desejos tomando por critério as suas necessidades naturais. Disto resultam dois importantes trabalhos: o de compreender, antes, quais são as necessidades de sua natureza, e, depois, refletir sobre os desejos de forma a torná-los inteligíveis, porque só assim é que podem ser, no caso dos que não se harmonizam com as intenções da natureza, não propriamente anulados, mas combatidos pela inteligência prudente que ambiciona a vida prazerosa. Se não se pode, por um lado, abandonar-se ao mar dos impulsos e dos desejos, e, por outro, amordaçar-se sob pena de forçar e negar a própria natureza, é necessário, entre os desejos, encontrar o bom termo, e, para tanto, é preciso ter uma referência. A referência que Epicuro apresenta para tal empreendimento não é um manual cheio de princípios, mas a natureza que é própria de cada um.

É importante reiterar que o esforço do epicurista não é por anular ou extinguir os desejos, é um esforço de compreensão sobre o que se está de fato desejando, de que forma este desejo relaciona-se com as necessidades naturais e a partir de que limite ele passa a

²¹² SPINELLI, 2013a, p. 44.

desperdiçar e ameaçar a vida. Como comenta Festugière, “se é verdade que a sabedoria consiste em extinguir em si mesmo todos os desejos [...] o ideal seria ser completamente insensível [e] a vida melhor seria aquela em que menos se vive”²¹³. É quase desnecessário comentar mais uma vez que a insensibilidade é, por definição, o caminho oposto de uma filosofia que deposita sobre a natureza sensível do humano seu critério de verdade, do qual destila o modo de viver que assume. Não obstante, o combate aos desejos que não se harmonizam com as disposições da natureza representa um dos desenvolvimentos fundamentais da doutrina epicurista no que tange à moral que o sábio efetiva em sua vida. É o abandono dos desejos que se colocam como um entrave à realização prazerosa que leva, inclusive, o epicurista a se afastar dos assuntos da multidão, a se retirar da vida política e a viver longe dos domínios da ganância, da luta pelo poder, da histeria coletiva pelo acúmulo de riqueza.

“Dentre os desejos”, diz Epicuro, “alguns são naturais e necessários, outros naturais, mas não necessários, outros ainda não são nem naturais nem necessários, mas proveniente de opiniões vazias.”²¹⁴ A referência para a categorização dos desejos que Epicuro propõe é o fim a que se destinam em relação à natureza humana, e é para tornar o desejo inteligível e então passível de ser refletido e combatido, no caso de não ser conforme à natureza, que ele os categoriza quanto à necessidade e origem. Os desejos naturais e necessários são aqueles sem os quais a natureza não pode se manter e que, portanto, além de inerentes à própria natureza, são necessários porque dizem respeito diretamente à continuidade da vida. “A voz da carne: não passar fome, nem sede, nem frio; aquele que dispõe disso e tem segurança de permanecer dispondo pode também disputar a felicidade.”²¹⁵ Eis o frugal, o sereno, o humilde mas refinado hedonismo de Epicuro, segundo o qual é possível ser feliz com apenas o suficiente para se manter vivo e o corpo não padecer. Pão, água, uma sombra nos dias quentes, o abrigo contra o frio: não é muito mais o que a natureza pede.

Quanto ao que são bens externos, materiais, as necessidades da natureza humana não exigem mais do que o suficiente para a vida se manter. Mas o suficiente a natureza exige, e sem que o suficiente esteja garantido, a condição de felicidade e de realização do vivente fica comprometida. Eis, aqui, uma importante e básica reflexão da ética epicurista: nada, nem ninguém, pode sobrepor-se ao direito que cada humano tem de usufruir de sua existência única, dispondo do mínimo necessário para que ela possa ser prazerosa. “Nada é possível,

²¹³ FESTUGIÈRE, 1963, p. 26, tradução nossa.

²¹⁴ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 22, p. 29.

²¹⁵ Ibid., Sentença Vaticana 33, p. 37.

nem a cultura, nem a ética, nem a educação, se não se luta antes pela *política do necessário*, pela política da vida.”²¹⁶ Como comenta Lledó, mais do que chamar a atenção para o fato de a vida necessitar de pouco para poder ser vivida plenamente, Epicuro está também preocupado em dizer que o necessário precisa ser acessível a todos. Se a política do necessário não for atendida, qualquer organização social se queda falida e injusta, porque nega ao vivente o direito sobre sua própria vida – e nada é mais precioso para aquele que vive do que a vida de que dispõe. Para uma ética que tem como fundamento a consideração grata da preciosidade da vida, a política do necessário é uma consequência óbvia: sem que o mínimo esteja garantido, todo o resto carece de sentido.

O segundo grupo de desejos – os naturais, mas não necessários – englobam os desejos que tem sua origem na natureza, e que, caso não realizados, não comprometem a continuidade da vida. O desejo sexual, por exemplo, embora seja natural, não mata ninguém que não possa efetivá-lo. Disto não se conclui que devam ser reprimidos: apenas refletidos, administrados e usufruídos com prudência. É clássica a passagem na qual Epicuro, provavelmente dirigindo-se um jovem epicurista tomado pelo desejo sexual, aconselha-o a cumprir com o impulso que lhe movimenta, desde que não deixe de considerar a prudência necessária: “no que te concerne, desde que não violes nenhuma lei, não agridas aquilo que foi honestamente estabelecido pelo costume, não causes dissabor aos próximos, não maltrates teu corpo nem desperdices o necessário, segue tua escolha conforme tua inclinação.”²¹⁷ Ademais, se no âmbito particular – para o qual toda reflexão da doutrina se destina – a não realização de uma inclinação natural pelo desejo sexual não cause um dano à natureza, por outro, no que tange à continuidade da espécie, cumpre um papel natural determinante. Nunca ocorreu a Epicuro condená-los, até porque é difícil imaginar uma vida plena em que o sujeito precise manter constantemente reprimido qualquer desejo que naturalmente lhe toca. A recomendação é apenas para que se aja com prudência.

Ainda no âmbito dos desejos naturais e não necessários, estão todos os desejos que tem sua origem na ‘voz da carne’, mas que se adornam com intenções que, em relação à natureza, não são necessárias. Comidas refinadas, bebidas variadas, abrigos luxuosos, embora tenham sua origem em necessidades naturais, não precisam ser necessariamente realizados, pelo fato óbvio de que a natureza não cobra que o vivente alimente-se de comidas refinadas, muito embora ele possa desejar. É preciso contentar-se com o suficiente, mas não é necessário abdicar do prazer e dos desejos: o sábio “opta pela comida mais saborosa”, diz Epicuro, “não

²¹⁶ LLEDÓ, 1995, p. 112, tradução nossa.

²¹⁷ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 51, p. 49.

pela mais abundante.”²¹⁸ Se, por um lado, o hedonismo de Epicuro encontra, mesmo na vida mais frugal, o gosto de viver, por outro, não anuncia como necessário a renúncia dos prazeres mais refinados, chama atenção, apenas, para a necessidade de usufruir de forma prudente destes prazeres. Se o sábio é capaz de sentir prazer quando tem pouco, então, quando é possível ter a disposição mais do que o suficiente, ele usufruiu sem exageros e muito mais prazerosamente da fartura do que aquele que precisa de muito para ativar seu prazer. Há uma bonita passagem da *Carta a Meneceu* que explicita sem a necessidade de outra explicação a disposição que o sábio deve ter frente aos desejos naturais, mas que não são necessários:

Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte.²¹⁹

É sobre os desejos não naturais e não necessários, predominantemente, que a reflexão epicurista se alonga e ante os quais se volta para então combater. É, sobretudo, por causa destes desejos que não correspondem a nenhum fim natural que, para o epicurismo, os homens logram sua ruína. Se a realização feliz do vivente está em dispor do que é necessário e a vida plena é a vivida conforme a natureza, então, a busca pelo que não é nem natural e nem necessário só pode estar fadada ao fracasso. A ambição desmedida pela riqueza que excede as necessidades naturais, a luta pelo poder, a orientação da vida em função de honrarias, de reconhecimentos, de glórias, não são conformes à natureza porque nada, na natureza humana, permite concluir que sejam minimamente necessários para o bem viver. Pelo contrário: se a natureza for tomada por referência, tanto a riqueza material, quanto o poder e a glória, em nada acrescentam ao humano, mas antes lhe atrapalham, porque exigem renovados e contínuos esforços. Exigem, estes desejos que são frutos de uma opinião vazia, que o vivendo gaste seus dias sempre metido em novos trabalhos, e empenhe sua vida na realização de algo que não lhe permite usufruir do simples prazer de viver, justamente porque lhe ocupa um tempo interminável.

Quem se guia em busca de riquezas materiais, por exemplo, nunca se considera suficientemente rico, pelo fato de que a riqueza de que já dispõe não lhe parece suficiente, sobretudo, porque não pode lhe conferir verdadeira satisfação. Em uma busca que nunca termina, insuflada por um desejo ilimitado, é necessário empenhar também um tempo ilimitado de vida. Mas a ninguém este tempo ilimitado é facultado. A firme consciência do

²¹⁸ EPICURO, 2002, p. 31.

²¹⁹ Ibid., p. 43.

epicurista de que a vida é finita, de que o tempo de que dispõe é limitado e de que a vida já é, por si só, uma grande riqueza, não pode permitir que ele a desperdice dessa forma tola, iludido por uma opinião vã, vazia, privada de qualquer sentido porque não é conforme à natureza. “A felicidade do epicurista”, comenta Gual, “consiste em prazeres contínuos, em alegrias cotidianas e não em objetivos distantes, que uma brusca morte possa arrebatá-lo, deixando assim uma vida sem sentido.”²²⁰ A vida, para o epicurista, não pode ser adiada, não pode ser desprezada, precisa ser bem vivida em sua instantaneidade, precisa ser colhida prazerosamente um dia por vez, como na clássica elaboração de Horácio, do *carpe diem*. Aquele que vive em função de uma realização futura, e sobre ela deposita o sentido de sua vida, acaba por deixar de viver o dia, ocupa-se inutilmente e despreza o presente em função de algo que não necessita, de um tempo que pode, inclusive, não vir a ser. “Alguns” lembra Epicuro, “gastam a vida preparando aquilo que é relativo à vida, não percebendo que ao nascer tomamos, cada um de nós, uma porção mortal.”²²¹

A consequência prática da compreensão da condição finita do humano é que leva à ruptura do epicurismo com todos os ideais ou desejos que fazem o vivente empenhar sua vida em função de qualquer algo não necessário, que se coloque como um entrave à intenção de fazer com que o sentido da vida e o momento vivido coincidam. “O fundamental para a felicidade é nossa disposição de ânimo, da qual somos os donos”²²², escreveu Diógenes de Enoanda. Mas é impossível que o indivíduo encontre uma boa disposição de ânimo para viver prazerosamente, se ele sente que sempre lhe falta um algo, mesmo que já possua tudo de que naturalmente necessita. Descuidado de si mesmo e sempre ansioso por um depois que lhe realize, como na descrição de Lucrecio²²³, o sujeito vive apressado, sem repouso, sempre em busca de uma coisa que não encontra no lugar em que está, e termina por viver como se tentasse fugir de si mesmo. “Mas como se vê, não lhe é possível escapar-se”²²⁴, porque de si mesmo não há quem possa fugir senão abandonando a vida. É por isso que o aspirante a sábio, depois de se livrar dos temores dos deuses e da morte, depois de compreender a preciosidade da vida que é insuflada por sua condição finita, precisa combater os desejos vazios. De outro modo nunca se sentirá satisfeito e a vida passará por ele como se não tivesse sido, porque foi vivida em função de um depois, de um desejo vazio, de um projeto edificado no ar.

²²⁰ GUAL, 2002, p. 188, tradução nossa.

²²¹ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 30, p. 34.

²²² ENOANDA in GUAL, 2016, 112, p. 73, tradução nossa.

²²³ LUCRÉCIO, 1973, Livro III, 1055-1075, p. 84.

²²⁴ Ibid., Livro III, 1070, p. 84.

“Se queres fazer rico a Pítocles, não aumente suas riquezas, mas limite os seus desejos”²²⁵. Certamente, a não ser que Pítocles limite ele próprio seus desejos, ninguém por ele poderá fazê-lo. Entretanto, esse fragmento de Epicuro anuncia, mais que o abandono de uma vida orientada para o acúmulo de riquezas, uma nova compreensão do que é ser realmente rico, não mais fundamentada sob ideais vazios de honras, de glórias, de *status*, de poder, mas referenciada nas necessidades da natureza. “A pobreza medida pela finalidade da natureza é uma grande riqueza; a riqueza, se não limitada, é uma grande pobreza.”²²⁶ Se os olhos estiverem dirigidos à grande riqueza que é poder viver, então a vida não precisa de nada que exceda as suas necessidades naturais. Ademais, para quem é que a vida feliz se assemelha à correria de estar sempre em função de conseguir um algo que não se encontra no presente? Sem a limitação dos desejos, para o epicurismo, é impossível que se viva de forma plena, porque a serenidade necessária para viver o momento necessita, antes de tudo, que o vivente se sinta satisfeito e que, obviamente, tenha o tempo de sua vida à sua disposição, e não hipotecado aos seus desejos descuidados e vazios.

“Muitos que obtiveram riquezas, não conseguiram uma libertação de seus males, apenas os trocaram por males maiores.”²²⁷ Assim procederam não porque a riqueza material é em si um mal, mas porque é preciso empenhar a vida para consegui-la, porque é necessário gastar sucessivos esforços para mantê-la, e, sobretudo, porque, segundo o epicurismo, como a riqueza material não se constitui em um fim da natureza, não pode conceder ao sujeito a serenidade necessária para viver aprazido. É por procurarem nos lugares equivocados que os homens não encontram a sua realização prazerosa. É por imaginarem a felicidade como algo que se encontra no fim de uma grande busca que os humanos terminam por desprezar o momento vivido. A única forma de conceber a felicidade, se referenciada ao prazer, é como momento prazeroso, jamais como um grande bem alcançado no fim de uma busca. Pouco adianta correr muito se o caminho é que está equivocado: só se chega mais rápido ao lugar errado, ou, melhor, não se chega a lugar algum. “Com um esforço bestial se acumula uma grande quantidade de riquezas, mas a vida se torna miserável.”²²⁸ Para Epicuro, não há vida mais miserável do que aquela que não se permite o descanso dos desejos vazios, do que aquela que está sempre metida em uns quantos esforços e ocupações inúteis porque não encontra verdadeira satisfação ao dispor do necessário. Não há homem mais pobre do que aquele que não dispõe de seu tempo e empenha sua vida em função de qualquer coisa que não

²²⁵ USENER, 2007, fragmento 135, p. 329, tradução nossa.

²²⁶ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 25, p. 31.

²²⁷ USENER, op. cit., fragmento 479, p. 653, tradução nossa.

²²⁸ Ibid., fragmento 480, p. 653, tradução nossa.

seja ela própria, porque desperdiça suas verdadeiras riquezas, conforme a voz da natureza e a consciência sóbria de que a vida a ninguém é facultada duas vezes permitem compreender.

“Não há nada que produza tanta felicidade de ânimo como não ocupar-se de muitos assuntos nem empreender tarefas de difícil solução, nem empenhar-se em algo que está além de nossos próprios recursos. Porque tudo isso causa perturbações à nossa natureza.”²²⁹ O abandono dos vazios ideais de riqueza, de poder, de reconhecimento, de honrarias, leva a uma vida serena e a desocupada de tudo aquilo que nada lhe acrescenta, que apenas lhe rouba tempo. É desnecessário explicar a alegria que se sente quando não se está ocupado com nada que não se queira estar, quando se pode, livre de obrigações tediosas, apenas usufruir do momento sem ter de prestar conta a dois ponteiros que medem o tempo, que aprisionam a vida, que adestram o vivente a cumprir obrigações repetidas, como se a vida não fosse finita e tardasse em terminar. É um equívoco compreender o esforço epicurista, por reorientar a vida para mais aquém dos ideais que se sobrepõe à voz da natureza, como uma ode à pobreza, ou como algum tipo de ascetismo ou, então, como uma vida preguiçosa e pouco ativa. É exatamente o contrário o que Epicuro estava mirando: é uma vida rica e plena que ele ambiciona e efetivamente usufrui. Não há anulação alguma: há a compreensão dos desejos sob a referência do naturalmente necessário. Há o verdadeiro desfrute do tempo de vida, que só é possível quando o sujeito se liberta das prisões que os próprios desejos vazios lhe submetem e aprende a se fazer satisfeito, quando disposto do naturalmente suficiente.

“O significado histórico e humano da Ética de Epicuro está todo aqui: ela quer fazer uma restituição do senso sereno da vida na consciência, de frente a todo pessimismo e a toda aspiração de outro mundo.”²³⁰ Esse comentário de Melli expressa de forma clara o grande propósito do epicurismo, que não é outro senão dar ao vivente a plena consciência de sua condição, levando-o de encontro com a natureza que lhe é própria, para que a vida seja compreendida em sua simplicidade, que é ao mesmo tempo sua magnitude, e vivida serenamente, percorrida alegremente. Os males, os horrores, as crueldades que a ganância dos homens trouxe e traz para o mundo e para suas próprias vidas, são tão evidentes e chocantes, hoje, como foram para Epicuro em seu tempo. Ante a toda vida desperdiçada, ante todo sofrimento gratuito e evitável, o que Epicuro fez foi voltar seus olhos para a beleza que há em viver, e compartilhar a sabedoria que seu espírito sereno logrou transformar em uma vida prazerosa.

²²⁹ ENOANDA *in* GUAL, 2016, 113, p. 73, tradução nossa.

²³⁰ MELLI, 1922, p. 76, tradução nossa.

O filósofo, que dizia sentir-se satisfeito com pão e água, não estava interessado em fazer com que alguém assumisse uma vida austera e sofrível. Estava, isso sim, clamando para que a vida não fosse renunciada em nome daquilo que nada lhe agrega, aprisionada em ideais sem sentido, submetida a uma existência pobre, mesmo que cheia de adornos. Por reconhecer a preciosidade que há em viver é que Epicuro convida à vida simples e serena. Mas, para viver serenamente é necessário que o vivente, antes de tudo, faça-se ciente de sua condição natural e finita, não por qualquer outro motivo senão para que sua vida não seja desperdiçada. O sábio epicurista compreende seus desejos e combate aqueles que se opõe à sua realização prazerosa porque sabe que deseja, antes de tudo, viver bem a vida que possui. E é para bem viver, é para colher seus dias de forma serena e prazerosa que o sábio orienta toda escolha e toda recusa em função das necessidades de sua natureza: é só então que ele se faz, mais do que um mero conhecedor de sua condição, realmente sábio, finalmente virtuoso.

3.3. DAS VIRTUDES E DA MAIOR DELAS: A *PHRÓNĒSIS*

“Nenhum sábio é mais sábio que outro”²³¹, registrou Diógenes Laércio nas páginas em que se dedica a descrever e caracterizar o sábio epicurista. Se a sabedoria consiste em bem viver a vida que possui, então o sábio haverá de ser sábio de si mesmo, e sua sabedoria não se expressa apenas pelo tanto ou pelo que pode conhecer, mas, sobretudo, pela forma com que efetivamente vive. “O filósofo”, escreve Gual ao se referir ao epicurista, “não é só o buscador impenitente de uma sabedoria para a vida, senão aquele que sabe viver com o seu saber.”²³² Uma vez que cada um só pode viver a vida que possui, então, não há como um sábio ser mais sábio que outro, porque sua referência é ele próprio, já que é para sua própria natureza que ele deve se dirigir e conhecer de forma suficiente para poder orientar-se de forma a alcançar, para si, não para o vizinho, a vida prazerosa, a felicidade que dá gosto à vida.

É sempre para o humano em particular que a doutrina de Epicuro se dirige pelo fato óbvio de que é com a própria vida que naturalmente cada um deve estar comprometido em primeira ordem. É imprescindível, para o epicurismo, que o vivente reconheça e assuma, de fato, sua própria vida de forma a realizá-la prazerosamente, em consonância com sua natureza. Se não for assim, qualquer ideal ético, qualquer discurso, qualquer intenção ou formulação teórica está fadada ao fracasso: se cada um não vive de forma a realizar-se na vida que possui, então nada faz sentido. Se o amor à própria vida, expresso pelo reconhecimento

²³¹ LAÉRTIOS, 2008, Livro X, 120, p. 311.

²³² GUAL, 2002, p. 60.

de que ela é única, preciosa, e que não pode tardar a ser prazerosa, não estiver na base de qualquer empreendimento ético, então, do ponto de vista do epicurismo, ele é vazio, porque acaba exigindo o empenho da vida em função de algo que não é sua realização. Ora, se não é com a própria felicidade que o sábio deve estar preocupado em primeira ordem, com o que mais haveria de ser?

A ambição do projeto epicurista é que o vivente aprenda a usufruir de sua vida de forma prazerosa e serena, e é por isso que ele precisa reconhecer que é consigo mesmo seu compromisso primeiro e fundamental. Não por desconsiderar a importância do outro, do próximo, mas porque Epicuro compreende que os males que os humanos fazem contra a própria vida e da dos que lhe são próximos são frutos da ganância desmedida de quem não aprendeu a contentar-se com o suficiente, e que, então, não encontra a paz e a serenidade para viver prazerosamente. “Ocorre”, como comenta Spinelli, “que é em decorrência dessa serenidade e dessa paz que o humano estaria em condições de, em termos éticos, ser melhor.”²³³ A mensagem epicurista, portanto, não pode ter outro destinatário senão o humano em particular, porque é apenas a partir da natureza que lhe é própria e por seu próprio esforço que o vivente pode moderar-se e fazer sua vida prazerosa e, realizando-se, ter condições de agir moralmente da melhor forma.

É nesse sentido que qualquer ideal ou ideia de virtude que não faça referência ou não se destine à realização prazerosa da vida não pode servir ao projeto da vida sóbria que o epicurista assume. Não é virtude, para o epicurismo, o que não permite viver em harmonia com a natureza e prazerosamente o presente: apenas outra ideia vazia imposta ao ser pelo dizer. “Devemos apreciar a beleza moral, a virtude e os valores deste gênero se conduzem ao prazer, quando, no entanto, não conduzem, temos que mandá-los passear.”²³⁴ Há, nesta jocosa passagem de Epicuro, uma fundamental ideia para compreender o que é verdadeiramente uma virtude para o epicurista: primeiro, não há qualquer valor moral ideal que se sobreponha à realidade sensível do prazer, e, segundo e em consequência, uma virtude só é virtude pela utilidade prática que ela tem para a vida prazerosa. Logo, não há virtude em si, tal e qual não há um bem em si senão referenciado sempre ao prazer, que, por sua vez, só pode estar referenciado ao vivente e à sua natureza sensível. Em outra passagem, diz Epicuro, que: “é por causa do prazer que se elegend as virtudes, e não por si mesmas, como a medicina pela saúde.”²³⁵ A prática virtuosa não é a que ensina sentir prazer, porque isto todos nascem

²³³ SPINELLI, 2013a, p. 107.

²³⁴ USENER, 2007, fragmento 70, p. 291, tradução nossa.

²³⁵ Ibid., fragmento 504. p. 669, tradução nossa.

sabendo, mas a que permite usufruir moderadamente dos prazeres, para que a vida, tanto quanto possível, guiada por uma inteligência sóbria, possa ser prazerosa. No entanto, se as virtudes são eleitas pela vida prazerosa que podem proporcionar, toda ideia de virtude que não faça referência ao prazer, no ponto de vista do epicurismo, precisa ser abandonada, porque carece de sentido e justificativa, uma vez que não é possível conceber virtudes em si, em uma ética de bases materialistas.

Explica Gual que “a moral tradicional grega se fundamentava em certa cooperação e competição na vida pública e no culto do heroísmo e da glória”.²³⁶ Ora, já se disse o quanto para o epicurismo as honras e as glórias são desejos vãos, porque não se fundamentam em nenhuma necessidade natural do vivente. Para Epicuro, viver e morrer heroicamente por um ideal nada tem de muito prazeroso: o herói, ansioso pela glória, empenha sua vida e pode muito bem perdê-la inutilmente – porque desperdiçar a vida sempre será inútil, uma vez que causa nenhuma pode sobrepor-se à preciosidade que se encontra no simples viver. Mais que isso, o epicurista não está preocupado em competir e muito menos em ser aceito socialmente. Está, isso sim, preocupado em ser sábio de si mesmo e em bem cuidar-se para bem viver, mas não reconhece valor nenhum nos pódios ou nos louros da glória, do sucesso, do *status*, do poder. Como bem observa Gual: “com uma ética que não pretende a aprovação social, porque tem por base o prazer individual, toda essa vertente pública da moral resulta, com um só golpe, abandonada.”²³⁷ De toda forma, o caminho de Epicuro não é o do combate aos ideais, aos valores morais ou às virtudes que não se conjugam com o modo de viver que assume. Seu caminho é o da afirmação da vida que julga melhor, que não se dá combatendo os ideais de vida alheios, mas efetivamente vivendo o modo de vida que compreende ser o mais condizente com a natureza e com a razoabilidade humana.

Dizer que não existe virtude em si mesma não é dizer, de forma alguma, que se possa viver prazerosamente sem ser virtuoso. Significa apenas dizer que, uma vez que não é possível, para uma ética fundamentada nos pressupostos do atomismo, tratar de valores em si, a virtude só pode ser considerada enquanto prática que conduza à realização prazerosa: logo, jamais como algo valoroso em si mesmo, mas necessário e desejável por suas consequências práticas. “É impossível viver prazerosamente sem viver prudentemente, belamente e justamente, nem viver prudentemente, belamente e justamente sem viver prazerosamente.”²³⁸ O que Epicuro está dizendo é que, dado que a realização do humano está no gozo sereno dos

²³⁶ GUAL; ACOSTA, 1974, p. 56, tradução nossa.

²³⁷ Ibid., p. 56, tradução nossa.

²³⁸ EPICURO, 2013, Máxima Principal V, p. 21.

prazeres da vida, a virtude não pode descartar ou se opor a esta realização prazerosa, porque “se você não consegue ser feliz”, como explica Spinelli, “não conseguirá ser virtuoso, simplesmente porque a felicidade é o básico (o mínimo) que você carece para viver bem e assim realizar em si mesmo a sua condição humana.”²³⁹ No entanto, sem ser virtuoso tampouco pode o vivente pleitear a felicidade. A ideia de que não existem valores em si, no epicurismo, não deságua num mar niilista de negação e desprezo moral, mas, pelo contrário, numa ética que, por considerar a vida um bem precioso, anuncia seus valores e virtudes tendo por referência a realização prazerosa da vida. Ao reconhecer o prazer como o *télos* natural do homem, Epicuro jamais deixou de observar que a plena realização do humano não se dá apenas pela capacidade natural de sentir prazer, mas em conluio com a inteligência que reflete os impulsos, as afecções e os desejos, e, então, se faz suficientemente virtuosa para orientar as escolhas e as recusas de modo a garantir o prazer maior: o de estar vivo e satisfeito.

“Para Epicuro”, comenta Melli, “a virtude não tem valor em si mesma, mas enquanto é meio necessário e indispensável para a felicidade; o valor moral da virtude é precisamente seu valor eudemonístico.”²⁴⁰ É por isso que não se pode conceber, no epicurismo, uma virtude estritamente intelectual – como o faz Aristóteles – uma vez que toda virtude tem um fim prático bem definido: o da vida prazerosa, que em nada se assemelha com a vida orientada para amontoar prazeres fugazes. A virtude, para o epicurismo, é o meio pelo qual o humano harmoniza as necessidades de sua natureza com os propósitos de sua inteligência, não meramente enunciando intelectualmente um modo determinado de vida, mas vivendo as determinações de sua natureza com a liberdade de escolher a melhor vida facultável, que a inteligência prática proporciona. A virtude é, dito de um modo simples, o meio pelo qual o epicurista transforma todo o conhecimento adquirido de sua condição na vida prazerosa que anseia. Da mesma forma que a virtude do violonista não se resume a bem conhecer todas as técnicas e teorias que compõe o estudo do violão, mas se caracteriza e se faz perceber, precisamente, pela música bem executada a partir das possibilidades e limites do violonista e de seu instrumento; a virtude, para o epicurista, não se resume a conhecer as finalidades de sua natureza, em compreender seus desejos e em saber como deve orientar suas escolhas, mas, efetivamente, se mostra pela vida bem vivida a partir das determinações e possibilidades que são inerentes ao vivente. Se não há virtude em si mesma, logo, a virtude só pode ser concebida e expressa nas escolhas que proporcionam a melhor vida, no acolhimento e na recusa que não desperdiçam nem colocam em insegurança a vida que é o grande bem, e que,

²³⁹ SPINELLI, 2013a, p. 44.

²⁴⁰ MELLI, 1922, p. 69, tradução nossa.

por fim, permitem sua realização prazerosa. A virtude é a expressão prática da sabedoria, melhor dizendo, é a própria sabedoria prática. Eis porque ela ocupa o lugar central da ética epicurista e é inseparável da felicidade, que, por sua vez, pressupõe a prudência, a *phrónêsis*: a inteligência prática que se sobrepõe aos impulsos e que permite, mais que viver dispondo de prazeres, a vida prazerosa.

“A prudência [*phrónêsis*] é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que se originam todas as demais virtudes”²⁴¹, disse Epicuro. É claro que ele não está dizendo que a filosofia é preterível ou que ela não seja importante. A filosofia é importante e impreterível justamente porque é a partir dela que o sábio vem a se fazer prudente, vem a ser *phronimos*. Se a filosofia é o caminho da sabedoria, a *phrónêsis*, por sua vez, é a própria sabedoria, e, justo por isso, a mãe de todas as virtudes. A *phrónêsis* é a vivência do modo de vida que o epicurista escolhe, porque é a disposição inteligente, calculada e necessária, para fazer toda escolha e toda recusa tendo em vista a vida prazerosa, mesmo que, para isso, seja necessário em determinados momentos renunciar alguns prazeres e assumir algumas dores. Ao afirmar que a vida prazerosa é a realização do humano, o epicurista não se põe a serviço, simplesmente, de sua capacidade de gozar, mas se usa de sua inteligência para harmonizar-se com as disposições de sua natureza, sem negá-las e sem também se fazer escravo delas, para, com a liberdade possível, viver prazerosamente e não apenas disposto de eventuais e fugazes prazeres.

“Embora o prazer seja o nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis”²⁴². Se o epicurista compreende o prazer como o fim a que a natureza humana tende, e se admite, por princípio, harmonizar-se com sua natureza como a realização da vida sábia, como pode renunciar a algum prazer? Pois o prazer, há de se concordar, é sempre prazer, e, em si mesmo, não pode ser um mal. Ocorre que determinados prazeres, pelo que é necessário fazer para consegui-los ou pelas consequências que lhes acompanham, não são conformes à natureza porque trazem consigo uma quantidade enorme de perturbações: ocupam o vivente com demasiados serviços, atrapalham a vida, adoecem o corpo, agitam a alma. São os prazeres que colocam em risco a vida prazerosa que o epicurista precisa rejeitar, e sua virtude consiste justamente em ser prudente o suficiente para fazer suas escolhas tendo em vista o prazer necessário para bem viver, sem comprometer a vida com o que a desperdiça. Logo, para viver prudentemente, o vivente precisa compreender seus

²⁴¹ EPICURO, 2002, p. 45.

²⁴² Ibid., p. 39.

desejos, precisa controlá-los sem negá-los, precisa, mesmo sabendo que em si mesmo nenhum prazer é um mal, renunciar a alguns deles em função do prazer maior: o da vida prazerosa. Da mesma forma, em alguns momentos e circunstâncias, o sábio precisa se submeter e suportar determinadas dores e sofrimentos. Mesmo que por natureza a dor seja o mal, em determinados momentos, tendo em vista a vida prazerosa, o sábio escolhe a dor quando calcula e compreende necessário. Eis o que significa harmonizar as necessidades da natureza com as pretensões da inteligência: saber fazer toda escolha e toda recusa com vistas ao prazer maior, o da vida feliz.

A *phrónêsis*, comenta Lledó, “a inteligência prática, o cálculo das tensões e possibilidades de existência, que já havia ocupado os filósofos gregos, concretamente a Aristóteles, aparece em Epicuro, como importante contrapeso e continuidade à fugacidade da sensação e do prazer.”²⁴³ É interessante seu comentário como também o é o de Duvernoy, que caracteriza a *phrónêsis* como “sabedoria prática, ou prudência, ou pensamento correto sobre as consequências práticas das coisas.”²⁴⁴ Mas a prudência, como qualquer virtude, para o epicurismo, não se realiza apenas sabendo qual é a melhor escolha ou qual é a recusa necessária. Agir com prudência é, mais do que saber medir e calcular os prazeres e as dores tendo em vista a vida prazerosa, escolher efetivamente, no dia a dia, na vida cotidiana, o que privilegia esse modo de viver. O sábio não é, a rigor, aquele que sabe qual é a melhor vida, é o que vive a vida que julga melhor, a partir de um continuado exercício de sua inteligência prática.

Para o sábio, o difícil da vida não está em refletir inteligentemente sobre a consequência de certos prazeres, em descobrir qual é a atitude mais sóbria e que privilegia a vida serena, e sim, mais do que isso, em viver efetivamente segundo o que a inteligência prudente julga melhor. Difícil é transformar o conhecimento da melhor vida em vivência cotidiana, é reorientar os hábitos de uma vida descuidada em função de uma vida melhor vivida. “Livremo-nos completamente dos maus hábitos como se eles fossem homens maldosos que durante longo tempo nos tivessem prejudicado muito”²⁴⁵, escreveu o mestre dos jardins, para deixar bem claro que a vida prudente não é a que apenas descobre o melhor jeito de viver. A *phrónêsis* é tão importante para a ética de Epicuro porque ela representa efetivamente o abraço ao modo de vida que caracteriza o epicurista. Discurso não faz ninguém feliz, exceto por breves momentos, em palestras motivacionais ou nas igrejas

²⁴³ LLEDÓ, 1995, p.108, tradução nossa.

²⁴⁴ DUVERNOY, 1993, p. 75.

²⁴⁵ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 46, p.46.

espalhadas e adaptáveis a quase todos os gostos, bolsos e ouvidos. O que faz uma vida feliz ou desgraçada, excetuando o acaso do qual ninguém está livre e que é, por definição, instável e inevitável, são as escolhas que o vivente faz.

Redefinir escolhas que viraram hábitos, e que não se orientam pela vida prazerosa, não é um exercício rápido e não se aprende senão vivendo. É necessário estar bem disposto de si mesmo e conhecer-se suficientemente – eis a importância determinante da *autárkeia!* – porque é só a partir de si mesmo que o vivente pode aprender a moderação necessária e que lhe cabe. É por isso que a *phrónêsis* não pode ser ensinada e que Epicuro não compõe sua ética como um receituário cheio de ‘pode’ e ‘não pode’, porque é só o vivente, a partir do conhecimento de sua própria natureza e condição, e, sobretudo, da disposição alegre em bem viver a vida única que possui, que pode vir a contento moderar-se, a viver prudentemente, a encontrar o gosto de viver sem se entregar a qualquer prazer, também sem abdicar do prazer necessário para colher com felicidade o dia. É para harmonizar-se com sua natureza que o sábio precisa fazer-se prudente, jamais para se sobrepor a ela.

O cálculo dos prazeres e das dores de que Epicuro trata e que serve de referência ao sábio para agir prudentemente, é preciso também dizer, não deve ser compreendido da mesma forma que se compreende o cálculo das razões matemáticas. “É claro que, também na exatidão, aquele que dela abusa chegará à situação de quem se perde por imprecisão”²⁴⁶, adverte Epicuro. Ninguém viverá feliz se em cada pequena decisão de sua vida precisar parar e medir milimetricamente cada situação e circunstância: até em relação à prudência é necessário ser prudente. Se nem sempre é fácil renunciar a alguns prazeres e combater certos desejos, é em função de prazeres duráveis e de uma vida mais plena e feliz que o epicurista o faz. A vida prudente, para o epicurista, nada tem a ver com uma moral austera e repressiva, porque ela não intenciona forçar a natureza, mas harmonizar-se com ela. Não intenciona limitar os prazeres, mas ascender a uma vida prazerosa.

Neste sentido, a *phrónêsis* não representa o simples cálculo cotidiano dos prazeres que devem ou não ser buscados ou rejeitados, mas significa, antes de tudo, o modo de vida que o epicurista assume. Um modo de vida que intenciona viver a vida prazerosamente, sem desperdiçá-la nem ameaçá-la, porque reconhece que viver é um grande bem, e que os valores éticos são aqueles que tornam esse grande bem ainda mais valioso, porque permitem usufruí-lo prazerosamente. O grande sentido da ética de Epicuro é anunciar outro modo de vida, uma nova postura existencial perante si mesmo, em primeira ordem, e perante o mundo e os outros

²⁴⁶ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 63, p. 62.

em consequência, que permite o simples e sublime desfrute da vida única e efêmera que o vivente possui. A *phrónêsis* é a maior de todas as virtudes, a virtude da qual todas as outras se originam, porque ela representa efetivamente a vivência do modo de vida que para o epicurismo é realmente valioso, verdadeiramente virtuoso. Esse modo de vida, que se coloca fora dos ideais que não se justificam na natureza, que renuncia às honrarias, que não presta culto ao heroísmo, que não reconhece verdadeiro valor na glória, no acúmulo de riquezas e muito menos no poder, é que caracteriza fundamentalmente o que é agir com prudência, agir de modo a harmonizar-se, no ponto de vista do epicurismo, com a própria natureza. A *phrónêsis*, enfim, é realmente maior do que a filosofia porque ela é a vivência do modo de vida que a filosofia epicurista propõe e que o sábio – que só é sábio porque se fez prudente! – assume. Esse modo de vida, que encara a vida de frente, que a assume em sua efemeridade e imprevisibilidade sem deixar de reparar em sua beleza, que é prudente porque é sóbrio, é a grande edificação da filosofia de Epicuro: é a realização do projeto de sabedoria epicurista.

3.4. DOS MODOS DE VIDA E DA VIDA SÁBIA

O alegre e grato ‘sim à vida’ da filosofia epicurista, como se argumentou nestas páginas desde o princípio desta tentativa de compreensão do epicurismo a partir de suas razões, encontra no modo de vida que Epicuro propõe e efetivamente vive sua expressão mais honesta. Uma filosofia de vida que não pode ser efetivamente vivida, não obstante as boas razões, os acurados argumentos, os belos pressupostos que possa enunciar, está fadada ao claustro de um mundo ideal que não é este. A força imponente e inelutável da realidade sempre se sobrepõe aos ideais, sejam eles quais forem. Viver por grandes ideais, mesmo que pelos mais belos, é um caminho perigoso porque não demora a fazer com que o ser de carne e osso, finito e efêmero, esqueça de sua pequenez e empenhe sua vida em função de uma ideia, gaste seu tempo em função de tempos melhores que o alcance de sua limitada vida não é suficiente para ver. Viver por ideais é um bom motivo para morrer por ideias, e a história da humanidade está cheia dos mais variados e repetidos exemplos que não deixam essa afirmação ser desmentida.

Epicuro jamais se deixou seduzir por projetos filosóficos idealistas porque não pode deixar de reparar, por ter se libertado das ilusões de outro mundo, na efemeridade de sua condição, a mesma partilhada por todos humanos e por todos os seres que tiveram, tem e terão um dia vida. Foi na pequenez de sua condição que ele encontrou a preciosidade da mesma, na efemeridade da vida que logrou compreender seu absoluto valor, um valor que não pode ser

subjugado a ideia nenhuma, a causa alguma, a nenhum projeto filosófico ou em função de qualquer sociedade perfeita. De frente à realidade da vida, Epicuro não pode sobrepor a ela nenhum projeto ideal, porque justamente por compreendê-la preciosa e única é que decidiu não viver a vida em função de nada que não fosse ela própria, em direção a nenhum caminho que não fosse o da realização prazerosa do viver.

A vida não é valiosa porque é parte de um plano maior de um deus ou do universo, nem porque pode ser empenhada em função de um ideal de sociedade ou de humanidade, nem porque pode ser um caminho para um ‘além do homem’, para um super-homem. A vida é valiosa porque, para aquele que a possui, ela é absolutamente tudo. Logo, uma filosofia que se queira vivida deve fazer referência a esta vida, não deve sobrepor a ela qualquer ideia, não deve renunciá-la sob nenhum pretexto e não pode partir senão do humano de carne, osso, real, finito e peculiar. Deve, isso sim, ajudar o vivente a compreendê-la em sua realidade finita, em sua preciosidade instantânea, em seu sentido não transcendente, e apontar um modo de vida que lhe seja conveniente, que não desperdice a vida, mas que ajude a realizá-la, prazerosamente, no momento em que ela acontece. É para honrar e realizar a vida que Epicuro dá luz ao modo de vida que é a marca maior do epicurista, que é a realização de seu projeto filosófico: o lugar para onde toda argumentação, demonstração e reflexão filosófica se encaminha e se justifica.

Se Epicuro orienta seu projeto filosófico em função de um novo modo de vida é porque, obviamente, compreende que a forma como a sociedade e a cultura de seu tempo orientava a vida dos viventes estava equivocada. Mais precisamente, os valores sociais e culturais que orientam a vida para o acúmulo de riquezas, para a conquista do poder, para o culto à glória e às honrarias, são aqueles com os quais Epicuro não pode concordar. Para o mestre dos jardins, esses valores são vazios porque não correspondem a necessidades naturais do indivíduo, apenas o lançam em buscas intermináveis, em trabalhos repetidos que não podem fornecer uma vida prazerosa porque não são conformes à natureza. Não há prudência em viver a única vida que se tem orientando-se em função de buscas que nada agregam ao prazer de viver, que apenas desperdiçam os dias e comprometem a vida com um algo que nunca é o momento vivido. Para Epicuro, como comenta Gual: a sociedade era uma fábrica de opiniões vãs, que ameaçavam a alegria pessoal ao submetê-la à conquista da honra e da riqueza, ao escravizar a conduta humana em função de ideais competitivos que não traziam consigo nem o prazer do corpo nem a serenidade do ânimo.²⁴⁷

²⁴⁷ GUAL, 2002, p. 68, tradução nossa.

Não é necessário muito para perceber onde a ambição desmedida se conclui, onde a ganância dos homens levou a humanidade no tempo de Epicuro, porque não é diferente no tempo atual. Essa busca desenfreada, que não agrega mais vida a ninguém, mas que aprisiona o vivente e o compromete com valores vazios, termina por concluir-se em uma sociedade violenta, que tateia com a guerra, que ameaça a vida, que *desperdiça* tantas vidas. Mas cada vivente não tem mais do que uma vida para ser desperdiçada ou bem vivida. “Trabalha a raça dos homens em vão e inutilmente, e sempre em vãos cuidados consome sua idade”²⁴⁸, e por não encontrarem o prazer sereno que justifica sua busca e seu trabalho repetido, insuflam-se sempre de uma ambição maior, de uma ganância injustificável. A ambição daqueles que acreditam-se donos do poder, mas que igualmente desperdiçam suas vidas, a avidez dos que não se sentem aprazidos com o necessário e apenas se renovam em sua ganância insaciável, mais do que comprometerem sua própria existência a uma vida miserável, levam a sociedade, como um todo, a naufragar em desigualdades que negam o suficiente para tantos, que geram a violência que embrutece o mundo e redundam em guerras que, do tempo de Epicuro até hoje, nunca a humanidade foi capaz de se fazer livre. Ora, Epicuro, ciente da preciosidade de sua vida e da finitude que lhe é inerente, não teve outro caminho senão renunciar a estes ideais, senão se colocar fora deste jogo onde, no fim das contas, ninguém vence. É então que o epicurista se retira da multidão, porque não pode lhe fazer coro e muito menos viver segundo seus valores, uma vez que não há prudência em viver desrespeitando a vida, se o que se compreende por virtude é o que a faz prazerosa.

Escreveu Jean Brun que Epicuro “foi um homem que refletiu profundamente sobre a decadência e sobre as diversas formas de histerias coletivas.”²⁴⁹ Certamente, o fato de a humanidade não ter se libertado das histerias que ela própria cria e alimenta, é o que mantém a reflexão epicurista atual e necessária. Mas seu grande feito, no entanto, não se resume à compreensão dessas histerias, mas se expressa pelo modo de vida a que esta reflexão dá origem. Para assumir, contudo, um novo modo de vida, é necessário, primeiro, colocar-se fora desse jeito imprudente de viver, é preciso recolocar-se em um espaço mais propenso a colher de modo prudente a vida. São muitas as passagens em que Epicuro explicita a necessidade de se colocar fora do modo de vida a que a cultura de seu tempo submetia os viventes, mas ao convidar para que alçassem velas para longe da cultura que inspira a ganância²⁵⁰, é fundamental observar que, o filósofo dos jardins, não estava interessado em incentivar uma

²⁴⁸ LUCRÉCIO, 1973, Livro V, 1430-1435, p. 122

²⁴⁹ BRUN, 1959, p. 116.

²⁵⁰ LAËRTIOS, 2008, Livro X, 6, p. 284.

postura que se ocupasse em negar os valores da cultura dominante, mas, sim, que se permitisse viver os valores que se justificam na natureza humana.

“Libertemos a nós mesmos da prisão dos assuntos cotidianos e públicos”²⁵¹, diz Epicuro. O convite é para libertar a si mesmo, não para revolucionar a sociedade. O motivo é bastante claro: não desperdiçar a vida! Ora, que coerência haveria de ter uma filosofia que ambiciona o prazer de viver, que só pode ser conquistado e vivido pessoalmente, se convidasse e empenhasse o vivente numa luta que certamente não seria vencida em sua vida, mas provavelmente terminaria por negá-la, na tentativa de revolucionar a sociedade? O epicurista se coloca fora da busca pelo poder, ele não tenta conquistá-lo para empregá-lo de forma mais justa, porque não é apenas no dominante que Epicuro reconhece o erro, mas, sobretudo, no próprio jogo do poder que submete muitos a uns poucos. “Não eram apenas partes do sistema que lhe desagradavam”, explica Farrington, “o conceito do legislador, que tudo impregnava, o repelia.”²⁵² Eis porque é um mandamento, para o sábio, colocar-se fora da política: o modo de vida que Epicuro e os seus vivem não tem sua origem em uma manifestação ou intenção política, mas em algo muito mais profundo e existencial do que esse jogo a que os humanos, em geral, se submetem. Ante a ter de escolher entre um governante bom – caso fosse possível – e um mal, o que Epicuro faz é renunciar ao modo de vida e à organização social que institui a busca pelo poder e o domínio de uns sobre os outros.

Essa renúncia à política, bem como a todo ideário social que não se harmoniza com a vida prazerosa e que é expressa pelo clássico e polêmico, quando mal compreendido, *látthe biôsas* (viva recolhido), não tem origem na intenção de negar o modo de vida dominante da cultura, mas na necessidade de afirmar um novo modo de vida, vivendo-o. Ullmann, ao comentar sobre a postura epicurista frente ao poder instituído, diz que o que Epicuro permite ao sábio é aceitar e servir ao *basileús*, ao governante, mesmo que não de forma ativa.²⁵³ Ora, Epicuro, certamente, não estava interessado em contrapor-se de forma retumbante contra os donos do poder, primeiro, porque estava interessado em afirmar seu modo de vida, vivendo-o, ao invés de convencer ao governante e à multidão de suas razões; e, segundo, porque não seria prudente levantar-se contra o poder instituído, já que isso ameaçaria perigosamente a vida. No entanto, ‘aceitar e servir’ é o que há de mais distante a uma postura que, sem estardalhaços, afirma um novo modo de vida, que desconsidera a busca e o exercício do poder como valiosos para a vida prazerosa. É interessante o comentário de Quartim de Moraes ao

²⁵¹ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 58, p. 55.

²⁵² FARRINGTON, 1968, p. 85.

²⁵³ ULLMANN, 2006, p. 40.

assinalar que, no contexto de Epicuro, “desempenhar um papel político não era mais participar do poder coletivo do povo (*demokratía*) mas pôr-se a serviço do príncipe, trocar a dignidade do *cidadão* pela servilidade do *cortesão*.”²⁵⁴ Nesse sentido, colocar-se fora da política se conjuga menos com servir do que estando dentro dela. Mas o caso é que o rompimento de Epicuro é ainda mais profundo, porque não é propriamente contra o modelo político que o modo de vida epicurista de volta: é de toda busca pelo poder que o epicurista se coloca fora.

A ruptura é mais que política, é moral, porque Epicuro não reconheceu como realmente valiosos os valores que guiavam a sociedade de seu tempo. Ainda mais profundamente, é um rearranjo existencial, porque a doutrina epicurista anuncia uma nova forma de viver, uma nova forma de se relacionar consigo e com o mundo, com as vistas direcionadas à finitude e beleza da vida, ao prazer que há em viver mesmo quando não se tem muito, mas se dispõe do suficiente. O que o modo de vida epicurista anuncia é que a vida não tem no que se realizar senão nela mesma, e que, portanto, não se pode submetê-la a nada que lhe aprisione e desperdice, a nada que não se harmonize com a simples *joie de vivre*, que é, ao mesmo tempo, a preciosidade e a realização do vivente. O epicurista não se revolta contra a sociedade, não deseja negá-la: esse é o papel do cínico, em geral, que, para negar os valores instituídos, precisa se manter no convívio da *pólis* e ridicularizar os valores alheios – ridicularizando-se ao mesmo tempo. Mas, também, Epicuro não veste a roupa do reformador, do filósofo que pretende, metido na política, fazê-la mais justa, porque ele não idealiza uma sociedade perfeita. Como explica Gual, “Epicuro rechaça os extremos: se opõe ao ideal platônico do filósofo que sacrifica seu bem estar para ordenar a sociedade [...] e se opõe também ao desraigado total e à regressão ao mundo da animalidade e a desordem natural dos cínicos.”²⁵⁵ O que Epicuro efetiva é um modo de viver sereno, e é isto que faz da doutrina, nas palavras de Festugière, ser “menos um sistema de pensamento do que um sistema de vida.”²⁵⁶

A marca maior desta serenidade se encontra justamente no fato do epicurista afastar-se da multidão para poder viver segundo o que julga realmente valioso, sem, no entanto, abdicar dos preceitos de civilidade e justiça, sem incorrer em qualquer espécie de niilismo, deixando de cumprir seus deveres básicos de cidadão e de respeitar os pactos de justiça. Embora, como comenta Spinelli, “o que sob os pressupostos da ética foi posto por Epicuro em questão não é o desempenho cívico do cidadão ou do ‘indivíduo’ (*o em si mesmo*) humano em

²⁵⁴ MORAES, 1998, p. 61.

²⁵⁵ GUAL, 2002, p. 69, tradução nossa.

²⁵⁶ FESTUGIÈRE, 1963, p. 21, tradução nossa.

suas relações (ou correlações) coletivas, e sim o modo humano natural de ser”²⁵⁷, não significa que o epicurista, ao orientar sua vida em função da realização prazerosa de sua natureza, abdique completamente dos acordos sociais e da vida cívica. Ora, agir desta forma não seria, de modo algum, prudente, porque terminaria por ameaçar a segurança da própria vida, a colocar em risco justamente o bem que o sábio deseja não desperdiçar.

O afastamento do epicurista, expresso pelo *látthe biôsas*, não é uma negação da sociedade, não anuncia uma ruptura com os preceitos que permitem, mesmo que tropegamente, a sociabilidade humana. “O distanciamento do sábio”, como explica de forma muito cara Duvernoy, “não é um movimento de ex-centração, mas de re-centração; é preciso criar centros. É preciso, para ser, ser centro-para-si. É para centrar-se que a vida do sábio o conduz às periferias.”²⁵⁸ O sábio não nega os valores dos que não abraçam seu modo de vida, não se esforça por desautorizar o modo de vida que compreende não ser conforme a natureza, mas importa-se, sim, em viver sua vida de forma realmente valiosa e como compreende e sente ser verdadeiramente prazerosa. É por isso que ele renuncia a tudo que julga atrapalhar a realização da vida, mas não o faz com alarde para chamar a atenção do outro, faz vivendo efetivamente o modo de viver que considera valioso. O exercício do epicurista, uma vez mais cabe dizer, nunca foi o da negação, mas o da afirmação de um modo de viver sereno e prudente. É por isso que o sábio se retira dos jogos de poder, dos ideais de riqueza, da busca por honra e glória, e, para viver livre destes ideais que não se harmonizam com a vida prazerosa, ele se afasta da multidão. Mas o faz de forma silenciosa, cautelosa, mediada, e mantém apenas a distância suficiente para poder viver sua vida sem ser atrapalhado. Ele não se afasta totalmente, não coloca sua segurança em risco, não age imprudentemente. Viver recolhido não significa excluir-se, mas recolocar-se em um espaço propenso a vida prazerosa; não significa abandonar a sociedade, mas retirar-se, recolher-se para poder colher o dia orientado pelos valores que privilegiam o prazer de viver, sem cansar a vida com infundadas obrigações, com insensatas ambições, com imprudentes escolhas.

“O filósofo”, escreveu Diógenes de Enoanda, “não ambiciona o poder nem o reino de Alexandre”, porque ele compreendeu que “nem o prestígio público, nem a realeza, nem a riqueza são fundamentos do prazer”²⁵⁹. Se o epicurista sabe que a vida prazerosa não é aquela que se guia em função do que naturalmente não é necessário, e desta sabedoria logra um modo de vida simples, recolhido, atento e disposto das verdadeiras riquezas da vida, ele sabe,

²⁵⁷ SPINELLI, 2013a, p. 43.

²⁵⁸ DUVERNOY, 1993, p. 115.

²⁵⁹ ENOANDA in GUAL, 2016, 51, p. 73, tradução nossa.

também, que não é possível viver essa vida prazerosamente sem a segurança de manter-se vivo e de não ser prejudicado. É por isso que ele não apenas não renúncia aos acordos de justiça, mas os anuncia como necessários para a vida prazerosa. “Nunca houve justiça em si, mas nas relações recíprocas, quaisquer que sejam seu âmbito e as condições dos tempos, uma espécie de pacto a fim de não prejudicar nem ser prejudicado.”²⁶⁰ O que acontece é que, uma vez que numa ética de bases materialistas não se pode conceber valor em si, logo, a justiça também não é um algo em si, mas se expressa enquanto a prática virtuosa que garante a cada um o direito à própria vida, e anuncia o dever decorrente de cada um em não colocar a vida alheia em risco, justamente para preservar a sua. Se a *phrónêsis* é a virtude daquele que sabe escolher a vida mais prazerosa, então é dela que se origina a virtude da justiça, que não é mais do que a manifestação prática e virtuosa da intenção do vivente em manter-se vivo sem ser prejudicado. É importante notar que é a preciosidade que o sábio reconhece na própria vida que o leva a desejar mantê-la e não colocá-la em risco, e é justamente porque compreende o valor que tem a sua vida que ele reconhece também a preciosidade que tem a vida do outro, sem precisar imaginar a justiça como um ‘algo em si’ ou como mandamento de algum deus para poder agir justamente. A vida do sábio é justa porque ele ama a vida que tem e não precisa mais do que o suficiente para sentir-se aprazido com ela, então não a coloca em perigo agindo injustamente, e não tem a menor necessidade de se fazer um entrave para a vida alheia.

A ética epicurista, que tem por base o reconhecimento da preciosidade da vida, e que, em decorrência, reconhece verdadeiramente como valores morais apenas os que contribuem para a realização prazerosa do vivente, não se apresenta, no entanto, como uma tentativa de negar a moral dominante. O epicurismo renuncia aos valores que compreende vãos, não obstante, não rompe com os acordos indispensáveis a sociabilidade e com o bom senso que permite o convívio salutar entre os cidadãos. Comenta Morel que a moralidade epicurista “não é incompatível com as leis da cidade e não substitui a sociabilidade civil”, mas, antes disso, “marca os limites dela, lembrando que a alma sempre possui um abrigo, mesmo que seja no interior das cidades mais corrompidas.”²⁶¹ Interessa, ao sábio que compreendeu a finalidade da natureza e que não ignora a finitude da vida, usufruir-se de seu tempo prazerosamente e serenamente, não a empreendê-lo em revoltas que possam ameaçar sua segurança e comprometer sua vida. Embora essa postura possa ensejar interpretações do epicurismo como uma filosofia resignada ou que sustenta a inação política, é preciso compreender que a postura epicurista não é a do servo. A postura do servo, do resignado, é

²⁶⁰ EPICURO, 2013, Máxima Principal XXXIII, p. 55.

²⁶¹ GIGANDET; MOREL, 2011, p. 228.

aquela que dá sustentação a um modo de vida que lhe é imposto assumindo-o e vivendo-o. Ora, o sistema de vida do epicurista é justamente o oposto a este. É aquele em que o vivente se dá conta de sua condição e decide viver sua vida segundo o conhecimento que logrou do estudo de sua própria natureza, sem esperar aprovação do *senhor* ou os aplausos da multidão, porque se fez livre o suficiente para responsabilizar apenas a si mesmo pela própria felicidade.

Esse sistema de vida, embora fosse facultado a todos, independente da classe ou origem social, justamente pelo fato da mensagem epicurista se dirigir ao vivente em particular, e depositar sobre ele a necessidade de libertar-se e fazer de sua vida uma existência prazerosa, por definição, não pode ser tratado por revolucionário, se o que se compreende por revolução é uma mudança drástica da ordem social. Não é esse, inclusive, o objetivo de Epicuro: “Eu nunca tive a aspiração de agradar à multidão. Na verdade, o que eu sei não apraz à multidão, e o que lhe apraz, eu não sei.”²⁶² O que Epicuro faz, como comenta Gual, é desmascarar os falsos valores alienantes de uma sociedade aviltada e vã, mas é “só para a pessoa que decide seguir esse caminho [o do modo de vida epicurista] a que se oferece a possibilidade da libertação e da serenidade.”²⁶³

De toda forma, se Epicuro escreve seus livros e divulga sua doutrina, mesmo que não encene o papel do reformador idealista, mesmo que não se coloque a missão de converter toda a multidão ao modo de vida que prega, é porque deseja angariar, não propriamente seguidores, mas viventes dispostos a dar corpo e voz a um novo modo de viver. “Devemos lembrar-nos”, comenta Farrington, “de que ele não estava apenas elaborando uma teoria, estava fundando um movimento que visava a obter discípulos em todos os níveis culturais”.²⁶⁴ É certo que o epicurista se afasta da multidão para poder viver segundo os valores que reconhece na natureza, sempre referenciados ao prazer de viver; também é fato que o abraço ao modo de vida para o qual a doutrina dá gênese e justifica só pode ser feito individualmente, mas disso não decorre que o sábio se afaste para viver sozinho. O sábio vive entre outros sábios porque compreende que a amizade é uma necessidade para a vida feliz, sabe que a amizade é o coroamento da vida prazerosa, porque a alegria de viver é potencializada quando compartilhada com aqueles a quem se ama.

²⁶² USENER, 2007, fragmento 187, p. 359, tradução nossa.

²⁶³ GUAL, 2002, p. 60, tradução nossa.

²⁶⁴ FARRINGTON, 1968, p. 127.

3.5. DA AMIZADE E DA VIDA PLENA

Conta Diógenes Laércio que Epicuro tinha tantos amigos que não podiam ser enumerados em cidades inteiras, que seus amigos vinham de todas as partes para vê-lo, que viviam com ele no Jardim.²⁶⁵ Certamente, a personalidade encantadora e afável, amistosa e afetuosa, que os relatos sobre o homem Epicuro registram, são suficientes para explicar tamanho apreço e quantidade de amigos, e também para testemunhar o quanto a amizade foi importante para o filósofo de Samos, em sua vida. Em seu projeto filosófico não poderia ser diferente, já que não é senão das próprias vivências que o filósofo parte para encontrar sua sabedoria, já que não é senão daquilo que efetivamente se vive, se experimenta e, sobretudo, se sente que uma filosofia que encontra seu critério de verdade na natureza sensível precisa partir. Talvez, não exista forma melhor de entender porque a amizade e o amor são importantes para a vida, necessários para a felicidade, senão se remetendo ao que individualmente se sente pelos amigos, pelas pessoas com quem se convive afetosamente, por aqueles com quem é possível viver reciprocamente os encantos do amor sereno. Não é tarefa fácil encontrar um argumento bem calibrado para explicar porque é que, embora a felicidade só se possa sentir particularmente, é difícil ser feliz sozinho, e, sobretudo, porque é que são muito mais intensos e plenos os momentos felizes quando é possível partilhá-los com os amigos, com os afetos, com os amores que a sabedoria permite bem conviver. De toda forma, não é com bons argumentos que se ganha amigos ou o amor de alguém, e mesmo que um argumento pudesse conter resolutamente essa explicação, não seria muito útil para aquele que naturalmente já não sente os prazeres do convívio amoroso e amigável.

“Toda a amizade deve ser buscada por si mesma, mas origina-se de seus benefícios”²⁶⁶, escreveu Epicuro. Ter com quem contar e estar seguro de poder contar com alguém nos percalços da vida, nas dores que inevitavelmente a existência reserva a cada vivente, embora em diferentes proporções, é certamente um dos benefícios mais confortantes da amizade. “Não nos é tão útil o que de útil nos proporcionam os amigos quanto a confiança de que poderão nos ser úteis.”²⁶⁷ A segurança resultante da confiança de não vir a se descobrir sozinho quando mais se necessita, é mais valiosa do que propriamente o auxílio nos momentos de necessidade, porque ela é constante, porque permite viver com maior serenidade, com menor preocupação. Mas, muito embora estes benefícios valiosos já sejam

²⁶⁵ LAÉRTIOS, 2008, Livro X, 9, p. 285.

²⁶⁶ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 23, p. 30.

²⁶⁷ Ibid., Sentença Vaticana 34, p. 37.

suficientes para argumentar em favor da necessidade da amizade, Epicuro diz que ela deve ser buscada por si mesma. Se deve ser buscada por si mesma é porque, não obstante os muitos benefícios que pode proporcionar, ela é valiosa em si mesma, constitui um fim em si mesma, tal e qual a felicidade, que não se deseja em função de outra coisa senão para ser feliz. “O que caracteriza profundamente esta amizade”, diz Festugière ao tratar da amizade segundo o epicurismo, “é que ela não constitui somente um meio, como na Academia, senão um fim em si mesma.”²⁶⁸

É importante destacar que a *philía*, para o grego, não tem apenas o sentido restrito de ‘amizade’ como a relação amistosa cultivada entre indivíduos, mas é uma das palavras usadas para designar o amor, não no sentido da paixão amorosa, mas o amor familiar, fraterno. Como explica Spinelli, o verbo “*philéô* indica, inerente à ação de voltar-se em direção a alguém ou alguma coisa, um afeiçoamento em sentido positivo, mais propriamente um sentimento bom, terno, amoroso, sobretudo anímico, não, a rigor, corporal.”²⁶⁹ Cabe apenas reforçar, portanto, que quando Epicuro trata da *philía*, está se referindo a todo universo de relações que contém reciprocamente um sentimento amoroso, em um sentido familiar, fraternal, independente de laços consanguíneos. Disto, tratar *philía* como amizade ou como amor é indiferente, desde que não se compreenda esse amor em sentido passional, erótico ou estritamente físico; e não se considere a amizade como uma simples relação amistosa cultivada com vistas a interesses individuais, porque Epicuro está se referindo a um sentimento amoroso, não apenas a um acordo de interesses mútuos. Mas a questão ainda é entender porque é que a amizade ou amor constituem um fim em si mesmo, para depois se tratar do por que a *philía* é escolhida por Epicuro como a grande referência ética para as relações humanas e para o convívio prazeroso.

A dificuldade em explicar porque é que a amizade constitui-se em um fim em si mesma, é a mesma de explicar porque o prazer tem seu fim em si mesmo, porque o prazer se deseja por ele mesmo e não por algum outro benefício que possa proporcionar. Não é necessário muito mais que já ter sentido prazer para bem compreender que seu fim é ele próprio. Não é necessário, do mesmo modo, mais que ter amigos, mais que sentir amor por alguém, para saber que o fim deste sentimento não é outro senão ele mesmo. Um pai não ama o filho senão porque o ama, e basta que o ame para saber que este sentimento não tem outro fim que não seja ele próprio. Embora haja dificuldade de traduzir em palavras, as sensações e sentimentos daquele que ama são suficientes para fazê-lo bem compreender esse ‘fim em si mesmo’. Isso porque há uma ligação direta entre a posse da amizade, entre o convívio

²⁶⁸ FESTUGIÈRE, 1963, p. 24, tradução nossa.

²⁶⁹ SPINELLI, 2013b, p. 118.

amoroso e o prazer de viver: porque esse prazer de viver não pode ser pleno se o sábio vive solitário. “A amizade não pode ser forçosamente separada do prazer e deve ser cultivada precisamente por este motivo: porque, sem ela não é possível viver seguro e livre do medo, nem sequer seria possível viver alegremente.”²⁷⁰ A amizade e o amor são necessidades para o epicurista – como se não fossem para todo o humano! – porque são fontes do prazer de viver, porque não é possível ser feliz sozinho, muito embora a felicidade do sábio não dependa senão dele mesmo.

A aparente contradição dessa última afirmação não é tema novo na doxografia epicurista. Ao mesmo tempo, nas palavras de Duvernoy, a amizade é “uma característica da vida efetivamente vivida pelos epicuristas, desde a Antiguidade, reconhecida como traço maior do modo de filosofar dessa filosofia.”²⁷¹ Compreender de que forma todo o trabalho individual que o epicurista desenvolve a partir de si mesmo, e para si mesmo, termina por se concluir na vivência da amizade como o coroamento de sua ética, não é possível se não se considera e se não se conhece o prazer que há em compartilhar deste sentimento amoroso de que trata a *philia*, que não salva o vivente de sua solidão inelutável – porque não há como viver senão consigo mesmo até o último suspiro – mas que lhe salva de viver solitário. Em termos estritamente lógicos, de fato há uma dificuldade em compreender como a amizade, de repente, se apresenta para o modo de vida epicurista, não apenas como um simples adendo, mas como ponto alto e marcante de sua ética. Ao considerar os desejos naturais e necessários, Epicuro não faz menção alguma à amizade como uma necessidade da natureza. Da mesma forma que não há em todo desenvolvimento da *autárkeia*, exercício básico para o sábio epicurista em que lhe é requerido fazer-se suficiente para si mesmo, nada que possa levar a concluir que a amizade é uma necessidade. Além do mais, diz Epicuro que “o sábio não sofre mais quando é torturado do que quando seu amigo é submetido à tortura.”²⁷² Logo, mais que sofrer as dores que a vida eventualmente lhe apresenta, o sábio está sujeito a sofrer também a dor do amigo: nesse sentido, parece haver na amizade mais tormento do que ganho, e, se for lida com lentes estóicas, essa máxima facilmente soaria como um convite a correr para bem longe do amor que traz para si a dor do outro.

Duvernoy comenta que “a história do pensamento ético não carece de exemplos que propõe cultivar a solidão: é certo que o epicurismo teria podido, considerando seus princípios,

²⁷⁰ USENER, 2007, fragmento 541, p. 693, tradução nossa.

²⁷¹ DUVERNOY, 1993, p. 124.

²⁷² EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 56, p. 53.

pertencer à corrente do solipsismo prático.”²⁷³ Talvez, de fato, pudesse mesmo, o epicurismo, dado alguns de seus pressupostos, ter assumido uma postura diferente da que assumiu. Mas então Epicuro teria de não ser Epicuro, porque o mestre dos jardins, justamente por ter mantido os pés no chão e os olhos voltados para a beleza que há em viver, não poderia ter renunciado o prazer que existe em amar e em receber amor. Como interroga belamente Spinelli:

[...] perante a afirmação corriqueira (comum entre os estóicos) de que o amor não comporta nenhuma *utilidade* caberia, enfim, perguntar: mas, e a felicidade (a satisfação, a alegria, o deleite) que o amor proporciona não conta nada? Será que alguém ama o outro pelo outro só para sofrer?²⁷⁴

Não é inoportuno dizer uma vez mais que a postura fundamental do epicurista não é a daquele que simplesmente se prepara para não sofrer, mas a postura que enxerga uma preciosidade em viver e então não se esconde da vida, então se prepara para viver da forma mais prazerosa, com o prazer mais contínuo, porque não concebe a vida como um fardo a ser suportado. Toda a preparação do sábio, que se dá a partir e para si mesmo, não anula, de forma alguma, os interesses da amizade. Muito pelo contrário, é só porque o sábio é sábio de si mesmo que ele está efetivamente em condições de bem conviver, sem onerar o outro com cuidados que não cabem, senão ao vivente, ter por si mesmo, e que só ele pode vir a contento proporcionar-se. O sábio não se treina para não sofrer: o sábio se aproxima da vida em comum que a amizade proporciona porque ela é prazerosa e torna sua vida plena. Quanto às dores que inevitavelmente a vida apresenta, é reconfortante ter com quem contar. Quanto às dores que o amigo sofre e que o sábio sofre junto, mais do que encerrarem definitivamente as discussões vazias sobre um possível egoísmo na filosofia epicurista, constituem um importante aspecto da moralidade vivida no jardim, porque anuncia o compromisso que o sábio tem com o amigo.

Lucrécio diz que foi “pelo desejo que tinham de não se prejudicar nem de usar de violência uns contra os outros”²⁷⁵ que os primeiros vizinhos se aproximaram e que então surgiu a amizade. É verossímil supor que os sentimentos de amor e amizade tenham surgido em decorrência da aproximação dos humanos em função de se acordarem em um pacto de justiça. Mas disso não decorre que a amizade seja compreendida, no epicurismo, como uma espécie de contrato: embora não exista amor sem reciprocidade, imaginar que sentimentos desta ordem possam ser calculados e estabelecidos de forma contratual é uma coisa

²⁷³ DUVERNOY, op. cit., p. 117.

²⁷⁴ SPINELLI, 2011, p. 21.

²⁷⁵ LUCRÉCIO, 1973, Livro V, 1020-1025, p. 117.

absolutamente insolente com a própria natureza do amor. “A amizade é outra coisa completamente diferente: ela não é contratada, sendo mais essencial do que o cálculo”²⁷⁶, comenta Duvernoy. De toda forma, julgar se Epicuro compreende ou não a amizade e o amor como necessidades naturais do vivente é uma questão de segundo plano, porque está bem dito que ele considera, para o modo de viver epicurista, a amizade como uma necessidade, e é isto que interessa compreender e que caracteriza fundamentalmente o movimento epicurista.

A prova de que a amizade é uma coisa completamente diferente de um simples acordo mútuo de cooperação é o fato de que, dentro das comunidades epicuristas, a amizade é o fundamental valor moral regulador das relações, enquanto os pactos simples de justiça servem para regular a sociabilidade com os de fora de jardim. O sábio não é apenas justo com seus amigos, ele sofre por eles, vive com eles, sente prazer com eles, e, embora cada um seja responsável pela própria felicidade, o sentimento do amor faz com que ele se sinta responsável também pelo amigo. Não é por um ‘outro’ qualquer, é claro: é por aquele com quem convive, por aquele com quem compartilha seus dias que o sábio sente amor. No modo de viver epicurista, a amizade está acima da justiça, e serve muito mais aos interesses da vida prazerosa do que qualquer idealismo político: o amigo é justo, mas é muito mais do que isso. Era uma sociedade regulada pela amizade e pelo amor recíproco, que Epicuro imagina a que melhor condizia com o viver prazeroso e que são a marca maior do movimento epicurista. De toda forma, embora o movimento estivesse ao alcance de quem dele quisesse compartilhar, justamente por ter a amizade como o fundamento do convívio, é que acabou se destinando somente aos poucos que quiseram, livremente, ao modo epicurista, se dispor colher seus dias. Ora, amizade não pode ser forçada, ninguém é amigo por decreto!

Como comenta Farrington, “para os epicuristas a cura para os males da época não era uma volta à natureza, mas à natureza humana, definindo-se essa por sua posse, no grau mais elevado, da capacidade de amizade.”²⁷⁷ O entusiasmo com que Epicuro convida à amizade expressa de forma suficiente o quanto o filósofo dos jardins acreditava na força que o amor recíproco, entre viventes bem cuidados por si mesmo, tem para inspirar um movimento, um modo de vida diferente daquele dos dominantes e dominados, que não precise da força e da violência para se manter, mas que nos finos tratos do amor permita a cada um a plenitude da felicidade: “a amizade conduz sua dança pelo mundo inteiro, convidando todos nós a despertar para a celebração da felicidade.”²⁷⁸ É então que a filosofia que anunciou um

²⁷⁶ DUVERNOY, 1993, p. 125.

²⁷⁷ FARRINGTON, 1968, p. 37.

²⁷⁸ EPICURO, 2014, Sentença Vaticana 52, p. 50.

universo sem sentido superior a ele próprio e em nada teleológico; que chamou a atenção para a finitude da vida e para a falta de qualquer sentido transcendente para o mundo e para o vivente; que se contrapôs a qualquer ideia de valor em si mesmo e a todo projeto ideológico que pretendesse se sobrepôr a casual existência e a única e sensível realidade; ascende a um humanismo sóbrio e sereno, que tem na amizade e no amor recíproco sua referência máxima. É um humanismo, como comenta Hirschberger, que “conhece muito bem as incertezas dos homens e da vida, supera-as, porém, por acreditar, ainda mais fortemente, nesses mesmos homens e nessa mesma vida”.²⁷⁹

O peculiar humanismo de Epicuro permite, por suas bases atomistas, reconhecer todos a partir de sua comum insignificância em relação ao *todo* e, em decorrência, anunciar que nenhuma vida é mais valiosa do que outra, independente de origem, cor, gênero, ou qualquer outra característica que os humanos coloquem como referência para se dividir. Logo, não há fronteira que se justifique “porque, segundo uma e outra divisão particular da Terra”, escreve Diógenes de Enoanda, “a pátria é uma para uns e outra para outros; mas na perspectiva total deste universo a pátria de todos é uma só: a Terra inteira, e uma só família é todo o universo.”²⁸⁰ O que há de peculiar e de grandioso na perspectiva humanista em que a ética de Epicuro se conclui, é que não são necessários valores absolutos e universais, e nem justificativas intermináveis para sustentá-los, porque toda a perspectiva ética epicurista não parte de outro lugar senão da vida de cada um, e é na vida que possui que o epicurista reconhece os valores de que necessita. É claro, não há como obrigar ninguém a ser ético, não há como coagir ninguém a assumir um sentimento e uma postura humanista respeitosa, primeiramente, com a vida que tem e, depois, com os amigos, com os outros e, por fim, com o mundo. A grande vantagem, no entanto, é que o epicurista não precisa convencer o mundo de que está certo para poder viver segundo os valores que julga realmente grandiosos, porque a ética de Epicuro tende e intenciona à realização individual, já que compreende que sem que o vivente se realize plenamente na vida que tem, qualquer projeto ético se encontra fadado a figurar na história do pensamento, mas não na vida dos humanos. Ora, um projeto de sabedoria que se queira vivido só pode se direcionar à primeira pessoa do singular, não sendo assim, não tarda em transformar qualquer valor moral em moralismo.

Viver serena e prazerosamente entre amigos é a conquista máxima da sabedoria do epicurista, é a grande conquista do sábio. Mas este sábio não é um ser superior, não é um messias, também não é o monge retirado e conselheiro, nem o grande filósofo que anuncia a

²⁷⁹ HIRSCHBERGER, 1965, p. 296.

²⁸⁰ ENOANDA *in* GUAL, 2016, 30, p. 47.

derradeira filosofia, nem o Zaratustra que depois de seu retiro vem anunciar-se aos homens. O sábio é sempre sábio de si mesmo, sábio da própria vida, e por isso mesmo pode ser qualquer vivente. A sabedoria de Epicuro não é para seres iluminados, divinos, prodigiosos. É para o homem comum – e qual não é? – que deseja e se dispõe a realizar-se prazerosamente na vida. Há um caminho, para o sábio, certamente, que precisa ser assumido e caminhado com as próprias pernas. O sábio compreende sua natureza e se harmoniza com ela. Compreende que a vida é só uma e é finita, e de sua condição retira as conclusões existenciais necessárias para o abraço amoroso à sua vida. O sábio reconhece a preciosidade que a vida tem, e então decide viver da melhor forma, da maneira mais prazerosa seus dias. Compreende que o prazer maior é o de viver serenamente, satisfeito e bem cuidado, e renuncia a todos os valores vazios, a tudo que se coloca como um empecilho à realização prazerosa da vida. O sábio se faz suficiente a si mesmo para poder se fazer livre de tudo que aprisiona seus dias, que lhe rouba o tempo de vida sem lhe acrescentar nada que não sejam renovadas ocupações e serviços. O sábio se retira dos assuntos da multidão, abandona os jogos do poder e todos ideais sem grandeza. O sábio se faz prudente para poder bem colher seus dias sem desperdiçá-los: vive bem o hoje sem comprometer o amanhã. O sábio, por fim, se retira parcialmente da cidade para poder viver sua vida sem prestar reverência ao modo de viver inspirado pela ganância, mas não o faz sozinho, embora o faça única e exclusivamente por sua conta. O sábio vai viver entre outros sábios, deles vai se fazer amigo, com eles vai brindar a vida. No pequeno universo de suas relações vai criar um microcosmo, que frente ao acaso do universo, à histeria coletiva da sociedade corrompida da qual se afasta, o amor vivido sabiamente faz surgir. Eis, então, a realização: a vida plena, feliz, bem cuidada, harmonizada com a própria natureza e compartilhada amorosamente com aqueles a quem se escolhe viver por perto. É esse o resumo e o grande objetivo da filosofia de Epicuro, o filósofo do Jardim que fez da vida que viveu o maior exemplo da doutrina a que deu vida, que renunciou a todo vó metafísico, a toda ilusão de outro mundo, a todo idealismo transcendente, e que manteve seus pés bem fixados no mundo que existe porque encontrou nele todo o suficiente para bem viver a vida.

No fundo, o projeto epicurista é um convite a uma vida simples e serena, que se faz grandiosa quando se reconhece em sua modesta e finita condição. É um convite à beleza do mundo, à alegria dos dias, ao amor compartilhado, às grandes e acessíveis riquezas da vida que passam facilmente despercebidas quando se vive em função de um depois que nunca chega, de um desejo que nunca sacia, de um modo de vida que não considera a preciosidade que é poder viver e estar no mundo. O óbvio é sempre o mais difícil de reparar. Em tempos de um consumismo desenfreado, de buscas inescrupulosas por riqueza, de religiosidades

perversas, de disputas mesquinhas e horrendas pelo poder, de guerras intermináveis e de outras latentes, de ganâncias insaciáveis que todo dia demonstram nas violências e crueldades dos mais variados tipos a capacidade humana em deixar mais feio o mundo, a filosofia de Epicuro se mantém tão valiosa e necessária como o foi em sua época. Parece, aliás, pela atualidade de suas reflexões, que não está distante a quase dois milênios e meio destes dias. Sua mensagem, no entanto, é revigorante: mesmo em tempos nefastos, a alegria do dia está sempre ao alcance, porque a vida, esse milagre casual e sem deus, para quem aprende a amá-la em suas efemeridades e incertezas, é a maior de todas as riquezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta Dissertação procuramos apresentar o projeto de sabedoria de Epicuro relevando, predominantemente, as conclusões e as consequências determinantes da compreensão da natureza humana, que o atomismo e a perspectiva sensualista do conhecimento proporcionam, nos moldes desta filosofia, para o modo de vida que o epicurista assume. Antes disso, procuramos argumentar que esse modo de vida, por se tratar de um projeto de sabedoria que intenciona a vida prazerosa, precisa ser compreendido em sua unicidade. Nenhum dos postulados, pressupostos e conhecimentos da *física* e do *cânon* concebidos por Epicuro têm seu fim em si mesmo, e sim na vida prazerosa, mediante a qual cada um pode e deve construir seu bem-estar, realizar sua humanidade e vivenciar as disposições de sua própria natureza.

O estudo da *física*, propriamente, fornece ao epicurista uma série de conclusões a respeito do *todo* e, sobretudo, em relação à condição humana. O atomismo epicurista, inspirado no de Demócrito, mas reformado segundo a conveniência do projeto de sabedoria que Epicuro propõe, é assumido para dar sustentação à ética. É deste atomismo que Epicuro logra compreender a natureza do *todo* e anunciar, por um lado, que tudo o que existe é composto por átomos e vazio, e, por outro, que não existe nenhum ser superior criador e ordenador do mundo: não há nenhum deus e também nenhuma providência que organiza, impulsiona ou garante algum sentido superior para a existência. Ao assumir que o *todo* é e sempre será, Epicuro se coloca fora de qualquer perspectiva teleológica ou de um ato criador para o *todo* e, conseqüentemente, para o humano, que não é mais do que um composto atômico destinado, na dança eterna dos átomos, a se decompor em algum momento.

É a partir de seu atomismo que Epicuro pode realizar um dos grandes intentos de sua filosofia: o de libertar-se das ilusões mitológicas, religiosas e teleológicas que impedem de ver a vida em sua realidade finita e material. Nada ocorre no universo senão por causas materiais. Não um há deus ao qual prestar contas, para o qual pedir socorro ou ao qual se deva temer. Também não há um inferno para pagar pecados e nem um paraíso para ser recompensado. É, também, a partir de seu atomismo que Epicuro logra compreender um dos fundamentos determinantes do modo de vida que assume: o da mortalidade da alma. Muito mais do que anunciar que não há o que temer na morte – posto que ela decreta apenas a supressão de toda sensibilidade – Epicuro afirma e assume as consequências práticas da ideia de finitude em seu modo de vida.

Epicuro pressupõe como necessário vencer o medo de morrer e reconhecer que a vida é única, imprevisível e de tempo limitado, para aprender a bem viver. É a partir desta clara e sóbria compreensão que o epicurista assume o propósito de bem viver o instante, de colher o dia prazerosamente, de fazer-se satisfeito com o suficiente para bem viver o momento. Ora, se não há um sentido superior à própria vida, se não há outra vida além da única vida que a cada um é facultada, e por tempo limitado, e se não há no que se realizar para além de si mesmo, então, do ponto de vista do epicurismo, não resta o que fazer senão assumir essa vida única e vivê-la de modo mais prazeroso possível. Não, todavia, ao modo dos dissolutos, e sim, prudentemente, em consonância com as disposições e necessidades da própria natureza, em favor de uma vida aprazível, vivida com serenidade e paz.

Aqui encontramos uma das marcas mais importantes e determinantes do pensamento de Epicuro: frente à realidade indeterminada do mundo, aos desatinos de seu tempo, ao acaso do universo, a toda falta de teleologia e, sobretudo, frente à compreensão da própria finitude, não é com pessimismo ou desespero que ele assume a vida. Pelo contrário: é porque a vida é única e limitada que ela se apresenta valiosa, e, então, precisa ser assumida de forma comprometida e amorosa, afirmada em seu enquanto para não ser desperdiçada. Não desperdiçar a vida, para o epicurista, significa vivê-la prazerosamente na única forma em que ela se apresenta: um dia por vez.

Ainda em relação ao atomismo de Epicuro, há uma consequência ética importante a ser relevada: a interpretação atomística, por reconhecer que todos os humanos compartilham da mesma condição finita, que são todos compostos da mesma matéria e gozam do mesmo nível de insignificância frente ao universo, precisa considerar que são infundadas todas as categorizações e preconceitos que subjuguem uns em relação aos outros. Dito de forma simples, todos os humanos estão sob o mesmo guarda-chuva existencial, e não há nenhuma referência na natureza que possa justificar que uma vida é mais valiosa que outra. É importante lembrar que o Jardim de Epicuro estava aberto para quem quisesse entrar. Na comunidade epicurista as distinções de origem, gênero, classe, condição financeira, ou qualquer outra característica que os humanos usam para instituir suas fronteiras e fomentar seus renovados preconceitos, não eram consideradas porque, sobretudo, havia uma consideração anterior: a de que todos são finitos e constituídos por átomos de igual valor e significância em relação ao universo. Mais que isso, ao se perceber disposto de uma vida finita e limitada, o epicurista compromete-se prioritária e amorosamente com a própria vida, ao mesmo tempo em que, justamente por desejar viver, reconhece que a vida é o que cada um

tem de mais valioso, e, sobretudo, que ninguém pode sobrepor-se ao direito absoluto de cada um sobre sua vida.

O último ponto que destacamos em relação ao atomismo de Epicuro diz respeito propriamente à reforma que Epicuro promove nas teses de Demócrito, ao considerar o desvio espontâneo dos átomos. A tese do *clinámen* é fundamental para negar o determinismo em que o atomismo de Demócrito se concluiu. Em relação ao epicurismo, uma filosofia predominantemente propositiva, essa tese é fundamental para justificar a liberdade suficiente de *escolher* um modo de vida. É uma liberdade mediada, evidentemente, porque considera a condição humana em sua natureza e que tem por exigência reconhecer, nessa mesma natureza, os limites e as determinações que lhes são inerentes. Mas é a liberdade de escolher um modo de vida, a partir do conhecimento de si mesmo, que Epicuro deseja salvaguardar e que é negada nas interpretações deterministas do universo. Cabe lembrar que, para o epicurismo, a liberdade de viver prudentemente tendo em vista o maior prazer, depende do exercício da *autárkeia*, no que cabe ao vivente, em sentido externo, libertar-se das ilusões e do modo de vida da cultura que não se justificam nas necessidades da natureza, e, em sentido interno, fazer-se suficientemente comprometido e cuidadoso consigo mesmo, para não viver feito uma marionete em relação aos próprios desejos.

Quanto aos postulados do *cânon* de Epicuro é necessário destacar, em primeira ordem, que a admissão das sensações como critério de verdade são uma consequência das afirmações do atomismo. Se nada além de átomo e vazio existem, embora não se possa ver nem um nem outro, é possível ver os corpos compostos por estes átomos, é possível tocá-los, ouvi-los, senti-los. Os sentidos se apresentam como a via de comunicação do humano com o mundo e, conseqüentemente, como o princípio de qualquer conhecimento em relação ao universo e a si mesmo. Admitir as sensações e sentimentos como critérios de verdade não significa dizer que o conhecimento dependa exclusivamente das sensações. Significa assumir, primeiro, que as sensações e sentimentos fornecem os dados sensíveis para que a inteligência tenha de onde partir, na intenção de compreender e inferir a respeito do mundo e da própria vida. Se as sensações são o critério de verdade, significa, também, que toda elucubração racional precisa voltar às sensações e se justificar na realidade sensível do mundo. Ora, num universo composto apenas de átomos e vazio, não é possível considerar a existência de qualquer valor em si mesmo. O *cânon* e a *física* se completam mutuamente e, nesse sentido, impedem qualquer voo metafísico, qualquer empreendimento da razão que se sobreponha à realidade sensível. Em relação à ética, a consequência básica é a admissão de que não existe nenhum valor em si mesmo, nenhuma virtude em si mesma, nenhum conceito ou ideal que possa

sobrepôr-se à natureza. É por isso que Epicuro não concorda com modelos éticos idealistas e propõe uma ética materialista, fundada na realidade do mundo, justificada nos domínios da sensibilidade e da inteligência prudente.

Não é em valores ideais ou em verdades metafísicas que Epicuro encontra a referência para guiar-se em busca da realização possível da vida. Se a existência não tem no que se realizar senão nela própria, então não é senão à própria natureza que é necessário dirigir-se para encontrar essa referência. Qual poderia ser a expressão maior da natureza do humano senão seu corpo? A revalorização do corpo que o epicurismo promove é uma consequência das teses atomistas e dos pressupostos do *cânon*. O corpo é tudo porque é a própria vida. Há no corpo a carne e alma, mas o corpo mesmo é uno e a vida existe apenas enquanto o corpo se mantém. Então, não é senão o próprio corpo, nos tratos de sua sensibilidade, que, naturalmente, ensina as referências de toda escolha e recusa: o prazer e a dor.

O hedonismo de Epicuro, como repetidamente argumentamos no decorrer deste trabalho, anuncia que o prazer é a *arché* e o *télos* do humano, mas não propõe a orientação da vida em função de qualquer prazer. Não é mirando um amontoado de prazeres que o epicurista assume seu modo de vida, e sim em direção à *vida prazerosa* que ele orienta sua existência. Prazerosa é a vida daquele que é capaz de fazer-se satisfeito, de reconhecer a alegria que há em viver, de se aprazer com os pequenos prazeres da existência, de contentar-se com o suficiente. Mas, sem reconhecer antes a disposição amorosa de Epicuro frente à vida, é difícil compreender em sua profundidade o que quer dizer o prazer catastemático, o prazer como estado, que marca o modo de vida epicurista.

Na base da *ética* de Epicuro está o reconhecimento da preciosidade da vida, a afirmação de que a vida vale a pena, o sim amoroso à existência. É por reconhecer que viver é um grande bem, por sentir que é prazeroso viver quando se mantém as vistas direcionadas à beleza do mundo, que Epicuro anuncia que é possível ser feliz dispondo apenas do que é naturalmente suficiente para manter a vida. O prazer catastemático é o prazer que o epicurista busca porque é o único prazer que pode ser usufruído continuamente. Ele é o prazer da satisfação, da alegria de viver, porque tem em sua base uma disposição alegre e grata frente à vida. De toda forma, não vive satisfeito quem não encontra um bom limite para os seus desejos e se orienta em função de qualquer prazer. São desenvolvimentos essenciais da ética de Epicuro a compreensão dos desejos sob a referência da natureza, e a orientação de toda escolha e recusa a partir da inteligência prática que permite a vida prazerosa: a *phrônêsis*.

Os desejos contra os quais Epicuro se volta, e dos quais o modo de vida epicurista se coloca fora, são os que não encontram justificativa em nenhuma necessidade natural, e que,

no entanto, ocupam a vida e trazem consigo muito mais perturbações que prazeres. Os desejos por poder, por riquezas, por honras, por glórias são, para o epicurismo, não apenas vazios, mas o motivo pelo qual os homens logram sua ruína. Aqui se encontra um aspecto determinante do modo de vida de Epicuro, que o leva, inclusive, a se afastar parcialmente da cidade: a renúncia a uma vida orientada em busca de poder, de grandes riquezas materiais e de reconhecimento. É fundamental manter em mente que o epicurista leva a conclusões profundamente existenciais e efetivamente práticas a constatação de sua finitude. É por isso que ele não pode concordar em ocupar-se com trabalhos infinitos, com buscas que nunca tem fim, com desejos que nunca saciam. Ele não desperdiça sua vida com ambições que não lhe agregam mais vida, que apenas lhe roubam tempo e ameaçam perigosamente sua única oportunidade de existir. Mais que isso, Epicuro reconheceu que a busca por riquezas, reconhecimento e poder eram as causas dos grandes males sociais de seu tempo, o motivo de tantas vidas desperdiçadas em função da ganância e ingratidão dos homens frente à própria vida.

É caráter determinante do modo de vida epicurista o afastamento da cidade, o recolhimento nas comunidades epicuristas, a renúncia aos assuntos da multidão. Mas não é contra o governante, contra a *pólis* ou contra a multidão que Epicuro se volta. É contra um modo de vida que não se justifica nas necessidades da natureza, mas compromete, escraviza, desperdiça a vida. A afirmação de um modo de vida que não se orienta em função da busca pelo poder, pelo reconhecimento e pela riqueza, não se dá, no epicurismo, promovendo revoltas ou se contrapondo de forma retumbante ao poder dominante. Afirmar a vida, para o epicurista, significa apropriar-se de seu tempo que é limitado, renunciar a tudo que desperdiça a vida e que impede sua realização prazerosa; significa, enfim, viver simplesmente aprazido e alegre, reconhecendo a beleza que há em existir, e, como coroamento da vida sábia, dispor de amigos.

Efetivamente, a grande realização do projeto de sabedoria de Epicuro é a amizade. O epicurista se afasta parcialmente dos assuntos da multidão, mas se aproxima da comunidade dos amigos. Ele afirma sua vida a partir de si mesmo, e o faz junto de outros que assumem o mesmo modo de vida. É isso que faz do epicurismo, mais que uma filosofia de vida, uma filosofia vivida que se transforma em um movimento. A comunidade epicurista é uma nova organização social, que tem na amizade e no amor sua referência ética máxima. Se Epicuro renuncia a luta política na *pólis*, ele afirma, na vida que vive e junto dos que com ele convivem, uma nova política que não se orienta pela busca do poder, mas que encontra na amizade, no convívio amigável e amoroso, seu valor moral máximo. Embora não seja

objetivo da filosofia epicurista propor uma revolução, o modo de vida que o epicurista assume é, mesmo em seu silêncio, profundamente revolucionário, não apenas por suas propostas e reflexões, mas, sobretudo, porque é efetivamente vivido.

Procuramos, ao longo de toda a Dissertação, compreender e expor em seus fundamentos e em suas razões o modo de vida epicurista. Um modo de compreender e assumir a existência que é grandioso, sobretudo, em sua simplicidade, e que encontra no reconhecimento dos limites e das condições da vida o motivo suficiente para amá-la e comprometer-se gratamente com sua preciosidade. Um modo de vida frugal e ao mesmo tempo muito rico, porque permite dispor do tempo de vida, livre de obrigações sem sentido. Uma ética que pressupõe, como princípio fundamental, o compromisso consigo e com a própria felicidade, e que se coroa e se conclui na posse da amizade e na vida amorosamente partilhada. É uma filosofia, enfim, que reconhece a existência humana em sua natureza material, não transcendente e limitada, que convida para que a vida seja vista de frente, assumida em suas condições e possibilidades, sem qualquer escape idealista, e realizada prazerosamente nos grandes valores da existência: na alegria de viver satisfeito com o suficiente, na disposição grata que permite contemplar a beleza do mundo, no convívio revigorante, sereno e amoroso junto daqueles com quem se compartilha a vida.

Por fim, cabe ainda ressaltar que o epicurismo se apresenta, mais do que como uma filosofia que foi vivida, como uma filosofia viva, porque permite reflexões importantes e urgentes para este tempo. Frente ao consumismo exacerbado que orienta tantas existências e ameaça perigosamente a continuidade da vida no planeta; frente às guerras, sempre renovadas pela ganância de toda sorte e pela busca ingrata e desmedida pelo poder; frente às religiosidades perversas que seguem a instaurar temores e desperdiçar tantas vidas em prol de um fantasioso tempo ‘além túmulo’, a mensagem epicurista se mantém, quiçá, tão atual e necessária quanto foi no tempo de Epicuro. Uma sabedoria de vida como a do mestre dos jardins, aliás, por tocar em problemas e temas atemporais como o da morte, o do sentido da vida, o da felicidade e o do prazer de viver, não envelhece porque trata de questões que nunca terminam de ser respondidas, já que seguem a ser continuamente feitas e refeitas. Para a filosofia, finalmente, há uma derradeira mensagem de Epicuro: ela deve servir à vida e precisa ser acessível para que todos viventes que o desejarem possam servir-se dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- BRUN, Jean. **O Epicurismo**. Trad. Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, 1959.
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watcht. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- CÍCERO. **Do sumo bem e do sumo mal**. Trad. Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUVERNOY, Jean François. **O Epicurismo e sua tradição antiga**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- EPICURO. **Carta sobre a Felicidade** (a Meneceu). Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. **Máximas Principais**. Tradução e comentários de João Quartim de Moraes. São Paulo: Loyola, 2013.
- _____. **Sentenças Vaticanas**. Tradução e comentários de João Quartim de Moraes. São Paulo: Loyola, 2014.
- FARRINGTON, Benjamin. **A Doutrina de Epicuro**. Trad. de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- FESTUGIÈRE, André-Jean. **Epicuro y sus dioses**. Trad. Léon Sigal. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1963.
- GIGANDET, Alain; MOREL, Pierre-Marrie. (Orgs). **Ler Epicuro e os epicuristas**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2011.
- GUAL, Carlos Garcia; ACOSTA, Eduardo. **Epicuro: Ética**. Barcelona: Barral, 1974.
- GUAL, Carlos Garcia. **Epicuro**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- _____. **El sábio camino hacia la felicidad: Diógenes de Enoanda y el gran mural epicúreo**. Barcelona: Ariel, 2016.
- HADOT, Pierre. **O que é Filosofia Antiga**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999.
- HEGEL, Georg W.F. **Lecciones sobre la Historia de la Filosofia**. II. Edición preparada por Elsa Cecília Frost. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- HIRSCHBERGER, Johannes. **História da filosofia na antiguidade**. 2. ed. rev. aumen. Trad. Alexandre Correia. São Paulo: Herder, 1965.

LAËRTIOS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama. 2. ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LLEDÓ, Emilio. **El Epicureísmo: una sabiduría del cuerpo, del gozo y de la amistad**. Barcelona: Taurus, 1995.

LUCRÉCIO. **Da natureza**. Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MARX, Karl. **As filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro**. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Santos: Editorial Presença, 1972.

MELLI, Giuseppe. **La Filosofia Greca da Epicuro ai Neoplatonici**. Firenze: G. C. Sansoni, 1922.

MORAES, João Quartim de. **Epicuro: as luzes da ética**. São Paulo: Moderna, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Jean Melville. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

PÍNDARO. **Pítica III: a Hiêron**. Tradução e comentários de José Cavalcante de Souza. Revista USP, São Paulo, n.43, p. 188-201, set./nov. 1999.

PLUTARCO. **Obras Morales e de Costumbres (Moralia) XII**. Introducciones, traducción y notas de Juan Francisco Martos Montiel. Madrid: Gredos, 2004.

SPINELLI, Miguel. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Loyola, 2009a.

_____. **Sobre a autodidaxia e a autárquia de Epicuro**. Revista Archai, Brasília, n. 02, p. 169-182, jan. 2009b.

_____. **O nascimento da filosofia grega e sua transição ao medievo**. Caxias do Sul: Educ, 2010.

_____. **Epicuro e o tema da amizade: a *philia* vinculada ao *érôs* da tradição e ao *êthos* cívico da *pólis***. Revista Princípios, Natal, v.18, n. 29, p. 5-35, jan./jun. 2011.

_____. **Epicuro e as bases do epicurismo**. São Paulo: Paulus, 2013a.

_____. **Epicuro e o tema da amizade (II): a *philia* referida ao *êthos* legislador da *pólis* e ao *agápê* da virtude cristã**. Revista Hypnos, São Paulo, n. 30, p. 98-126, jan./jun. 2013b.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **Epicuro: o filósofo da alegria**. 3. ed. rev. aumen. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

USENER, Hermann. **Epicurea**. Traducione e note di Ilaria Ramelli. Milano: Bompiani, 2007.